



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ– UEM
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PATRICK APARECIDO TRENTO

**MASCULINIDADES: A EMERGÊNCIA DA ESTÉTICA MILITAR COMO
REPRESENTAÇÃO NAS PÁGINAS DO JORNAL DAS MOÇAS (1944-1945)**

MARINGÁ

2017

PATRICK APARECIDO TRENTO

**MASCULINIDADES: A EMERGÊNCIA DA ESTÉTICA MILITAR COMO
REPRESENTAÇÃO NAS PÁGINAS DO JORNAL DAS MOÇAS (1944-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ivana Guilherme Simili e coorientação da Prof.^a Dr.^a Solange Ramos de Andrade.

MARINGÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Trento, Patrick Aparecido

T795m Masculinidades : a emergência da estética militar como representação nas páginas do Jornal das Moças (1944-19450) / Patrick Aparecido Trento. - Maringá, 2017.

110 f. : il.

Orientadora: Prof.a Dr.a Ivana Guilherme Simili.

Coorientadora: Prof.a Dr.a Solange Ramos de Andrade.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

1. Masculinidades. 2. Segunda Guerra Mundial. 3. História da Moda. 4. Jornal das Moças. I. Simili, Ivana Guilherme, orient. II. Andrade, Solange Ramos, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 22. ed. 391.009

PATRICK APARECIDO TRENTO

MASCULINIDADES: A EMERGÊNCIA DA ESTÉTICA MILITAR COMO
REPRESENTAÇÃO NAS PÁGINAS DO JORNAL DAS MOÇAS (1944-1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ivana Guilherme Simili e coorientação da Prof.^a Dr.^a Solange Ramos de Andrade.

Aprovado em: Maringá, 30 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a Ivana Guilherme Simili

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Dr.^a Solange Ramos de Andrade

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Dr.^a Isabela Candeloro Campoi

Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

Dr.^a Tania Fatima Calvi Tait

Universidade Estadual de Maringá - UEM

*“[...] Back to the front / You will do what I say, when I say / Back to the front / You will die when I say, you must die / Back to the front / You coward / You servant / You blindman”
(James Hetfield, 1986).*

AGRADECIMENTOS

Apesar de constituir tarefa árdua fazer menção à todas as pessoas que de alguma forma contribuíram e possibilitaram a realização desse trabalho, alguns nomes vêm à luz com maior afinco, pois, suas atitudes e influências cooperaram de maneira impactante, não apenas no momento de sua efetiva execução, mas que estiveram ao lado desde o momento da tomada de decisão por embrenhar-se nessa empreitada.

Primeiramente, reservo um especial agradecimento a meus pais, os indivíduos que de fato auxiliaram em todos os aspectos, os reais possibilitadores não só desse trabalho como de tudo que envolve minha vida. Alguns parágrafos jamais seriam suficientes para expressar a dimensão desse apoio.

Outros que tiveram e ainda têm papel crucial para viabilizar não só essa, mas qualquer outro projeto que venha a me propor empreender, são meu mestres e professores, todos que de alguma maneira já me ensinaram algo, com notável colaboração de meus mentores acadêmicos, sejam com contatos durante a graduação ou a pós-graduação, que me proporcionaram a abertura para o mundo historiográfico, e que pela grande quantidade não há a possibilidade de serem todos citados.

Porém, dentre tantos agradeço especialmente a minha paciente orientadora Dr^a Ivana Simili, que com sua extensa carga e experiência trouxe um norte para os encaminhamentos dessa pesquisa, expandindo minha visão para os estudos de gênero e moda, me apresentando para todo um sem número de novas perspectivas

E com grande carinho e gratidão, relembro os importantíssimos momentos de intensos debates e horas de conversas a fio pelas mesas de bares da cidade travadas com os colegas: Richard Freitas, Jeferson Ribeiro, Kevin Conceição, Débora Morgado, Gabriel Galinari e Gabriel Maricatto, que merecem meu respeitoso muito obrigado pela companhia intelectual dos últimos dois anos.

RESUMO

Nessa pesquisa buscamos analisar as representações de masculinidade manifestadas pelo periódico *Jornal das Moças* (1914 – 1965), entre os anos de 1944 e 1945, período que compreende a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), tendo como centralidade a emergência da estética militarizada enquanto modelo de masculino adequado. Por entre ausências e presenças no discurso do periódico, traçamos um panorama no qual se entrelaçam as formas corporais perpassadas pela moda e a aparência, com os enunciados emitidos pelas políticas de gênero estatais e sociais, na constituição de modelos de masculinidade ajustados e alternativos às representações contidas nas páginas do *Jornal das Moças*.

Palavras-chave: masculinidades; Segunda Guerra Mundial; moda; *Jornal das Moças*.

ABSTRACT

This research aims to analyze the representations of masculinity manifested by the magazine *Jornal das Moças* (1914 - 1965), between the years of 1944 and 1945, a period that includes Brazilian participation in World War II (1939-1945). Militarized aesthetics as a suitable masculine model. Among absences and presences in the periodical discourse, it drafts a prospect that the corporal forms pervaded by fashion and appearance are interwoven with the state and social gender policies, in the constitution of masculinity models adjusted and alternative to representations restrained in the *Jornal das Moças*'s pages.

Key-words: manly; World War II; fashion; *Jornal das Moças*.

Dedico este trabalho aos meus pais:

Maria e Sebastião

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Soldado do Brasil	38
Figura 2 – Alma sã em corpo sã	41
Figura 3 – Envergue o uniforme.....	42
Figura 4 – O cantor Jorge Curi	46
Figura 5 – O Impostor: estrelando Jean Gabin	47
Figura 6 – O ator Gary Cooper	49
Figura 7 – O ator Robert Taylor	50
Figura 8 – O pracinha Carlos D’Eça	51
Figura 9 – Getúlio Vargas em Rezende.....	70
Figura 10 – Família nuclear patriarcal como modelo.....	73
Figura 11 – <i>Cartoon</i> na Europa	74
Figura 12 – <i>Cartoon</i> hierarquia	75
Figura 13 – A prece da mãe brasileira	80
Figura 14 – O apelo para a saúde	88
Figura 15 – O tônico: a saúde é um dever	89
Figura 16 – Regular-se para melhor servir à pátria	91
Figura 17 – Que Marinha alucinante	93
Figura 18 – Inspirações diretas do <i>front</i>	95
Figura 19– Influências da guerra nos chapéus de inverno.....	97
Figura 20 – Influências da guerra nos chapéus de inverno 2.....	98
Figura 21 – Jaqueta para homem: influência militar	99
Figura 22 – Estilos guerreiros... mas femininos	100
Figura 23 – Traços masculinos.....	102
Figura 24 – Traços masculinos 2.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A GUERRA E AS POLÍTICAS DE GÊNERO NA IMPRENSA FEMININA	15
1.1 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO CONFLITO	15
1.2 MASCULINIDADE E PERFORMATIVIDADE NO INTERIOR INSTITUCIONAL....	18
1.3 O DISCURSO NORMATIVO DO ESTADO NOVO E A MILITARIZAÇÃO DOS GÊNEROS.....	23
1.4 POLÍTICAS DE GÊNERO NAS REVISTAS FEMININAS: O <i>JORNAL DAS MOÇAS</i> .	27
2 A EMERGÊNCIA DO SOLDADO COMO MODELO DE MASCULINIDADE	35
2.1 O SOLDADO DO BRASIL	35
2.2 DEMARCAÇÕES FÍSICAS: O CORPO SÃO.....	39
2.3 O PRACINHA NA TELA: O ASTRO MILITARIZADO.....	44
3 POR ENTRE UNIFORMES E TERNOS: MASCULINIDADES VESTIDAS DE DISCIPLINA E ESFORÇO	53
3.1 O REVESTIMENTO VIRIL PARA A BATALHA: O UNIFORME	53
3.2 MANEIRAS DE VESTIR: IMPASSES ACERCA DO UNIFORME.....	59
3.3 TERNO: O UNIFORME CIVIL DA DIPLOMACIA	65
4 MASCULINIDADES NAS FRONTEIRAS COM AS FEMINILIDADES: ESTILOS GUERREIROS, MAS FEMININOS	71
4.1 A EDUCAÇÃO PARA O SUPORTE.....	71
4.2 O APELO PARA A SAÚDE.....	86
4.3 SINTONIA DO <i>FRONT</i> COM A INDÚSTRIA CIVIL.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
Referências	106
Fontes documentais	110

INTRODUÇÃO

O foco desse trabalho está em analisar as representações¹ de masculinidades que tiveram lugar no periódico *Jornal das Moças*, nos anos 1944 e 1945, durante o período de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Por intermédio dos signos veiculados ou mesmo silenciados pelo jornal, comportamentos e aparências, como a forma corporal ou a visualidade dos trajes, é tramado um enredo em que se ensejam propostas de normatização e adequação de um masculino apropriado, mas que por suas entrelinhas abrem espaço para a emergência de masculinos alternativos, tendo como pano de fundo a imagem militarizada do masculino, prestigiosa pelo momento beligerante em que o mundo se encontrava.

A opção por esses pontos centrais de análise se dão por diversos fatores, estão dentro de uma trajetória que ainda que não apareça diretamente redigida ou referenciada ao longo do texto, faz-se presente e sensível desde a priorização da década de 1940 no contexto da Segunda Guerra Mundial como recorte temporal, até o enfoque dado para as categorias relacionadas ao gênero, difundidas por meios impressos.

Sobre esse trajeto, certamente a primeira questão que se apresentou à mim foi o ambiente criado pela Segunda Guerra Mundial. Desde tempos do ensino básico, toda a política e o estrategismo militar, conjuntamente com a simbologia criada pelos países participantes no conflito, sempre me fascinaram, com o auxílio do encanto que as produções cinematográficas e os jogos eletrônicos referentes à guerra podem causar. Por vezes negligenciada em toda sua complexidade, a atuação do Brasil no confronto, sua relação com as políticas do Estado Novo de Getúlio Vargas, e a experiência da população brasileira, reforçaram ainda mais a predileção por esse foco temporal, visto que mesmo nos dias atuais constitui-se em uma profícua época de possibilidades a serem exploradas.

Posteriormente, as discussões de gênero tiveram porção importante em minha formação acadêmica. Mesmo antes de estar diretamente ligado às práticas de pesquisa que contemplam essas categorias, pela simples vivência acadêmica ou em círculos de debates, o contato foi constante e de modo geral mostrou-se continuamente um fértil campo de trabalho e, mais do que isso, uma perspectiva de análise iminente necessária para a sociedade brasileira atual.

¹ Noção conceitual que em Chartier remete-se ao entendimento de que a representação social é algo deliberado por categorias partilhadas entre um grupo social, e não um processo objetivo, que buscam a atender interesses específicos, com a tendência de justificar a posição social dentro de um campo histórico, ou seja, a hegemonia da visão de mundo de um certo grupo sobre outro, sempre em relação com a prática, a materialização e reconhecimento dos lugares sociais ensejados pelo universo representativo (CHARTIER, 2002, p. 17).

A escritura de uma história das masculinidades, não mais o homem como o representante universal da humanidade ou como um monólito identitário, é urgente, e conta já com um proeminente campo de estudos no Brasil (PRIORE; AMANTINO, 2013). Dois eixos principais se apresentam aqui com maior relevância: a inscrição das masculinidades na materialidade dos corpos, afora de suas dimensões biológicas, acentuados seus âmbitos históricos, sociais e culturais; e a extensão da indumentária, que como suplemento comunicativo não verbal, torce, modela, significa e ressignifica os corpos daqueles que a vestem, de maneira conjunta com a carne, compondo a materialização corpórea de um universo simbólico.

Foucault (2014) reflete acerca do foco na corporeidade enquanto palco de atuação de uma infinidade complexa de lutas, confrontos e embates entre saberes, diante do processo da produção do poder. O corpo assim expõe o cotidiano, as paixões, as impressões e contingências impostas por disciplinas e diversos mecanismos de controle, dadas na relação entre saber, poder e corpo. Para Calanca (2008), monta-se assim um valor de linguagem para a moda, abrangendo símbolos para a concepção de mensagens visuais.

Por fim, o substrato no qual irá empreender-se a análise foi definido por algumas razões. Ora, se pretendo trabalhar aspectos da corporeidade e da indumentária como extensão desses corpos a fim de compreender as representações de signos de masculinidade materializados nessa visualidade, o diálogo com os domínios da imagética faz-se indispensável. Alinhados com as tendências postuladas desde pelo menos a Escola dos Annales, tendo expressões em suas gerações de abertura na utilização das fontes, com o trabalho imagético envolto por isso como pode ser visto em Marc Bloch, Fernand Braudel e Jacques Le Goff, por exemplo. Burke (2004) estabelece um diálogo entre os meios fotográficos e de moda, destacando a importância das imagens para qualquer análise historiográfica que se veja em meio à discussão de moda e aparência.

Em um primeiro momento, pareceu mais óbvio articular fontes como fotos dos embarques e da ação dos soldados brasileiros nos campos de batalha da Europa, como os encontrados nos arquivos digitais do CPDOC/FGV², pois, de modo geral têm a figura dos combatentes militares como central e o discurso oficial das instituições governamentais como enunciados. Porém, optamos por um nexos maior entre imagem e textualidade, em que o formato dos periódicos mostrou-se pertinente. A propagação de publicidades e reportagens muitas vezes conectadas, manifestas por esses veículos de comunicação, carregam em si

² Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas.

também um propósito pedagógico em que a figura militarizada dos masculinos pode encontrar lugar para se materializar enquanto modelo de adequação masculina.

Além disso, a familiaridade com que a mídia impressa se dá no cotidiano desde a sua concepção, foi mais um impulsionador para sua utilização. Mesmo que isso venha se transformando aos poucos, com a difusão cada vez mais abrangente dos meios eletrônicos, os periódicos, revistas e jornais, desde muito cedo, causam impacto e marcam sua presença na vida da maioria das pessoas, o que não é diferente aqui. Seja em uma visita esporádica na infância ao consultório do dentista ou em recortes de caracteres para um trabalho escolar, lá se faz presente algum exemplar impresso.

Populares durante a década de 1940 no Brasil³ as revistas voltadas para o público feminino, são um grande exemplo do modo como páginas de uma publicação podem enunciar costumes, aparências e desejos, tidos como apropriados ou inapropriados. Mesmo que não se pertença ao público alvo, o contato com tais publicações não foi incomum, uma vez que, como muitos de minha geração, a dos anos 1990, observei alguém sendo ou já fui interpelado por alguns *quizzes* formulados pela bem sucedida à época *Revista Capricho*⁴.

O interesse pela utilização do *Jornal das Moças* surge ainda em 2014, ano em que completava cem anos de sua primeira publicação, e torna-se mais efetivo ao passo em que constato que de maneira geral se fez uso acadêmico do periódico para analisar formas de representação de feminilidades, tendo a busca pelas masculinidades parcela incipiente. Contudo, se há a possibilidade de traçar essas linhas nas formas que o feminino assume, conseqüentemente também se abre para o masculino, até por diversos momentos essas representações são majoritariamente anunciadas por homens. Ao falar-se de mulheres, fala-se na mesma via também sobre homens.

Outro ponto que se configurou importante foi a facilidade de acesso ao material, todo disponível em seu acervo *on-line*, digitalizado com grande qualidade e nitidez pela hemeroteca da Biblioteca Nacional do Brasil, situada no Rio de Janeiro. As plataformas digitais, como expõe Chartier (2009), constituem-se em importantes ferramentas e são grandes aliadas ao ofício do historiador nos dias atuais.

Assim, estruturalmente o texto se articula em quatro partes. Na primeira seção intitulada ‘A guerra e as políticas de gênero na imprensa feminina’, apresenta-se o contexto

³ Segundo pesquisa encomendada pelos Diários Associados em 1945, o IBOPE consultou 500 homens e 500 mulheres de diferentes classes para averiguar a popularidade de revistas nacionais e internacionais no gosto do carioca. Entre as dez primeiras figuraram três exemplares especializados em mulheres, com o *Jornal das Moças* conquistando o oitavo lugar (ALMEIDA, 2008, p. 129).

⁴ Revista da Editora Abril voltada ao público adolescente que iniciou suas publicações no ano de 1952. Hoje não conta mais com edições impressas, apenas no formato *on-line*. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/>>.

geral em que se insere o recorte temporal entre os anos 1944 e 1945, no qual formas de guerra que envolvem grandes contingentes de esforço humano e material se intensificam e transformam grande parte das relações sociais, que reverberam no Brasil devido à sua parcela de contato com o cenário da Segunda Guerra Mundial. Em seguida, articula-se os componentes teóricos que visam dar suporte ao entendimento de masculinidade proposta pelo texto, concebida como uma categoria plural e incompleta, dependente da reiteração e reforço de suas práticas e símbolos. Por último, uma breve discussão e descrição acerca da fonte e seus elementos constitutivos, tentando problematizar o uso do *Jornal das Moças* como material de trabalho.

A segunda seção, intitulada ‘A emergência do soldado como modelo de masculinidade’, introduz a emergência da estética e a conduta do soldado como tipo masculino apropriado, inscritas na ação heroica de guerra e na associação do corpo e da aparência militarizada como modelos masculinos, representando-se uso do pracinha brasileiro como referência de atitudes corretas, saúde e beleza, aliado e associado às imagens militarizadas de astros de rádio e cinema da época.

Para o terceiro segmento, de título ‘Por entre uniformes e ternos: masculinidades vestidas de disciplina e esforço’, reserva-se o exame da incorporação dos aparatos vestimentares dos principais agentes atuantes na participação brasileira na guerra, como símbolos de masculinidades adequadas, ajustando as disposições das masculinidades ao corpo do homem. O uniforme do soldado e o terno usado na política e na diplomacia, condensado na figura de Getúlio Vargas, revelam-se enquanto portadores de signos que remetem à disciplina do trabalho, a ação ordenada para o proveito da Nação, mas que nas entrelinhas de suas representações deixam escapar masculinidades alternativas, marginalizadas e silenciadas pelo discurso de nossa fonte, em exemplo, os malandros e a pluralidade heterogênea do uso de uniformes pelos brasileiros nos campos de batalha.

Na última parte, chamada ‘Masculinidades nas fronteiras com as feminilidades: estilos guerreiros, mas femininos’, é analisado a atividade de falar sobre as mulheres mediante o discurso do *Jornal das Moças* como uma prática constituinte de masculinidade presente na fonte, ditando espaços e atribuindo lugares de inserção para os modelos femininos. Ademais, a exibição de visualidades e condutas ambíguas e dialogantes por figuras de mulheres entre as fronteiras do masculino e do feminino, é a perspectiva final que se considera na observação das representações de masculinidades no *Jornal das Moças* durante os anos de 1944 e 1945.

1 A GUERRA E AS POLÍTICAS DE GÊNERO NA IMPRENSA FEMININA

1.1 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO CONFLITO

O surgimento e a instrumentalização da noção de gênero, desde a sua formulação nos anos 1970 pelas feministas, vem possibilitando pensar diversas práticas e representações em contextos históricos específicos, entre elas, a de vestir, a de se apresentar, a de criar e ostentar aparências em seus nexos sociais, culturais e políticos. Nesta parte do texto, esmiúça-se a relação que estabelecida entre o recorte temporal e as maneiras pelas quais o conceito de gênero foi instrumentalizado metodologicamente no trabalho desenvolvido sobre a fonte, o *Jornal das Moças*, com vistas a captar e entender o modelo de masculinidade que se fabrica e dissemina nos anos da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942-1945).

O recorte temporal selecionado como eixo para este trabalho (1944–1945) de maneira alguma é eventual ou aleatório, mas sim, se ajusta a contextos históricos que de modos mais amplos ou locais se fazem impactantes para os focos de análise delimitados. Como qualquer texto historiográfico que se volte para o Breve Século XX⁵, também é essa uma pesquisa que tem na guerra seu pano de fundo elementar, mais especificamente a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Apoiado em Eric Hobsbawm e John Keegan, Cytrynowicz (2000) discute como a história europeia e mundial do século XX, no plano político, foram permeadas pela guerra, principalmente com o advento da Segunda Guerra Mundial:

A guerra ocupa um lugar central na história do século 20, especialmente as duas Guerras Mundiais. A história da Europa, por exemplo, está periodizada no século 20 pelas guerras, pela guerra. Há o Pré-guerra, a Primeira Guerra⁶, o Entreguerras, a Segunda Guerra, o Pós-guerra e a Guerra Fria (e a queda do Muro de Berlim, construído em uma guerra, a Guerra Fria, por causa de outra guerra, a Segunda Guerra Mundial). Quando não há guerra, é entreguerras, é pré-guerra, é pós-guerra, mas sempre mobilização em torno da guerra (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 13).

⁵ Período compreendido entre 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, e 1991, com a queda a União Soviética (URSS), definido pelo historiador Eric Hobsbawm como recorte temporal de estudo para discorrer acerca dos eventos mais característicos do Século XX (HOBSBAWM, 1995).

⁶ Conflito armado capitaneado pelas potências da Europa entre 1914 e 1918. As agressões mútuas decorrem em grande medida pelas disputas de áreas colônias, iniciadas principalmente na última metade do século XIX (HOBSBAWM, 1995).

Os anos de 1944 e 1945 estão intimamente ligados aos eventos característicos da Era da Catástrofe⁷ apontada por Hobsbawn (1995). É a reta final⁸ de um cenário beligerante inicialmente desenhado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e seus efeitos colaterais, atravessados, dentre outros, pelo surgimento da comunista União Soviética após a Revolução Bolchevique de 1917, pela Grande Depressão Econômica de 1929, pelo imperialismo japonês na Ásia e, ainda, pela ascensão dos regimes fascistas na Europa, consolidados entre as décadas de 1920 e 1930 em seus maiores expoentes italianos e alemães.

Segundo Ferraz (2005 p. 11), a Segunda Guerra Mundial é um quadro que está relacionado “[...] às tensões provocadas pela competição entre os interesses estratégicos e econômicos das principais potências capitalistas e, não menos importante, à luta entre os defensores do comunismo e os que queriam sua contenção”. A conjuntura dos anos de conflito é a extensão violenta das disputas entre as alianças político-militares do Eixo e dos Aliados⁹.

Nações como o Brasil e os demais países da América Latina, além das periferias dos grandes centros econômicos na Europa, Ásia e África, distantes de um papel proeminente no jogo político das grandes potências em combate, relacionaram-se com a guerra aos seus próprios modos. Gravavam em torno das ideologias e do fogo imposto por invasões e anexações de territórios da guerra entre o Eixo capitaneado por Alemanha, Itália e Japão e os Aliados liderados por Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética.

O caso brasileiro carrega a peculiaridade de estar caracterizado pela presença de um modelo de governo que carregava semelhanças com os modelos fascistas do Eixo, o Estado Novo¹⁰, em aspectos de condução política autoritários e de aversão ao comunismo, mas que apoiou a luta ao lado dos Aliados, compostos por países que se apresentavam enquanto

⁷ Ínterim correspondente a parte da primeira metade do Século XX, mais especificamente marcado pelos dois conflitos mundiais, como também a emergência e queda de regimes políticos como os fascismos e o comunismo soviético (HOBSBAWM, 1995).

⁸ Momento no qual a Alemanha Nazista sofre consecutivas derrotas militares como a Batalha de Stalingrado em 1943 na URSS, marcando o início do avanço das forças soviéticas sobre os territórios nazistas, cenário agravado pelo desembarque das exércitos aliados na Normandia em 1944 (KEEGAN, 2006).

⁹ Blocos de nações adversários durante a Segunda Guerra Mundial. O Eixo, surgiu como uma aliança política declarada anticomunista por Alemanha e Japão em 1936, com a posterior incorporação da Itália no ano seguinte. Tornou-se uma aliança militar com o início das agressões bélicas alemãs na Europa em 1939, consolidando-se a partir de 1940 como um bloco beligerante liderado por Alemanha, Itália e Japão. Já os Aliados constituíram a aliança oposta ao eixo, liderados nas frentes de batalha principalmente por Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra. Destaque também para a participação de nações como França, invadida pela Alemanha, e o Brasil, único componente latino-americano dos Aliados (HOBSBAWM, 1995).

¹⁰ Regime político instaurado no Brasil entre 1937 e 1945, que liderado por Getúlio Vargas caracterizou-se concisamente pelo nacionalismo, anticomunismo e autoritarismo que apresentava. Nos planos econômicos e políticos podemos destacar práticas em direção de uma modernização e industrialização da economia brasileira à época, e questões como a regulamentação do mundo do trabalho e o uso de repressão política como forma de exercício de governo (CAPELATO, 2006).

referências democráticas como os Estados Unidos, ou de alternativas ao capitalismo como a União Soviética (CAPELATO, 2006).

Esse alinhamento brasileiro para com os Aliados, e de modo mais incisivo com os Estados Unidos, já era esboçado desde o início do conflito, quando da abertura da frente de combate no mar Mediterrâneo em 1940, tendo o Eixo submetido ao seu controle a região do Norte da África e suscitado a possibilidade do uso de bases aéreas e portuárias francesas nas partes mais ocidentais da costa africana, como o Senegal. Desse modo, a América e seus recursos ficariam mais vulneráveis a invasões dos agressores europeus, já que suas porções mais orientais localizadas no nordeste do Brasil poderiam ser atingidas em algumas horas de voo partindo desde a África (FERRAZ, 2005, p. 12).

A efetiva participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial primeiramente consumou-se de forma nominal com a declaração de guerra ao Eixo em 22 de agosto de 1942, após sucessivos bombardeamentos de embarcações comerciais brasileiras em águas territoriais por submarinos alemães. Em um acordo de cooperação e cessão de bases militares no nordeste para os estadunidenses, o Brasil envolve ainda em sua agenda de guerra a defesa de sua costa marítima e o envio de tropas para o combate direto na Europa, mais particularmente em solo italiano, executada a partir de 1944 pela Força Expedicionária Brasileira, que ainda estava por ser organizada, de tal modo que a guerra chega aos brasileiros (FERRAZ, 2005, p. 13).

Um importante ponto é configurado. Nas potências mundiais beligerantes, o conceito de guerra total¹¹, que mobiliza todos os setores sociais de um povo, suas energias e forças, é durante a Segunda Guerra Mundial consolidada perante o mundo. De modo geral, seria uma tarefa no mínimo árdua encontrar aspectos da vida cotidiana conduzida nos palcos da guerra que não sofreram alterações, dando feitiço a formas de agir e pensar agora marcados pela presença dos horrores e das necessidades do esforço que a guerra moderna do século XX trouxe.

Nesse sentido, também as relações entre os gêneros sofreram sensíveis impactos por conta do modelo industrial de combate, como a urgência do emprego feminino fora do lar, temporariamente na Primeira Guerra Mundial e de forma definitiva no segundo conflito nas potências diretamente envolvidas (HOBSBAWN, 1995, p. 42). Modificam-se as formas como

¹¹ Conceito no qual é definida a prática belicosa de um grupo em que se mobiliza integralmente recursos materiais e humanos, entre civis e militares, para o esforço de guerra. Notadamente uma aplicação de guerra moderna, teve seu maior exemplar durante a Segunda Guerra Mundial (HOBSBAWN, 1995).

as masculinidades e as feminilidades se entendem e se ajustam, tendo muitas vezes terreno fértil para serem imbricadas em meio aos rearranjos que a guerra é capaz de propiciar.

Ordenamentos de conduta são postulados, enunciados são lançados na organização e normatização dos papéis a serem desempenhados nas relações entre os gêneros, influenciados pelo quadro de conflagração de hostilidades causado pela guerra. Considera-se aqui, então, o contexto global conflituoso presente entre 1944 e 1945 e a experiência brasileira na Segunda Guerra, apesar de mantida relativamente fora da guerra total, como um tempo profícuo para empreender uma análise que busca formas nas quais os discursos sobre masculinidade são propostos e performados.

Atenta-se ainda para a problemática primeira dos modos em que se empreenderam a emergência de constituições culturalmente inteligíveis de ser homem, dentro das próprias categorias de possibilidades masculinas que se ajustam a uma corporeidade normativa, como também as que ensaiam masculinidades localizadas na exterioridade do hegemônico. Não apenas interessam as construções normativas como determinantes das formas masculinas, mas, também, todas as porosidades dos discursos entram no radar desta pesquisa como constituintes de enunciados possíveis de uma pluralidade de masculinidades.

1.2 MASCULINIDADE E PERFORMATIVIDADE NO INTERIOR INSTITUCIONAL

Debruçar-se sobre o masculino sob alguns pontos de vista talvez possa parecer algo óbvio. Tal como em Pascual (1995, p. 152), a relação entre o complexo ‘sexo-gênero’¹² apresenta e propõe-se como natural, e é uma das categorias identitárias mais diretamente ligada à dependência dos fatores naturais e biológicos, caracterizando as relações de gênero como o desenvolvimento inexorável de características primárias, próprias da condição sexual de machos ou fêmeas.

Bourdieu (2014) ao analisar uma das faces das relações entre os ‘ideais regulatórios’¹³, a da dominação do masculino sobre o feminino, chega a postular que:

É a concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a conformação do ser e as formas do conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito, que torna possível esta referência ao mundo

¹² Noção encontrada em Pascual (1995) referente ao entendimento dos papéis sociais atribuídos para cada gênero enquanto inexoráveis, como desenvolvimentos culturais inevitáveis da natureza de cada sexo.

¹³ Ideal que delimita, marca e produz os corpos, delimitando por meio da reiteração de práticas a materialização de normas, uma condição adequada de existência, como no caso da diferenciação sexual (BUTLER, 2003).

que Husserl descrevia com o nome de “atitude natural” ou de “experiência dóxica”. (BOURDIEU, 2014, p. 21-22).

O autor chama atenção para o reconhecimento dos discursos normativos enquanto inatos, não se fazendo perceber os processos históricos pelos quais se configuram essas categorias, experienciados como naturais e dóxicos, uma resposta da dependência de uma essência biológica.

Os binômios como homem e mulher condensados a partir de elementos culturais, caros a cada distinta sociedade, moldam-se em padrões hegemônicos de existência e, assim, ordenam e normatizam as relações entre gêneros. Alguns estudos que têm a masculinidade como centro de análise também recorrem às noções que “[...] sustentam que categorias como varão ou mulher são pensadas como algo dado, sem elaboração teórica e muitas vezes localizadas em um entorno naturalístico, mais que social” (MARTINI, 2002, p. 21).

Identidades masculinas tidas como universais, autossuficientes e dotadas de ação individual, são afirmadas ao longo da história, narrativas essas escritas até não há muito tempo esmagadoramente pelos mesmos homens que postulavam-se como exemplares representantes da humanidade. Como o sujeito fundamentado pelo Iluminismo geralmente classificado como homem, em que caracterizando-se pela continuidade e permanência “[...] o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 2005, p. 11).

Porém, há várias argumentações para o que é masculinidade, e não são apenas dessas universalidades, de um destino biológico mostrado implacável envolto em uma naturalidade, que se trata o entendimento aqui apresentado de masculinidades. Martini (2002, p. 12), assinala que desde a década de 1970 são elaborados trabalhos conhecidos como *Men's studies*, que consistem em abandonar o homem como tipo ideal humano e examinar as masculinidades e suas experiências como específicas de cada formação sócio-histórico-cultural.

Concebemos, desse modo,

Homens cuja masculinidade, longe de ser natural, foi socialmente e historicamente construída. Trata-se de uma história plural, na qual a masculinidade não é um dado ‘natural’, mas uma variável edificada de acordo com as diferentes temporalidades, áreas geográficas, diferenças de classe, religião e orientação sexual de cada um. De masculinidade confrontada com padrões de comportamento e representações do que era, no passado, ou é, no presente, ‘ser homem’. (PRIORE, AMANTINO, 2013, p. 9).

Intenta-se, dessa forma, perceber a representação dos comportamentos e das imagens masculinas e seus atributos construídos afora de direções rígidas únicas, mas como constituintes de formas sociais que priorizam alguns valores em detrimento de outros, que possibilitam ocultações e alternativas para o que é normativo. Para além das captações dos ideais regulatórios como representações de masculinidades apresentadas na qualidade de modelos adequados a serem seguidos, a conformação de masculinidades alternativas ao discurso normativo da fonte estudada, mesmo que pelo silêncio e ausência dessas possibilidades nos enunciados oficiais, surgem também enquanto elementos pertinentes na configuração de uma performatividade masculina influenciada pela militarização que o contexto da segunda Guerra Mundial propiciou, com maior significância para os aspectos da moda, aparência e comportamento social.

É necessário ainda reconhecer os conflitos que permeiam as feições em que se apresentam as masculinidades desde suas constituições, não recorrendo para o artifício da suposição de uma maior diferença do que aproximações nas categorias que envolvem os gêneros. Os contrastes dos processos históricos que desenvolvem masculinidades devem ser postos em jogo, em face das relações de poder estabelecidas (MARTINI, 2002, p. 13).

Adotaremos sujeitos normativos que enunciam discursividades, mas que não possuem efeito perene de um ato único, determinando ou construindo permanentemente qualquer estrutura social. A concepção de normas acerca das masculinidades será entendida enquanto atividade, que acontece na incompletude da necessidade de reiteração constante dessa normatividade, que garante inteligibilidade cultural do que é masculino e por sua vez pontua e exclui aquilo que não é inteligível e passível de ser masculinidade, estabelecendo uma permeável fronteira que possibilita o irromper das margens suprimidas do discurso normativo no interior dele próprio (BUTLER, 2003).

Surgem redefinições de fronteira que oportunizam masculinidades alternativas e diversas, que se justapõem em meio a categorias como, dentre outras, classe social, etnia e gênero. O exterior que se mantém na borda das masculinidades providas de sentido, carrega a potência de deslocar, pela ação humana, significados regulatórios já formulados na zona íntima de contato que a noção de performatividade enseja, na força que contém de materializar normas em masculinidades tangíveis e viáveis culturalmente por meio do reforço e repetição desses desígnios de conduta. (BURGOS DÍAZ, 2008).

Ainda em Martini (2002, p. 10-11), citando o trabalho de Connell (1995) que postula a ‘sociologia política do varão’, na qual serão definidas as particularidades multidimensionais da masculinidade, descartando toda singularidade de um núcleo verdadeiro do masculino, são

considerados tanto os símbolos e representações sociais, como os processos de negociações que as práticas do masculino e dos gêneros em geral organizam. Integram-se os espaços institucionais e suas redes de poder no desenvolvimento das masculinidades: Estado, família, escola e mercado de trabalho são exemplos de lugares proeminentes de produção institucional dos masculinos.

O governamental, que no contexto apresentado tem no Estado Novo e em seu projeto de homem a sua expressão, além dos discursos pedagógicos, diretamente ligados ao governo, das revistas femininas¹⁴ circulantes no Brasil na década de 1940, em especial do periódico *Jornal das Moças*, representam os sujeitos discursivos da pesquisa, que apesar de significativos para a compreensão dos discursos acerca das masculinidades, também denotam a parcialidade desse recorte, no qual se centrarão os aspectos dos planos da aparência e da moda no intento de captar manifestações do masculino.

O *Jornal das Moças*, como imprensa direcionada aos segmentos femininos, fazia veicular em suas páginas as representações que norteavam as relações entre os gêneros por meio da abordagem de assuntos concebidos como adequados aos femininos, tais como moda, culinária e vida social. Neles, os modos de ser e de se conduzir como mulheres apresentavam-se tendo em mira as funções de filha, noiva, esposa e mãe, portanto, nos desempenhos de papéis nos relacionamentos com os pais, os namorados, os noivos, os maridos e os filhos.

Lugar institucional presente com força no desenvolvimento de performatividades¹⁵ masculinas, o Estado molda políticas vinculadas a seu projeto de governo que terá na imprensa, entre elas, a feminina, os mecanismos de divulgação de representações sobre masculinos e femininos. No Brasil do Estado Novo, o programa varguista voltado para colocar o país em posição de destaque na modernidade industrial, colocou o apreço ao trabalho e sustento da família, a força física e a retidão moral, aspectos associados ao modelo viril de masculinidade enquanto desejáveis e deveras alardeados por uma certa dose de propaganda, pontos acentuados pela entrada brasileira na Segunda Guerra Mundial em 1942.

Conjuntamente, o papel pedagógico e normativo da família auxilia no estabelecimento de normas para o masculino. As revistas femininas circulavam pelos lares brasileiros, o que coopera para a elaboração do discurso doméstico sobre ser homem. Os periódicos de maior

¹⁴ Periódico que tem como público alvo mulheres e que em seu padrão base “se ocupa de assuntos mundanos, domésticos e frívolos, divulgando e sugerindo condutas femininas pautadas na imagem da mulher moderna de classes mais abastadas: a mulher que se preocupa com o lar, com a vida em sociedade, mas que não estende suas preocupações além dos cuidados com a casa, os filhos e o marido e com algumas festas religiosas ou pagãs, como o mês de Maria ou com o Carnaval, por exemplo.” (ALMEIDA, 2008, p. 126).

¹⁵ Conceito que em Butler possibilita a manutenção dos gêneros e suas aparências estáveis. É a repetição e reforço de comportamentos, gestos, símbolos, dentre outros, que conservam e dão forma aos gêneros como eles nos são apresentados (BUTLER, 2003).

tiragem divulgavam normatividades consonantes aos do Estado Novo. Eis o artigo 15 do Estatuto da Família de 1941:

O Estado impedirá que, pela cátedra, pelo livro, pela imprensa periódica, pelo cinema, pelo teatro e pelo rádio, ou ainda por qualquer meio de divulgação, se faça, direta ou indiretamente, toda e qualquer propaganda contra o instituto da família ou destinada a estabelecer restrições à sua capacidade de proliferação”. Mas, não bastava proibir, era necessário incentivar: assim, o estatuto estabelecia para o Estado a responsabilidade de favorecer, “de modo especial, o desenvolvimento das letras e das artes dignamente inspiradas no problema e na existência familiar, e utilizará os diferentes processos de propaganda para criar, em todos os meios, o clima moral propício à formação, à duração, à fecundidade e ao prestígio das famílias (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 128-129).

Afinam-se os discursos do Estado, família e das mídias impressas, que no momento, dialogavam fortemente com o cinema, o rádio e o teatro, comunicação essa encontrada em abundância no *Jornal das Moças*. Não devem ser esquecidos os controles das comunicações e das manifestações artísticas desenvolvidas pelo governo Vargas e que tinham no Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP¹⁶, os mecanismos para a difusão de imagens, ideias e representações favoráveis ao governo e ao governante. Disso decorre que, tais representações, como fundamentadas nas ações e participações dos homens públicos, quando divulgadas na imprensa se constituíam em apoio às políticas de gênero. Por intermédio das notícias sociopolíticas que circulavam no *Jornal das Moças*, entre as quais as ações de Getúlio Vargas e de seu governo, representado pelas atuações dos homens públicos que participavam de seus ministérios, as posições e os posicionamentos dos homens e das mulheres diante do conflito mundial eram disseminadas.

Nesse sentido, as páginas do jornal se constituem em vetores para a compreensão de como os atributos de homens e mulheres foram constituídos em atribuições que definiam papéis e desempenhos como masculinos e femininos diante e durante o conflito mundial; como uns e outros deviam se integrar e trabalhar pelas causas governamentais que tinha nos soldados um poderoso instrumento político e ideológico de coesão nacional e de constituição de modelos de masculinos e de masculinidades viris.

¹⁶ Órgão governamental criado pelo Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939, durante a vigência do Estado Novo, com o objetivo de difundir a ideologia estado-novista e promover pessoal e politicamente o chefe do governo, bem como as realizações governamentais. Constituiu-se, desta forma, no porta-voz oficial do regime. Foi extinto em 25 de maio de 1945, pelo Decreto-Lei nº 7.582, que criou o Departamento Nacional de Informações (DNI) (ABREU, 2001).

Assim, conforma-se o ambiente em que jogam instituições e individualidades, apresentando, com vistas ao momento histórico, modelos para as masculinidades em um processo de eleição e exclusão de valores bem quistos ou indesejáveis para ser homem. Na incompletude da materialização dessas normas, são contempladas as possibilidades de desvios do discurso institucional, deslocando as fronteiras do que se veicula hegemônico pela marginalidade do próprio discurso, mesmo que silenciosamente, fornecendo suporte também para o desenvolvimento de masculinidades nas suas dimensões alternativas.

1.3 O DISCURSO NORMATIVO DO ESTADO NOVO E A MILITARIZAÇÃO DOS GÊNEROS

Capelato (2006, p. 109) define que a formação do Estado Novo se deu “[...] em decorrência de uma política de massas que se foi definindo no Brasil a partir da Revolução de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder”. De inspiração notadamente europeia, especialmente os modelos italiano e alemão, o Estado Novo se propunha a ser forte e autoritário, encarregado de promover o progresso dentro da ordem, sendo quase uma antítese, uma alternativa, aos modelos liberais proeminentemente presentes até a Primeira Guerra Mundial, em meio aos fantasmas da Revolução Russa e do anarquismo dos anos 1920, figura forte no terreno político brasileiro da época.

O processo de crise econômica desencadeado pela depressão de 1929, afetando em grande medida as exportações cafeeiras, que no período representavam parte substancial da totalidade das vendas do país ao exterior, ajudou a acelerar o debate em que a questão do manifesto atraso do Brasil perante às modernas economias industriais foi posto em pauta, aliado à ideia acerca da inépcia das políticas liberais de superar essa situação. Após o golpe de 1937¹⁷, apoiado por instituições antidemocráticas como o Exército, redimensiona-se o conceito de identidade nacional, proposta então enquanto identidade coletiva, sentida na partilha com seus compatriotas e integrada à imagem do líder carismático, consolidando uma política de massas que buscou legitimação especialmente por meio da propaganda. (CAPELATO, 2006, p. 110)

Como o próprio nome do regime nos revela, as políticas de massas propostas pelo advento do Estado Novo se apresentam como uma renovação das antigas práticas que tinham

¹⁷ Golpe liderado por Getúlio Vargas e apoiado pelos setores militares que buscava o continuísmo de Vargas na presidência, instigada pelo combate ao comunismo, iniciando-se nesse ponto o regime conhecido por estado Novo, que duraria até 1945 (CAPELATO, 2006).

lugar no Brasil de antes. Projeções para as masculinidades não escaparam aos planejamentos de Vargas e sua equipe:

Nas representações do Estado Novo, a ênfase no novo era constante: o novo regime pretendia criar o homem novo, a sociedade nova e o país novo. O contraste entre o antes e o depois era marcante: o antes era representado pela negatividade total e o depois (Estado Novo) era a expressão do bem e do bom. Havia promessas de um futuro glorioso. (CAPELATO, 2006, p. 123).

Um novo homem é concebido. Porém, que homem é esse? O que ele traz de original que o faz ser portador da esperança de um futuro melhor? Uma das chaves para traçar algum retorno a essas questões reside no entendimento dos processos pedagógicos que orientaram o intento da criação desse homem novo. Acerca do assunto, Capelato (2006) divulga o tópico sobre a educação retirado do livreto *O Brasil é Bom*, destinado à formação cívica de crianças:

O menino, para ser um bom brasileiro, deve também saber ler. Um homem sem instrução é um homem infeliz... Por isso o governo não quer que haja brasileiros que não saibam ler. Por que o governo não quer? Porque o governo é amigo dos brasileiros e não gosta da ignorância [...] (CAPELATO, 2006, p. 124 *apud* CAPELATO, 1998, p. 219).

A primeira pista dada revela que a alfabetização é crucial para a construção do homem novo, a masculinidade no regime de Vargas passa pelo abandono da ignorância e move-se por entre o caminho das letras. Há de se abandonar a ‘desordem’ do analfabetismo para uma vida plena e feliz, pois, para ser adequado e bom, deve-se dominar a competência da leitura. A entrada na modernidade do homem brasileiro estava associada ao adestramento pedagógico que a instrução escolar era capaz de proporcionar, ponto bastante explorado pelo então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, que atuou nesse cargo entre 1934 a 1945.

O modelo educacional elaborado pelo Ministro trazia consigo claros norteamentos em direção à distinção ao que seria aplicado para as feminilidades e para as masculinidades. Recomendava-se tratamentos específicos para cada gênero, intensificando os pontos considerados particulares a homens e mulheres, ministradas por intermédio da Lei Orgânica do Ensino Secundário¹⁸.

Os programas devem ser organizados com a conveniência educativa de cada sexo. Certos programas não podem deixar de ser idênticos. Em outros, far-se-á a distinção não na matéria mas nas instruções pedagógicas. Em outros, a

¹⁸ Decreto-lei de 1942 que visava regular as diretrizes do ensino escolar no Brasil, prevendo desde os objetivos básicos de formação cidadã, até os componentes curriculares gerais das disciplinas científicas. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-133712-pe.html>.

distinção será recomendada em tudo, recomendações pedagógicas e matéria a ensinar (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 124-125).

O discurso estatal acerca dos valores a serem passados pela educação formal para as masculinidades em muito se aproximam das aspirações que vão ao encontro da formação de bons chefes de família, que agiam no mundo público e proviam suas famílias com o suor de seus trabalhos. Schwartzman, Bomeny e Costa (2000, p. 125) pontuam um exemplo desses aspectos que a educação masculina contemplaria:

Os excertos que visarem à educação das crianças do sexo masculino procurarão enaltecer aquela têmpera de caráter, a força de vontade, a coragem, a compreensão do dever, que fazem os grandes homens de ação, os heróis da vida civil e militar, e esses outros elementos mais obscuros, porém, não menos úteis à sociedade e à nação, que são os bons chefes de família e os homens de trabalho, justos e de bem.

Homens apropriados e ajustados ao masculino do Estado Novo são homens que assumem compromissos corajosos, carregam em si o dinamismo viril do cumprimento de seus papéis, e por esses motivos se prestam ao desenvolvimento nacional, estão afinados ao emergente homem estado-novista, são ‘justos’ e ‘de bem’, liderando seus núcleos familiares ao se dedicarem ao labor.

Pinsky (1993) fornece uma visão dos principais periódicos femininos circulantes pelos lares brasileiros entre 1945 e 1964. Nesse tempo ainda normatizava-se as masculinidades enquanto chefes de família, que apoiados em sua capacidade de trabalho conseguiam a manutenção da felicidade conjugal, ou de seu ideal. O trabalho feminino, ainda que possível, é somente auxiliar e subordinado ao masculino, aquele responsável por efetivamente prover o lar (PINSKY, 1993).

O trabalho permite o bom funcionamento da família que, por sua vez, é fonte abundante de nobres valores morais, dos quais também depende a prosperidade e prestígio de uma nação. O decreto-lei 3200 de 1941¹⁹ sugere que, quando direcionados para a educação da prole, a formação moral completa a dupla competência da família como geradora de população e de fortes princípios (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 127).

A inspiração nos ‘heróis da vida militar’, dito por Gustavo Capanema, não apenas reservar-se-ia ao plano de um enunciado manuscrito. Para a educação das masculinidades a

¹⁹ Decreto que regulamentava as relações legais do casamento civil e questões familiares, dentre as quais o pagamento de pensões alimentícias, repartição de bens e o reconhecimento de filhos. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3200-19-abril-1941-413239-norma-actualizada-pe.html>.

pedagogia elaborada pelo Exército ganhou lugar crescente a partir de 1930, fomentada pelo interesse do governo e dos setores católicos em inscrever o novo homem nas matrizes masculinas brasileiras, formalizada na educação cívica, moral, religiosa, familiar e nacionalista, fazendo com que as diretrizes educacionais militares excedessem os muros das casernas e ampliassem as suas influências cada vez mais às práticas para além dos quartéis (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 84).

As bases para a inculcação dos princípios da disciplina, obediência, organização, respeito à ordem e às instituições foram formadas pela concepção do exército e do serviço militar obrigatório enquanto instrumentos para estabelecer a coesão social, nivelando os diversos setores sociais masculinos na civilidade primária do asseio, da higiene e do cuidado muscular, legitimados simbolicamente nos ideias de Olavo Bilac²⁰ em inícios do século XX (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 84-85).

Com essas inclinações, segurança nacional e educação estão em relação direta no Estado Novo. Defendia-se uma mentalidade capaz de pensar militarmente, embebida do espírito do exército, integrado à nação, confundido com o próprio Estado e a população, pois seria o garantidor institucional da conservação nacional, deixando para trás o anacrônico pacifismo das experiências liberais. (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 87).

O civismo do amor patriótico, da hierarquia e da ordem militar trabalhariam em prol do afastamento de perigos ao país, como as ameaças ideológicas do comunismo e da ingenuidade pacífica que despreparava o povo para o enfrentamento de dificuldades externas, com as que viriam ocorrer a partir da iminência de uma agressão aos territórios da América pelo Eixo. O General Eurico Gaspar Dutra²¹, no ano de 1939, em documento enviado ao presidente Vargas define que:

O problema da educação, apreciado em toda a sua amplitude, não pode deixar de constituir uma das mais graves preocupações das autoridades militares. [...] O Brasil reclama um sistema completo de segurança nacional, o que pressupõe fundamentalmente, uma entrosagem dos órgãos militares com os órgãos federais, estaduais e municipais, incumbidos da educação e da cultura. Nunca se tornou tão imperativa, como no atual momento, essa necessidade. E, não obstante, assinalam-se, no setor pedagógico do Brasil, muitos obstáculos a serem vencidos, para que o objetivo da política de segurança nacional possa ser completamente alcançado. (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 86)

²⁰ Escritor brasileiro que viveu entre 1865 e 1918, tido como um dos ideólogos do nacionalismo estabelecido em grande medida durante a década de 1930 e 1940 com o Estado Novo (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000).

²¹ General brasileiro com grande participação na campanha brasileira durante a Segunda guerra Mundial. Posteriormente se torna o primeiro presidente eleito após a queda do Estado Novo (ABREU, 2001).

O maior exemplo para a assimilação do militarismo na educação dos jovens eram as experiências dos países europeus de feições totalitárias, entretanto, tendo mesmo entre seus defensores reações tementes a exacerbação de uma mentalidade agressiva e gregária, apenas orientada ao cumprimento de ordens.

Mesmo que não se aplique em completude, a partir das resistências por parte de professores e setores ligados ao pensamento dos processos pedagógicos no Brasil, a educação formal conduzida por têmperas militares encontra um ambiente propício para se estabelecer no país a partir de 1937 (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 88-89). Há, portanto, um clima institucional em que a imagem militarizada do soldado encontra farto campo para se constituir como modelo simbólico, derivada de políticas para a militarização da sociedade. A masculinidade das prerrogativas oficiais encontrava lugar de condensação na figura do soldado, aquele que trabalhava duro e que, assim, tornava-se um expoente da disciplina e da hierarquia que norteava o homem do Estado Novo.

1.4 POLÍTICAS DE GÊNERO NAS REVISTAS FEMININAS: O *JORNAL DAS MOÇAS*

As principais fontes de pesquisa, substrato central para apanhar e captar representações de performatividades militarizadas do masculino, serão alguns números da revista feminina *Jornal das Moças*, folhetim que circulou pelas principais capitais e cidades brasileiras, habitualmente às quintas-feiras, iniciando o seu período de veiculação em 1914, tendo fim apenas no ano de 1965, perpassando diversas fases da História do Brasil e, dessa forma, contemplando cronologicamente diversas transformações culturais, sociais e políticas. Assim, dentre os períodos contemplados, retratou-se a Era Vargas, em especial os anos entre 1944 e 1945, nos quais os números do periódico, voltados para o público feminino, também veicularam modelos de masculinidade associados ao conturbado contexto belicoso, no qual ampla parte do globo se encontrava.

Como afirma Almeida (2008, p. 120), o surgimento do *Jornal das Moças* e de outras revistas femininas se dá em meio à Belle Époque brasileira²², atravessando períodos de crescimento industrial, de vívida censura com a criação do DIP e relevantes transformações políticas, tais como o direito feminino de votar e ser eleita e a regularização dos direitos

²² De modo geral foi um período histórico de transformações culturais de inspirações modernistas iniciado na França em finais do século XIX e perdurando até o início da Primeira Guerra Mundial em 1914. No Brasil reverberou desde o fim do período imperial em 1889, influenciando a produção cultural do país até os fins da República Velha em 1931 (PIRES, 2016).

trabalhistas com Consolidação das Leis Trabalhistas, a CLT²³, após o advento do Estado Novo, ainda que nem sempre se enxergue com nitidez os reflexos desses quadros de mudanças sociais dentro do periódico, pela insistente orientação editorial de abordar temas considerados “leves” e apropriados para o público alvo feminino, circunscritas primariamente aos temas privados do lar. Entretanto, mesmo pelas ausências ou, em alguns casos, pelas presenças, muito se comunica dos contextos políticos e sociais presentes à época e os posicionamentos e vínculos que o *Jornal das Moças* estabelecia com esses cenários.

A autora pontua que o periódico, pelas características editoriais apontadas anteriormente,

Enquadra-se perfeitamente no estereótipo da revista feminina e, assim, se ocupa de assuntos mundanos, domésticos e frívolos, divulgando e sugerindo condutas femininas pautadas na imagem da mulher moderna de classes mais abastadas: a mulher que se preocupa com o lar, com a vida em sociedade, mas que não estende suas preocupações além dos cuidados com a casa, os filhos e o marido e com algumas festas religiosas ou pagãs, como o mês de Maria ou com o Carnaval, por exemplo. Essas eram, então, as civilidades insinuadas o/ou prescritas pela Revista. (ALMEIDA, 2008, p. 126).

Ainda sobre o *Jornal das Moças*, Albuquerque (2015) diz:

Jornal das Moças foi uma revista carioca que entrou em circulação no ano de 1914 e circulou até o ano de 1965, sempre às quintas-feiras, nas capitais e em algumas cidades do interior do Brasil. Sua edição era feita pela Empresa Jornal das Moças – Menezes, Filho & C. Ltda e dirigida por Álvaro Menezes e Agostinho Menezes. Nela encontravam-se colunas com assuntos sobre decoração do lar, receitas culinárias noções de higiene, dicas de conquista afetiva, felicidade conjugal, manutenção do casamento, além de fotos da alta sociedade carioca e notícias com atores e atrizes hollywoodianos que serviam para construção de modelos, de mitos de época. Era um semanário ilustrado que passou por períodos históricos distintos e, conseqüentemente, por processos culturais e políticos também. O *Jornal das Moças* se enquadrava no tipo de folhetim que propagava o estereótipo de “mulher ideal”, como se encaixava no modelo de revista feminina que se fecha na fórmula consagrada de amiga-conselheira, confidentes entre si e com predominância do suposto universo feminino, como o lar e questões do coração (ALBUQUERQUE, 2015, p. 2-3).

Enquanto conselheira, definida como uma fonte de saber para as ocasiões em que não se sabe o que fazer, o *Jornal das Moças* é personificada na qualidade de uma amiga que

²³ A Consolidação das Leis do Trabalho é uma norma legislativa que visa a regulação das relações trabalhistas no Brasil com base no Direito do Trabalho. Foi “aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a CLT das Leis do Trabalho (CLT) encontra-se em vigor desde 10 de novembro do mesmo ano (ABREU, 2001).

fornece com propriedade os passos a serem seguidos por suas leitoras, em um projeto pautado na moralidade cara à conservação do núcleo familiar.

Importante destacar que em conjunto com o *Jornal das Moças* outras revistas estavam em publicação, com elementos em convergência, trabalhando em linhas editoriais de grandes similitudes.

Entre as revistas femininas que circularam durante a primeira metade do século XX, estavam a *Revista Feminina* (1914), *A Cigarra* (1914), *Única* (1929), *Vida Doméstica* (1935), *Eu sei tudo* (1933) e *Jornal das Moças* (1914). Chamaram-nos atenção especialmente pelo conteúdo e pelo maior tempo de circulação a *Revista Feminina* (1914-1936) e o *Jornal das Moças* (1914-1965) (ALMEIDA, 2008, p. 15).

A cobertura geográfica da revista era extensa, atingindo todas as regiões do país, tendo, entre outros, presença nos estados do Acre, Amazonas, Alagoas, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina, Rio grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Bahia, Santa Catarina, Estado do Rio, Mato Grosso e Sergipe²⁴.

A opção pelo *Jornal das Moças* como um dos interlocutores de modelos masculinos se deu pelo fato de que apesar de uma já extensa bibliografia que analisa as dimensões das feminilidades nesse periódico, são ainda incipientes trabalhos que levam em consideração as constituições performativas que as masculinidades são representadas em suas páginas, bem como justaposições nas fronteiras dos discursos e relações entre masculinos e femininos, sejam esses confrontos explícitos ou silenciosos.

Efetivamente, todos os exemplares lançados entre os anos de 1944 e 1945, e mesmo que não apareçam diretamente citados no corpo do texto, contribuiram para o desenho de um panorama contextual mais dilatado dos assuntos, tendências editoriais e discursos presentes no *Jornal das Moças*, servindo ainda para que, em alguns momentos, fossem identificados certos padrões publicitários, de autoria e estruturas das colunas do jornal, que revelam aspectos da própria composição socioeconômica do periódico, isto é, quem fala, de onde fala e para quem fala.

Outro elemento de grande importância para a eleição do *Jornal das Moças* como *corpus* de exame foi a facilidade de acesso ao material, que se encontra digitalizado com boa qualidade e quantidade de números em cada ano (excetuando-se os anos entre 1962 até 1965), no acervo digital da hemeroteca da Biblioteca Nacional. Desse modo, o alcance ao material

²⁴ O custo dos exemplares do *Jornal das Moças* já em 1943 eram de Cr\$ 1,50 para os números comuns e de Cr\$ 3,00 para os especiais. Vale destacar para efeito de entendimento do quão acessível era a publicação, que o salário mínimo em dezembro de 1943 era de Cr\$ 380, 00 (ALMEIDA, 2008).

foi feito por meio do formato digital, sem qualquer contato com exemplares físicos, levando assim consigo as vantagens e desvantagens desse contato com as fontes, como a conveniência da rapidez no trato de um grande volume de números ou, por outro aspecto, deparar-se com fragmentos e trechos ilegíveis pela situação em que se encontrava o material de origem das folhas digitalizadas.

Assim sendo, as especificações técnicas das fontes, como tamanho dos exemplares, materiais de impressão, gramatura ou variedade de cores não puderam ser diretamente examinadas, pois, como já dito, todo o acesso foi possível uniformemente por imagens digitais em preto e branco, perdendo muitas possibilidades de descrições que tornam o trabalho com as fontes mais rico e complexo. Para desenvolver esses aspectos foi necessário recorrer a instrumentos bibliográficos que conseguiram um contato mais imediato com os volumes físicos do *Jornal das Moças*, nos servindo de relato secundário acerca das dimensões técnicas da publicação.

Mais uma vez o trabalho de Almeida (2008) foi de grande valia ao apresentar diversas informações técnicas referentes ao *Jornal das Moças*. As disposições de propagandas, textos, imagens ou localização de colunas permanentes durante os anos compreendidos na análise dos materiais, nem sempre respeitam padrões e, em alguns casos, se organizam de forma desconexa, por exemplo, com publicações que se iniciam em uma página e terminam em diferentes páginas ao longo da revista, não necessariamente nas seguintes, mas com grande espaçamento, o que pode denotar uma estratégia para prender o leitor em folhear mais o exemplar, ou uma sistematização anárquica dos arranjos gráficos.

Em uma visão mais estratégica em relação à eleição dessa fonte, os materiais periódicos impressos figuram como portadores de relevantes vestígios para qualquer análise histórica. Fontes como o *Jornal das Moças* permitem que se mire e interprete múltiplas extensões das realidades históricas de um tempo e, nesta pesquisa, como pertinente na apresentação de discursos acerca de performances do masculino, atuando em um sentido pedagógico.

Dimensiona-se a trama contida no *Jornal das Moças* por entremeio da educação, que mediante o suporte textual postula um discurso de civilidade, de paradigmas para a performance dos gêneros, agindo na propagação de normas sociais, mesmo que previamente não indicasse sê-lo. Considera-se a possibilidade de incorporação de costumes, entendendo a prática da leitura²⁵ individual, como indicada pelo formato do *Jornal das Moças*, também

²⁵ CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996.

enquanto uma prática de suporte de ações pedagógicas, favorecedora de incorporação e reforço de disciplinas e ideais regulatórios (ALMEIDA, 2008).

Buscou-se, aqui, olhar para as revistas femininas como *locus* de significações a respeito de modelos de feminilidade, de tecnologias que engendram saberes “[...], onde os corpos performados ensinam o que é, e como deve ser um corpo feminino [...]”, naturalizando valores e significações historicamente situadas. Ou, ainda, que nas páginas da revista se “[...] constituem discursos que, em seu conjunto de imagens e sentidos, veiculam normas regulatórias que organizam e qualificam corpos e sensibilidades, que delineiam modos de ser e estar no mundo, estabelecendo hierarquias de gênero, raça e classe.” (PEREIRA, 2015, p. 152-162).

Porém, como ainda afirma Albuquerque (2015), apesar da proeminência de modelos ideais para as mulheres, o periódico se ocupava de uma gama maior de alvos, como denunciada por seu subtítulo: “a revista de maior penetração no lar”. Ora, a família no conceito hegemônico para as datas em que circulavam o *Jornal das Moças* é fundamentalmente composta também por figuras masculinas em convergência com suas contrapartes femininas, atingindo desse modo, conjuntamente, as partes identificadas com as masculinidades, como o marido e os filhos varões. Outra frase de comum aparição nas páginas e colunas do *Jornal das Moças*, “a revista que o senhor e a senhora pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão em nenhuma de suas páginas”, traz consigo ainda a preocupação de marcar o “senhor” enquanto importante sujeito, mesmo que não um leitor direto, mas concomitante com a “senhora”, são os tipos que permitem ou não a presença das revistas em casa, tendo o elemento masculino lugar primeiro no ordenamento da sentença (ALBUQUERQUE, 2015).

Louro (2000) traceja semelhantes feições ao prefaciá-lo trabalho de Goellner (2003) com a revista *Educação Física*²⁶ também nas décadas de 1930 e 1940, uma vez que mesmo especializadas em feminilidades, as revistas femininas ao falar sobre e para as mulheres agem da mesma forma tratando de homens e para homens. Os discursos presentes nas publicações como o *Jornal das Moças* são muitas vezes proferidos por homens, prescrevendo e atribuindo lugares e maneiras para os seus exteriores de performance masculina, sendo a atividade de definir os limites do “outro” um componente da própria configuração das fronteiras de performances do masculino.

²⁶ Periódico voltado à prática e discussão de assunto da área da Educação Física. Foi o primeiro periódico comercial desse campo a circular no Brasil, de 1932 até 1945 (GOELLNER, 2003).

Não se deve atentar apenas para as formas em que os masculinos se dão nas fontes, mas, ainda, é necessário avaliar como eles não se desenvolvem e aquilo que é atribuído aos demais, ou seja, compreender como os masculinos enxergam o seu mundo e o que se apresenta como exterior a ele. O *Jornal das Moças* nos fornece um observatório para refletir acerca do exercício de ditar os atributos do diferente na qualidade de parte integrante das próprias performances de masculinidades discursadas nesse período, isto é, a prática de reclamar o que deve ser a contraparte desigual, o feminino, como um fundamento do trabalho de reforço dos masculinos.

Ao falar sobre as mulheres e para as mulheres, a revista em estudo também fala, é claro, sobre os homens e para os homens. Mais do que isso, podemos notas, como faz a autora, que são principalmente os homens que falam através do periódico. Portanto, é a “voz autorizada” deles que diz sobre os modos e sobre as formas que os corpos femininos devem assumir. São homens que dizem o que as mulheres devem realçar, mostrar, expor e o que devem submeter, subjugar, domar, esconder. Coerente com a lógica tradicional, o corpo feminino, compreendido como o “outro” do corpo masculino (o corpo referência), é que se torna marcado (GOELLNER, 2003, p. 10).

Diversos colaboradores que contribuía com textos literários, crônicas, opiniões ou personagens de anúncios publicitários e que se apresentavam habilitados nos assuntos que tratavam, são homens. Literatos, supostos doutores ou especialistas apoiados nos discursos médicos e científicos, lançam mão de sugestivos modos de agir e pensar, que configuram aquilo que é desejável para suas contrapartes, do ponto de vista do masculino.

Destacam-se, nesse aspecto, as colunas permanentes ‘Traços & Troças’ e ‘Evangelho das Mães’. O primeiro com visões cômicas sobre eventos do cotidiano doméstico nas relações entre masculinos e femininos e eventos políticos da ordem do dia. Já o segundo trata de conselhos referentes ao cuidado do lar, englobando uma dupla correspondência em seu título, a de reforço da ideia de veicular-se uma verdade e a de integrar-se ao discurso religioso e familiar sobre os cuidados com os filhos, em tom de competência para assessorar e compor o processo de criação dos filhos como tocante às mulheres.

Além do papel de destaque da publicidade, importante seção ainda é o ‘Jornal da Mulher’, caderno peça regularmente no miolo do *Jornal das Moças* e local das mais completas dicas, modelos e figurinos de moda encontrados no periódico. Almeida (2008) aponta esse item como uma

[...] revista de figurinos e bordados- uma espécie de encarte [como se chamaria hoje] dirigido por uma mulher, Yara Sylvia, e que se dedicava a apresentar modelos/moldes de roupas, bordados, tapeçaria e pintura de artigos para o lar, além de conselhos variados. Essa parece ter sido a parte mais importante da revista, dada sua publicação quase ininterrupta de 1930 até 1965 e os anúncios veiculados no próprio JM, os quais persuadiam a leitora a comprar o periódico por causa do conteúdo do encarte. (ALMEIDA, 2008, p. 147-148).

A leitura das fontes, seja de imagens ou textual, há de ser dada não de forma engajada com o discurso proposto pela fonte, mas sim, encarando-a com a veracidade e fidedignidade de qualquer experiência histórica, elucidada pelo contexto ao redor da produção desse material e seus vínculos sociais, posto que a prática da imprensa está diretamente ligada ao seu tempo histórico.

As imagens serão consideradas como detentoras de possibilidades aventadas pelos domínios simbólicos que percorrem suas formas e contornos, isto é, produzidas em meio a jogos de poder e conflituosos certames discursivos. A atenção à acomodação espacial, o arranjo de posições e planos, posturas, atitudes, olhares e expressões fartos de propósitos e intencionalidades de um tempo próprio, fazem parte das incumbências da análise históricas de imagens.

O campo da imagética se articula com a cultura presente no tempo de seus agentes de produção e de seus leitores/receptores interpretativos, falando sobre as significações e visões de mundo compartilhadas socialmente do mesmo modo que impacta sobre a produção desses símbolos e significados culturais. Ainda assim, também se desdobram ao se coordenarem com o tempo em que se tornam fontes históricas, podendo ser compreendidas à luz de entendimentos que se transformaram desde o período inicial de circulação de determinada imagem.

O cruzamento com demais aportes bibliográficos é fundamental para maior esclarecimento acerca da constituição própria da fonte impressa. Assim, a reflexão a respeito das diferentes formas de se fazer imprensa, voltados à múltiplas sortes de nichos, contribui para centrar características que se apresentam com maior força ou se ausentam nos periódicos com público alvo as mulheres, como é o caso desta pesquisa.

Ainda, a abertura que a publicidade oferece é relevante, pois é uma plataforma significativa de difusão do imaginário compartilhado por um grupo, construída para se comunicar com sucesso com as pessoas, ser cara à cultura de seu público, apesar de muitas vezes disforme e plural, comportando variadas possibilidades de entendimentos conceituais ao

mesmo tempo, a depender de seu público alvo. A categoria de imagens publicitárias permite avançar por caminhos que se associam aos diferentes âmbitos da vida, da esfera material até a subjetiva.

Serão seguidas as evidências dos documentos jornalísticos e de propaganda, que em muitos casos acabam por serem difíceis de precisar caso se colocam em uma ou outra categoria, ou ainda em uma combinação delas. Mas é, portanto, no nexos entre texto e imagética e em suas linguagens próprias com o contexto, isto é, os vínculos dos discursos ali contidos com as condições de produção e consumo destes, que reside a maior atenção dada. O *Jornal das Moças*, em suas reportagens e publicidade, torna-se importante veículo de propagação educacional e comportamental circundante pelas principais capitais brasileiras à época, que a partir de sua historicidade servirá como elemento de estudo para as formas de representação de performatividades masculinas suscitadas pela experiência histórica brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.

2 A EMERGÊNCIA DO SOLDADO COMO MODELO DE MASCULINIDADE

2.1 O SOLDADO DO BRASIL

Tipo masculino de destaque durante uma grande parcela da primeira metade do século XX, a estampa militarizada do homem, muitas vezes reproduzida pela efígie do soldado, inscreveu-se largamente na cultura representativa como exemplo de conduta e aparência viril. Acompanhar os processos de militarização dos corpos e das aparências se constitui em encaminhamento para entender o modelo de soldado fabricado nos anos da participação do Brasil no conflito mundial. Nesse período, a imprensa, como lugar de publicação de discursos e enunciados, ocupou-se de tratar condutas e corpos militarizados, já que entre os anos 1914 e 1945 o exercício da guerra ou da preparação para ela esteve entre os assuntos mais prolíficos e debatidos.

Tais discursos, como observado, também foram visualizados na imprensa feminina no Brasil, pois, ao menos durante o biênio de 1944 e 1945, o *Jornal das Moças* explora em diversos momentos a estética militarizada, abordando temas relativos aos personagens que estavam diretamente ligados à participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, desde os homens componentes das negociações diplomáticas até aqueles que de fato estavam em campo de batalha. A representação do pracinha brasileiro integrante da Força Expedicionária Brasileira, a FEB, é evocada em sensíveis passagens durante a efetiva estadia dessa divisão militar em luta pelo território italiano.

O projeto de um exército brasileiro que lutasse na Europa contra os agressores do Eixo não figurava como uma prioridade para as potências Aliadas, mas que para o comando brasileiro significava uma oportunidade de modernização das fileiras militares, desatualizadas para a nova forma de guerra total moderna, acentuada em 1939 com o início da Segunda Guerra Mundial, posto que as táticas e doutrinas brasileiras ainda se baseavam em modelos bem-sucedidos para a Primeira Guerra Mundial, mas que já se mostravam ineficazes para a década de 1940.

A formação da FEB ocorre em meio ao alinhamento político do Brasil com os Estados Unidos em 1942. Após negociações e alocação de recursos estadunidenses, concretiza-se a criação da Força Expedicionária Brasileira em agosto de 1943 e o treinamento se efetiva por um ano. Posteriormente, em 1944, foram enviados cerca de 25.000 homens à frente do Mediterrâneo para o auxílio do pluriétnico V Exército Americano, compondo conjuntamente

um corpo de médicos, enfermeiras e aeronáuticos, a Força Aérea Brasileira, a FAB (SALUN, 2012).

O contato com as tropas estadunidenses e o modo norte-americano de organizar e fazer guerra se dá prontamente já na fase de treinamento e de embarque para a frente de batalha, via Oceano Atlântico. Não são raros os relatos acerca dos contatos iniciais e comparações pejorativas entre a estrutura encontrada nos quartéis brasileiros dos soldados da FEB e a estrutura de guerra dos EUA, englobando aspectos como a maior opulência de materiais, instrumentos e munições, fartura e melhor qualidade de alimentos. Tais relatos revelam dimensões contraditórias das representações encontradas no *Jornal das Moças*, ausentes de críticas ou de apontamentos sobre as falhas e equívocos na execução de guerra do Brasil (MERON, 2009).

Não é possível, porém, fechar os olhos para a campanha relativamente vitoriosa que a FEB obteve na Itália, conquistando importantes pontos estratégicos nos Montes Apeninos, entre cidades e regiões de dura resistência alemã, localizadas em ambientes montanhosos e favoráveis a defesa de quem já estivesse postado. Um dos maiores ícones da atuação brasileira em solo italiano foi a tomada de Monte Castelo, monte situado na região de Bolonha.

Monte Castelo é o maior símbolo e mito das ações da FEB. Muitas das histórias que o cercam originam-se na série de dificuldades enfrentadas pelos brasileiros para tomar a posição indicada. Erros táticos grosseiros dos oficiais superiores, falta de apoio logístico e de retaguarda, além de um dos piores invernos da década naquela região da Itália (a temperatura chegou a 20 graus abaixo de zero), conferiram à luta por Monte Castelo um aspecto dramático e épico, muito explorado depois. Essas histórias e memórias da FEB, no entanto, geralmente ressaltam os aspectos heroicos, deixando as mazelas e as origens dos problemas em segundo plano (FERRAZ, 2005, p. 29).

Além disso, o combate até a rendição incondicional das tropas alemãs fixadas na Itália só se desenrolou após truculentas batalhas urbanas durante 1945. A FEB retirou do controle alemão algumas cidades da região norte italiana, efetivando sua missão e encerrando a sua participação na segunda Guerra Mundial.

[...] Os expedicionários brasileiros tiveram de conhecer e enfrentar outro tipo de combate, tão ou mais letal que o primeiro: o combate urbano, no qual atravessar a rua ou dobrar uma esquina eram manobras arriscadas. Foi na localidade de Montese que os expedicionários enfrentaram o maior número de baixas em sua campanha, em 14 de abril de 1945. Boa parte delas ocorreu nas cercanias da cidade, em combates violentos com os alemães (FERRAZ, 2005, p. 29).

Como ainda assinala Ferraz (2005, p. 30), o desempenho brasileiro em combate foi apropriado para um exército novato, que apesar de cometer erros adaptou-se ao longo do tempo em que esteve em conflito, atingindo seus principais objetivos e podendo ser comparado ao das melhores unidades em operação na Itália.

Todo esse percurso de treinamento e combate propiciou a emergência de representações transmitindo normas de adequação de condutas e aparência, de modelos masculinos calcados na imagem do expedicionário brasileiro. A honradez do serviço militar, a vigilância do território, o corpo produzido pelo treinamento, os atos de heroísmo e a volta vitoriosa são elementos observados pelo *Jornal das Moças* na comunicação de discursos performativos masculinos.

O percurso pelo qual enveredaram-se as propostas pedagógicas do *Jornal das Moças*, permite que se dê forma a um traçado representativo que o masculino, encarnado nos soldados, mostrou-se. Foram encontradas nas análises uma feição dos soldados como irmãos protetores, heróis que defendem seus semelhantes e dependentes, complementares à face de figuras a serem cuidadas, evidenciada por alguns lugares assumidos pelas feminilidades no contexto de guerra.

A princípio, faz-se necessário pontuar uma consideração: nota-se que os expedicionários não eram retratados simplesmente como heróis ou super-heróis desprovidos, ou acima, de traços humanos, ao contrário, percebe-se um apelo à aproximação com a humanidade dos combatentes. Apesar da humanização conferida aos expedicionários, tal efeito não faz desaparecer as manifestações de ufanismo e patriotismo ao longo das páginas analisadas do jornal.

Para essa aproximação, o expedicionário é situado como aquele que protege, adotando o *Jornal das Moças* um constante artifício de identificar os soldados enquanto irmãos. Na passagem escrita por Jandyra Pereira, intitulada Soldado do Brasil, o caráter de se encarar o soldado como um irmão é claro. A todo o momento é reforçado a ideia de fé na proteção dos “irmãos expedicionários”, a segurança do lar, do “imenso lar que é este Brasil”. A data da publicação é próxima da partida dos soldados brasileiros rumo à Europa, cerca de três semanas após, sugerindo votos de despedida e de boa viagem.

Todas as palavras que denotam ação, contidas no texto, referem-se a exemplos masculinos, atentando-se ao fato de ter sido escrito por uma mulher e direcionada ao público feminino. O lugar do irmão protetor é a ação, a busca da liberdade e a garantia de proteção do lar brasileiro, enquanto o que parece pertencer às mulheres é o lugar da crença na capacidade de seus irmãos.

O expedicionário é aquele que busca, que faz acontecer, está pronto para agir, pois, diz-se:

Vai, irmão! Parte vai defender a segurança de seu torrão privilegiado, a terra bendita em que nasceste, o solo fértil onde ensaiaste os primeiros passos, onde depois pisaste vigoroso, e onde agora marchas destemido. Vai lutar pela soberania deste Brasil viril, pujante, rico, fértil, abençoado; vai defender a tranquilidade de teu lar, do lar de teus irmãos; vai fortificar nossa religião, o nosso direito de viver decentemente, amando, obedecendo ordens, seguindo trilhas certas, retas luminosas, que nos levam sempre a horizontes côm de rosa, a portos seguros (JORNAL DAS MOÇAS, 27 jul. 1944, p. 52).

É insistente o uso da palavra “vai”, impulsionando as ações dos soldados, dando-lhes aval e, ao mesmo tempo, revelando a expectativa e o lugar simbólico que o masculino ocupa: a posição de ator de seu próprio destino, o que defende, o que luta pela soberania, cuida das grandes questões da vida e não se ocupa com mesquinharias; é aquele que deve resolver o problema do conflito mundial e trazer a paz de volta à rotina.

Figura 1 – Soldado do Brasil

Soldado do Brasil

JANDYRA PEREIRA

E S tu, soldado expedicionário, meu irmão muito querido! É em ti que eu deposito minha fé e a segurança de nosso imenso lar, que é este Brasil gigantesco, de céu azul!

Venho trazer-te o meu voto de boa viagem, o meu adeus de despedida.

Vai, irmão! Parte, vai defender a segurança de teu torrão privilegiado, a terra bendita em que nasceste, o solo fértil onde ensaiaste os primeiros passos, onde depois pisaste vigoroso, e onde agora marchas destemido. Vai lutar pela soberania deste Brasil viril, pujante, rico, fértil, abençoado; vai defender a tranquilidade de teu lar, do lar de teus irmãos; vai fortificar a nossa religião, o nosso direito de viver decentemen-

te, amando, obedecendo ordens, seguindo trilhas certas, retas, luminosas, que nos levam sempre a horizontes côm de rosa, a portos seguros.

Luta, irmão! Faze de teu peito uma trincheira intransponível, sonda inimigo algum possa chegar! Faze de teu coração uma couraça, onde selvas ou partidos albeos não encontrem abrigo.

Lembra-te, soldado expedicionário, de que tens a gular-te os passos, a dirigir-te os gestos, vultos saudosos de exemplos edificantes, de feitos heroicos, de arrebatamentos históricos.

Toma como teu guia a lembrança de Caxias, Barroso, Tamandaré e outros valerosos que enriqueceram a formação de nossa Pátria deixando-

nos um legado riquíssimo de um manancial fertilíssimo de mo modelares.

A farda que convergas dia a dia a esperança que depositamos em verde, côm de nossas flores nossoas mares, onde ainda se vestígios dolorosos dos últimos dias de nossos inesquecíveis vítimas da fúria inclemente dos zistas anormais, sedentos de

A baioneta que empunhas, toso, deves maneja-la com mente, honestamente, na defesa de uma causa justa, que nós, não queremos que feneça, e mantê-la para bem geral da nidade!

Vai, meu irmão! Que Deus Poderoso te guie, te ampare, forte em qualquer momento e te sintas indelével; lembra-te, tens a te confortar uma final defesa de uma Pátria de mais milhões de habitantes, de nossa democracia justa, de um país que é teu berço, que nasce, que te viu crescer, que homem; um céu azul tanto que serve de teto ao teu torrão; defender tua religião te benigna, confortadora; defende

Os mais belos figurinos e os melhores trabalhos de nossos maiores escritores são parte do SOBERBO NÚMERO ESPECIAL. QUE JORNAL DAS MOÇAS publicará NA PRÓXIMA SEMANA.

Os pontos que parecem de maior relevância como o soldado e sua busca pela segurança nacional são prontamente remetidos e destacados com atributos masculinos, uma vez que o Brasil é adjetivado enquanto viril, isto é, o lar que se protege, o objetivo maior é qualificado com virilidade, isso feito pelos expedicionários que pisam vigorosos e marcham destemidos; há sempre a correspondência entre tópicos de relevância e as masculinidades. Os combatentes brasileiros nos são apresentados como uma possibilidade de identificação fraterna em relação às leitoras do *Jornal das Moças*, compatíveis com a composição de uma parcela do público à qual se destinava a publicação, irmãos esses que estavam no campo de batalha a fim de protegê-las.

A conduta da ação é representada como um dos pontos fundantes de uma performance do masculino associada ao militar e fomentada pelo contexto internacional conflituoso. Relaciona-se o fazer, o correr atrás, com atitudes apropriadas a serem constituídas na condição masculina que a emergência da imagem do soldado brasileiro ocasiona; masculino, para tal ótica, é também aquele que faz acontecer, que carrega em si a predisposição em seguir ordens, ‘trilhar o caminho certo’, nunca perdendo de vista o limiar da retidão moral da religião cristã.

2.2 DEMARCAÇÕES FÍSICAS: O CORPO SÃO

A partir de Goellner (2003) e Louro (2000), é possível conceber a dimensão corpórea também em sua dimensão social e histórica. Contesta-se não a materialidade do corpo, mas a ideia de que esse seja resistente ao cultural, uma testemunha permanente de um tempo pregresso anterior à emergência dos complexos processos sociais e culturais. Adiante do biológico, o corpo é também uma produção cultural, constantemente ressignificado ao longo dos tempos por diferentes sistemas simbólicos.

“Os horrores inenarráveis da guerra que nossos pracinhas conheceram de perto não [con]seguiram desfalecer-lhes o ânimo, prova a jovialidade dos seus sorrisos ante a quina fotográfica do JORNAL DAS MOÇAS” (JORNAL DAS MOÇAS, 09 ago. 1945, p. 52). Essa frase pode ser lida com pouco destaque no canto da página, em meio a anúncios de produtos dedicados e que “realçam a beleza”, servindo de legenda para imagens anteriores de soldados vigorosos na volta ao país. Como mostra Sant’anna (2014), já há algum tempo anteriormente ao período da Segunda Guerra Mundial, o apelo ao sorriso era marca da publicidade brasileira, principalmente no que tange aos cosméticos e produtos de higiene dentifrícia.

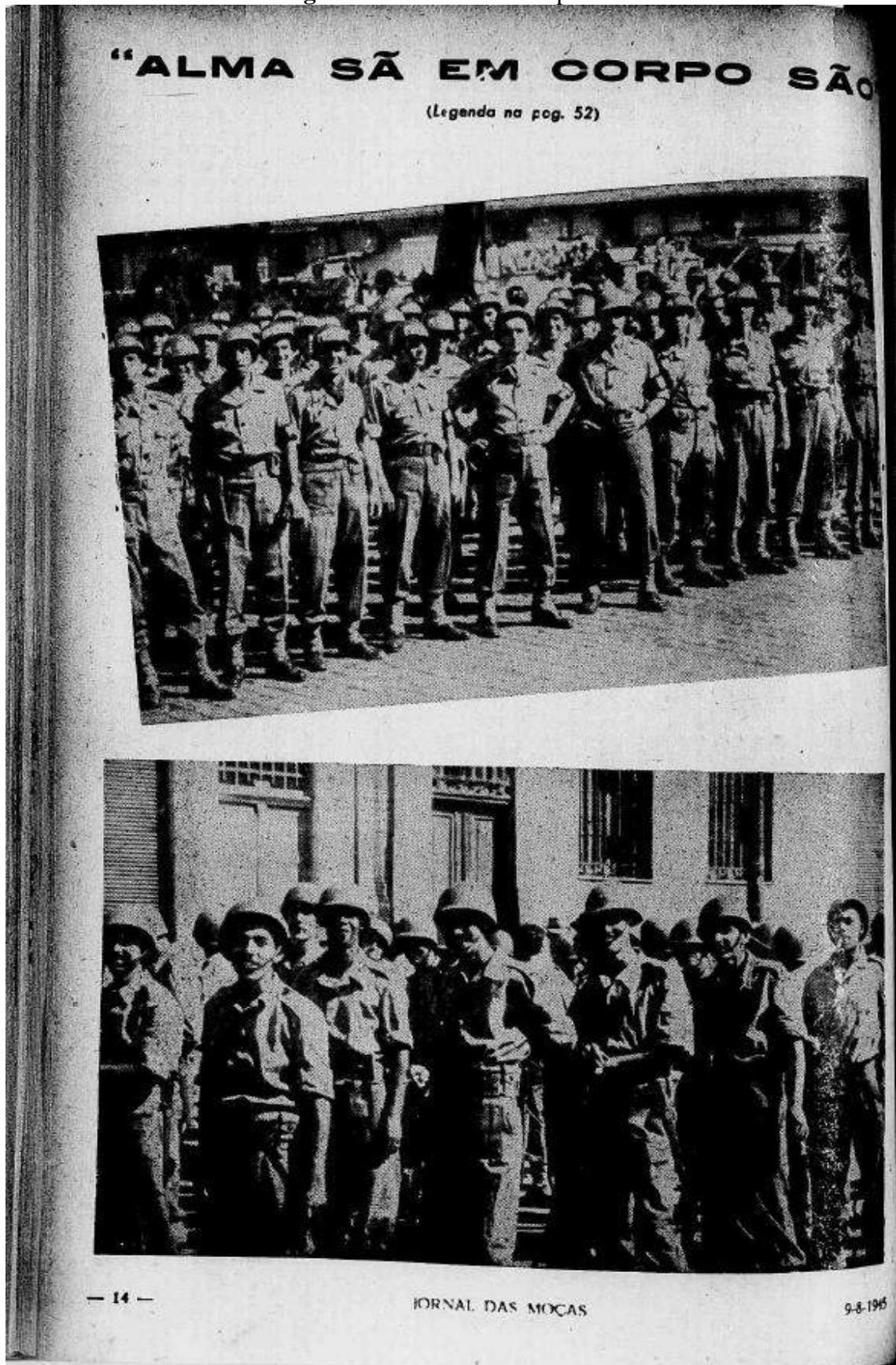
Toma-se aqui, como referência para a análise, o ajuste da corporeidade do homem com a inscrição e a performatividade de uma masculinidade militarizada, exaltada pelo *Jornal das Moças* em vários momentos como uma proposta adequada. A imagem do soldado que lutava pela “liberdade” foi também aproveitada para tal fim, associada, como o excerto anterior aponta, às condições de “corpo e de mente sã”. Tratavam-se os pracinhas brasileiros enquanto agentes vetores de saúde, beleza e vigor, aspectos largamente desejáveis para figuras masculinas.

Diferente de cenários posteriores, que emergiram após a Segunda Guerra Mundial, no qual as masculinidades ganharam a possibilidade de uma maior incorporação de elementos relacionados ao mundo feminino, seja no guarda-roupa ou no gestual (alavancados pelos ícones da juventude dos anos 1950 e 1960, em destaque os modelos do cinema de Hollywood e músicos do *Rock n’ Roll*), para o período inserido na guerra, aspectos de relevância se davam muito mais em favor da saúde, força bruta e rigidez, tendo a ascensão da esportividade e da disciplina corpórea grande importância (HOBSBAWN, 1995).

Fragmentos das operações de sentido sobre o corpo e o psicológico dos soldados proporcionadas pelas disciplinas militares podem ser visualizados nas imagens e notícias do *Jornal das Moças*, nas ações de preparação e envio dos brasileiros para o *front* as quais envolveram a cessão dos uniformes pelo Estado Vargas às Forças Armadas compostas pelo Exército, Marinha e Aeronáutica, como também o regresso vitorioso, circundando nesse ínterim indícios de normatividade masculina.

A postura dos soldados, captados pelas lentes das câmeras que produziram as imagens do “corpo sã”, é constituída por traços de poses rígidas, mesmo que mais flexíveis do que posições de sentido ou de continência que seriam exigidos em campo de batalha ou na caserna, alguns até com aspectos mais agressivos ao repousarem as mãos na cintura, apresentando uma figura aberta, parecendo maiores e aterradores, acompanhados de semblantes cerrados. Porém, a presença de sorrisos nos mais variados rostos, espalhados por toda a Figura 2, aponta a escolha por representar feições alegres, mais vinculadas a indivíduos saudáveis, de modo a confirmar a vitalidade das tropas brasileiras mesmo ao retornarem dos duros combates na Europa, sugestionando exemplos no trato com o bem-estar masculino, uma saúde perpassada pela virilidade.

Figura 2 – Alma sã em corpo sã



Fonte: Jornal das Moças 09.08.1945, p. 14

O corpo dos soldados foi percorrido de variadas formas, utilizado enquanto veículo como um todo ou às vezes segmentado. O “Tônico Silva Araújo”, nesse sentido, é destaque:

Figura 3 – Envergue o uniforme



*Se você
for FRACO,*

**NÃO PODERÁ
ENVERGAR ÊSTE
UNIFORME!**

PARA que o Brasil seja forte, é preciso que tenha filhos fortes e com saúde à prova dos maiores esforços! Logo, agora, de si mesmo, se a sua saúde lhe permitiria dar toda a sua energia, caso algum dia os chamassem de Pátria o chamassem. Se você está abatido, inapetente, nervoso e com falta de apetite, lembre-se de que isso são os sintomas que podem significar demonstração de esgotamento. É preciso, então, recorrer imediatamente ao fortificante energético: o Vinho Reconstituinte Silva Araújo, cuja eficácia os nossos mais eminentes médicos já comprovaram. Feito à base de extrato de carne, quina, cálcio e ôstero, o Vinho Reconstituinte Silva Araújo abre o apetite, revigora os nervos e os músculos e alimenta o sangue! Comecemos a tomá-lo agora, para ter saúde na Pátria algum dia precisar de você.

É SEU DEVER SER FORTE E TER SAÚDE

Fortaleça-se segundo este conselho: Todos os dias, durante um mês, tome ao almoço e ao jantar um copo de Vinho Reconstituinte SILVA ARAUJO para manter o sangue, abrir o apetite, revigorar o cérebro e os músculos. Se depois de um mês não sentir melhoras decisivas, não hesite um instante: Procure, sem demora, o seu médico, pois certamente o seu mal é outro e requer os cuidados de um clínico.

CUIDADO
Tomar ao almoço!
Porém sempre pelo nome!

**VINHO RECONSTITUINTE
SILVA ARAUJO**

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

DEFENDA A SUA SAÚDE PARA MELHOR DEFENDER A PÁTRIA!

No primeiro plano da imagem, a chamada da propaganda “Se você for fraco não poderá envergar êste uniforme” e em proporção à imagem ilustrativa de soldado da Força Aérea, observa-se que acima da chamada há o desenho de um avião. Para apresentar o tônico, que é o vinho reconstituente, é informado:

Para que o Brasil seja forte é necessário que tenha filhos fortes e com saúde à prova dos maiores esforços! Indague, agora, de si mesmo, se a sua saúde lhe permitiria dar todo o seu esforço, caso algum dia os clarins da Pátria o chamassem. Se você está abatido, indisposto, nervoso e om falta de apetite, lembre-se de que êsses são sintomas que podem significar desnutrição do sangue. É preciso, então, recorrer imediatamente ao fortificaante: o Vinho Reconstituente Araújo, cuja eficácia os nossos mais eminentes medicos já comprovaram. Feito à base de extrato de carne, quina, cálcio e fósforo, o Vinho Reconstituente Silva Araújo abre o apetite, revigora os nervos e os músculos e alimenta o sangue! Comece a tomá-lo agora, para ter saúde se a Pátria algum dia precisar de você! (JORNAL DAS MOÇAS, 27 abr. 1944, p. 63).

Na prática discursiva da imprensa, em particular no jornal direcionado para os segmentos femininos, a propaganda de remédios, como é o caso do tônico, pode ser lida como recurso pedagógico, ensinando modos de conduta que deviam orientar os cuidados dos homens com a saúde, cuidado esse que deveria ser desempenhada pelas mulheres, mães e esposas. É este aspecto que sobressai do comentário de Sabat (2007, p. 152), “[...] os anúncios publicitários ensinam modos de conduta para pessoas de todas as faixas etárias, delimitando espaços, traçando caminhos, configurando identidades”. Desse modo, percebe-se a configuração do sangue bem nutrido como símbolo de vigor juntamente à representação do combatente, regulando e exprimindo atuações de conduta masculina no cuidado com o seu corpo.

A valorização da saúde dos segmentos masculinos e jovens da população no período da Segunda Guerra como políticas para o corpo pode se relacionar a um fato marcante no início de 1943, a morte do filho do presidente Vargas, Getúlio Vargas Filho. Em janeiro, quando está em curso o processo de mobilização de homens fortes e saudáveis para defender a nação, o filho do presidente morre em São Paulo, aos 24 anos de idade, de “causa desconhecida” (SIMILI, 2008a).

O fato, como objeto de comoção pública, pode ter acirrado a preocupação com a saúde dos “soldados da Pátria”. Para dar o “sangue”, era preciso que os soldados o tivessem. É a narrativa da “[...] militarização da virilidade tornada obrigatória para a totalidade dos homens

com idades de portarem armas e que chegou ao seu apogeu sangrento na Primeira Guerra Mundial.” (AUDOIN-ROUZEAU, 2013, p. 239).

Permanências e mudanças se dão entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Em comum, a “militarização da virilidade” em que as disciplinas dos quartéis incutem noções que transformam o sangue e o corpo dos soldados em substâncias para a modelagem dos usos da força e dos controles sobre si. Disciplinas que os adestravam e capacitavam a “[...] confrontar o combate e o medo, de encarar os riscos das lesões corporais, de suportar o ferimento, a agonia e a morte.” (AUDOIN- ROUZEAU, 2013, p. 239).

2.3 O PRACINHA NA TELA: O ASTRO MILITARIZADO

Em se tratando de conteúdo midiático, o cinema, mesmo dividindo espaço com outros meios abrangentes de comunicação, ainda nos dias atuais possui grande apelo, ocupando um lugar de maior destaque na construção de figuras que veiculavam modelos de comportamento e beleza, em períodos anteriores à existência da televisão e internet, como é o caso do intervalo de tempo (1939 – 1945) em que estoura a Segunda Guerra Mundial.

O cinema, com sua explosão de imagens, sua extrema reprodutibilidade além dos continentes, aguça mais ainda esses critérios entre as guerras, sempre aumentando sua difusão: sinais físicos do ar livre, vigilância redobrada silhueta, precisão da maquiagem ou da tez, celebração de corpos delicados e bronzeados (VIGARELLO, 2006, p. 157).

No Brasil daqueles anos, notadamente, a presença midiática se dava além do cinema, majoritariamente por meios impressos, como o que se sucede com o *Jornal das Moças*, e por rádio. O diálogo entre essas mídias era constante, ao menos em relação ao que se pode ver nas publicações impressas, nas quais os principais artistas radiofônicos e cinematográficos aparecem com assiduidade, guiando os leitores para atentarem à programações diárias no rádio ou propagandeando as novidades que entrariam em cartaz nos cinemas.

A imagem erotizada do viril na figura do galã, na concepção de beleza dos traços firmes e de todo arcabouço comportamental associado, desde a retidão moral até o espírito de liderança, é amplamente utilizada pela indústria cinematográfica como personificações de masculinos, ditando muitas vezes as visualidades nas quais homens e rapazes se espelhariam para comporem suas aparências, relacionando-se diretamente ao sugestionado para o desejo feminino, a apresentação pela qual mulheres deveriam nutrir ânsia. Nesse mesmo sentido, as

vozes têm também o poder de causar fascínio, ainda mais em um mundo em que as estampas das faces dos ídolos nem sempre eram acessíveis, como o radiofônico, com suas vozes afinadas e potentes.

Esse princípio é mesmo promovido a sistema industrial, ‘usina de sonho’ com o cinema hollywoodiano impondo seus temas, seus universos, seus heróis, difundindo cultura e referências orientadas. O relacionamento fascinado com o modelo, acessível e longínquo, inimitável e ‘humano’, democratiza aqui a vontade de embelezamento, transformando gradualmente a maneira de sonhar e também de ter acesso à beleza (VIGARELLO, 2006, p. 157)

Exemplos advindos de figuras midiáticas veiculam, ainda, representações de instâncias da beleza e corporeidades adequadas para uma performatividade apropriada do masculino, como percebido na fonte estudada. A aparência das estrelas, tidas e representadas enquanto indivíduos extraordinários, o que acaba por ultrapassar a interpretação de seus personagens, dita tendências de constituição física e do que é atraente, de como aparenta ser o homem que deve ser desejado.

A capacidade pedagógica do cinema não passou despercebida pelos desígnios governamentais do Estado Novo, que o entendiam como um forte aliado na propagação de seus ideais.

[...] entre os mais úteis fatores de instrução, de que dispõe o estado moderno, inscreve-se o cinema. Elemento da cultura influenciando diretamente sobre o raciocínio e a imaginação, ele apura as qualidades de observação, aumenta os cabedais científicos e divulga o conhecimento das coisas [...] O cinema será, assim, o livro de imagens luminosas em que as nossas populações praieiras e rurais aprenderão a amar o Brasil, crescendo a confiança nos destinos da Pátria. Para a massa dos analfabetos, será a disciplina pedagógica mais perfeita, mais fácil e imprecisa. Para os letrados, para os responsáveis pela nossa administração, será essa admirável escola de aprendizagem (OLIVEIRA, 2007, p. 336-337 *apud* SOUSA, 2001, p. 160-161).

Sobre a correspondência do cinema, bem como da exploração dos esportes em articulação com a educação cívica e higiênica, com instrumentos que garantirão passos largos em direção ao que o governo do Estado Novo considerava a criação de uma raça varonil. Principalmente o cinema, regulado pelo DIP, consistia no dispositivo mais abrangente e eficiente de propagação desses discursos regulatórios (OLIVEIRA, 2007, p. 337).

Nesse ínterim não podemos deixar de destacar o papel de veículo cultural que exercia o rádio, de grande influência para as camadas populares brasileiras à época:

O rádio se torna o veículo eminentemente popular, divulgando diferentes manifestações da cultura do povo e sempre buscando ampliar seu público. Foi fábrica de ídolos e mitos. Nas rádios nasceram os programas de auditório que se tornaram a diversão popular por excelência, permitindo uma relação de proximidade, de intimidade entre a multidão de anônimos e seus ídolos (OLIVEIRA, 2007, p. 341).

Figura 4 – O cantor Jorge Curi



Fonte: Jornal das Moças 12.10.1944, p. 68

Durante todo ano de 1944, por exemplo, é recorrente que, aos finais das edições, o *Jornal das Moças* trouxesse a seção “Galeria dos artistas de rádio”, que continham informações e imagens sobre as principais vozes que se ouviam nos aparelhos. A quantidade de amostras é ampla, indo desde cantores e cantoras até comediantes, calouros ou já experientes estrelas no cenário da música nacional e internacional. A galeria de imagens dos artistas tem por característica, junto a um breve parágrafo, narrar um pouco da trajetória do personagem da vez no mundo artístico, traçando perfis dos nomes mais queridos do rádio. Afora a clara visualidade proposta pela aparência dos que são alvo da galeria, por vezes portam princípios e valores desejados às figuras masculinas, como no caso de Jorge Curi, na época jovem narrador da Rádio Nacional, que é descrito como uma figura alegre, que “tem sempre um dito chistoso para avivar o colorido dos momentos tristes”, algo que o próprio semblante simpático e sorridente de Jorge Curi atesta na foto reproduzida pelo jornal.

Figura 5 – O Impostor: estrelando Jean Gabin



Fonte: Jornal das Moças 13.07.1944, p. 15

Os anúncios de cinema aparecem em várias datas ao longo de todo o período que compreendeu a análise, desde a entrada do Brasil no conflito até o regresso das tropas em 1945, motivo pelo qual se imagina que seja uma prática comum para o *Jornal das Moças*, que durante a sua existência enquanto publicação deve ter estabelecido uma intensa interação com o cinema. Desse modo, a divulgação de diversos filmes são vistos pelas páginas, como é o caso da obra *O Impostor* (1944), dirigido por Julien Duvivier e estrelado por Jean Gabin, em que se representa a figura masculina como misteriosa e arrebatadora no amor.

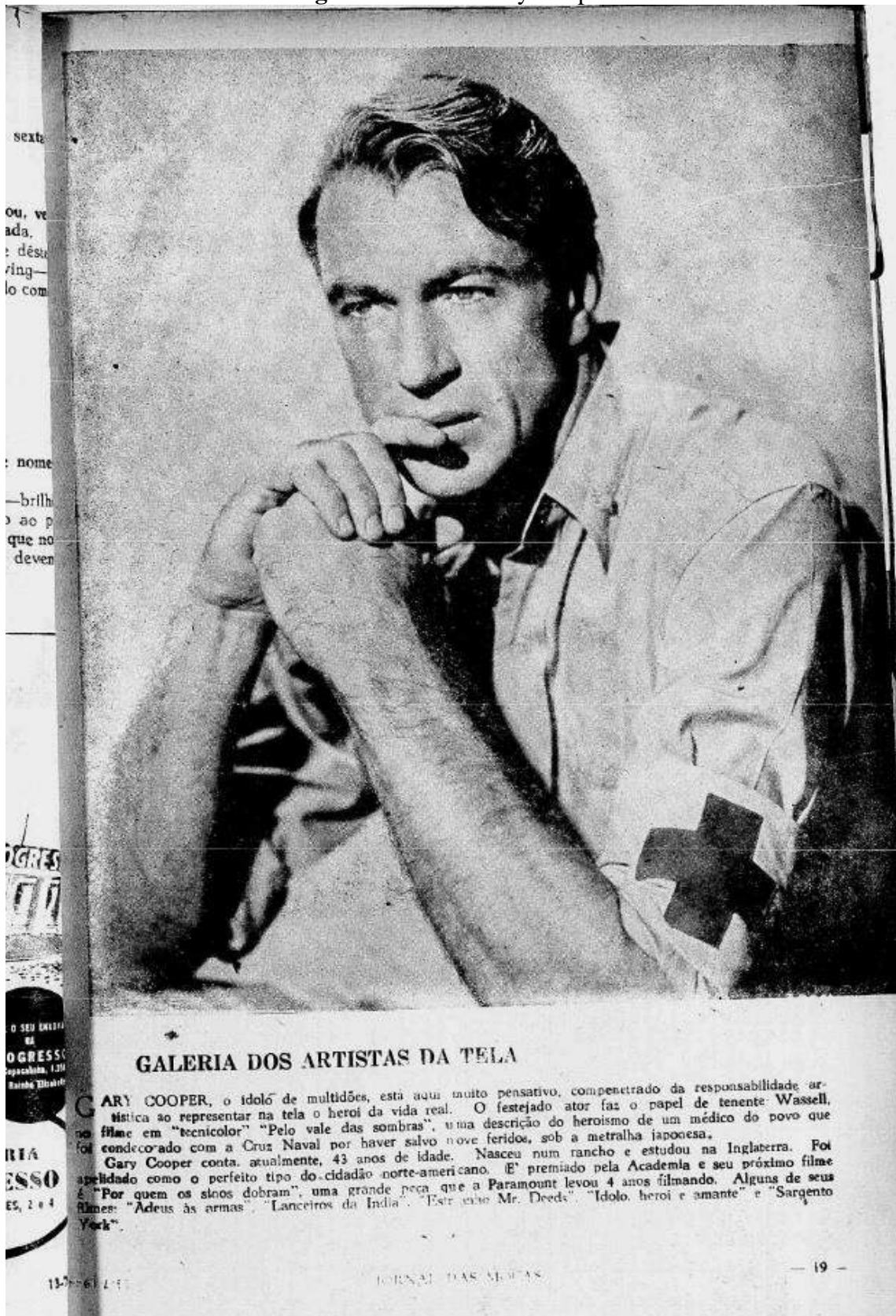
Vê-se que os exemplos do cinema se valem de artifícios que ocupam a ordem do desejo, reviram e provocam com a criação de personagens envoltos em personalidades incógnitas que objetivam intrigar o público feminino. Padrões para a virilidade são lançados em torno de toda a fascinação que o cinema é capaz de causar, tendo nos ídolos das telas retratos fascinantes de homens a quem se desejar, seja desejar como amante ou tornar-se como um para ser desejado (KUSTER, 2015).

O ingresso da imagem do soldado nesse cenário de figuras de referência para a beleza e comportamento viril, que desperta a fantasia feminina, se dá predominantemente de duas formas: atores encenando soldados heróis nas tramas dos roteiros, e militares que adentram os domínios da atuação. O soldado, assim, tem uma duplo ajuste: intérpretes se tornam militares e militares protagonizam personagens na grande tela.

A imagem de Gary Cooper condensa o que aqui está posto, quando incorpora o tenente Wassel em “Pelo vale das sombras”, encenando um médico presente no campo de batalha, salvando feridos aliados dos ataques japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo que não uma referência direta à um soldado de infantaria, uma imagem mais clássica de um combatente, uma concepção militarizada do masculino é claramente replicada pelo ator, como pode ser visto na passagem abaixo da imagem, na qual se diz que o filme é “uma descrição do heroísmo de um médico do povo que foi condecorado com a Cruz Naval”.

Correspondem-se valores e aparências tidas como viris nos anúncios contidos no periódico, com as configurações militarizadas revestindo de valores heróicos, de ação e perigo, acompanhados de uma aparência que poderia carregar signos desse vínculo, como a faixa com a cruz vermelha ao centro, símbolo dos segmentos médicos atuantes em campo de batalha. O ator é desafiado a interpretar um difícil tipo, o do herói da vida real, tendo por tal motivo grande responsabilidade de trazer à luz o importante papel que o homem militarizado porta nesses tempos, abrindo a possibilidade da leitura de sua dura expressão e pose, denotando a seriedade da atividade da guerra associada ao seu visual viril, mesmo que na ficção.

Figura 6 – O ator Gary Cooper



Fonte: Jornal das Moças 13.07.1944, p. 19

Por outro lado, eventos com atores compondo as fileiras que combateram na Guerra também são expostas. Acontecimentos dessa natureza são contados pelo *Jornal das Moças* nos quadros estadunidenses e brasileiros. São muitas vezes os “queridinhos das garotas” que tiveram obrigações de vestir os uniformes e lutar longe da pátria, levando ainda com eles, contudo, as competências que os fizeram ser personificações dos padrões masculinos.

O astro é identificado com o soldado, deixa-se de atuar nos filmes para a real ação nos teatros de operação, atividade tão nobre quanto o estrelato nas grandes tramas. Até o findar das batalhas, congregar os representantes dos ideais de garbo masculino com as instâncias militares parece significativo, de modo que o soldado emerge também como ícone do desejo feminino, como ocorre com o ator estadunidense Robert Taylor.

Figura 7 – O ator Robert Taylor



Fonte: *Jornal das Moças* 10.08.1944, p. 65

Figura 8 – O pracinha Carlos D'êça

Um herói de Monte Castelo no Cinema

AVIOS foram ao fundo! Muitos homens pacatos, chamados a servir à pátria, pegaram em armas. Outros não, agora maiores e bem armados, cegaram, então, aos porcos e recebam esses homens que não mais eram pacatos, mas que estavam possuídos do desejo de vingança e queriam colocar com os outros homens que também foram doces e trabalhadores, na vitória sobre aquela raça que aos golpes ia desaparecendo. Foi assim que se tornou uma grande força expedicionária que partiu para alemar. Era a F.E.B.

Os dias, nessa época, eram tenebrosos. Tudo, na vida do mundo, se resumia em um esforço total para satisfazer as necessidades que um "Marte louco" impunha aos governos dos países de todos os continentes.

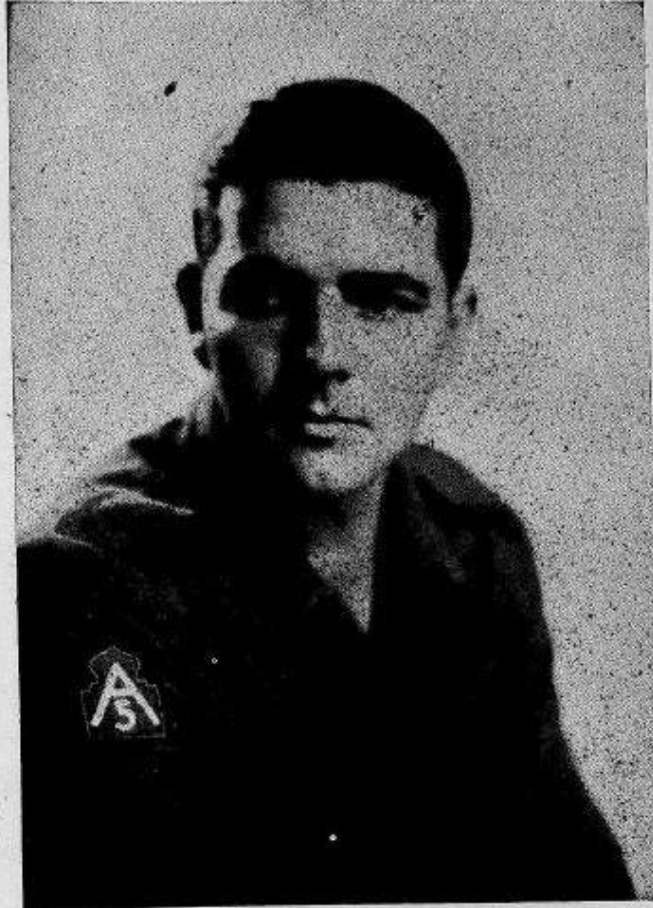
Dia e noite, eram, para os jovens que atravessavam o Atlântico, um eterno "blackout" e o receio de um ataque dos corsários nazis. Os comandantes dos transportes, sempre atentos, faziam manobras ousadas, até que as terras da Itália transformada pelos bombardeios em um montão de ruínas foram divisadas.

Os rapazes sentiram, de súbito, a sensação característica de quem vai entrar em luta. Relembraram os parentes que aqui ficaram e, um a um despediram-se daqueles colossos dos mares que levavam ainda um pouco da terra do Brasil. Pisaram no solo da velha Europa. Isto para os bravos "garotos" já era uma glória. Havia conseguido aquilo que os germânicos desejaram e jamais conseguiram: atravessaram os mares e foram batalhar no campo inimigo.

Estavam então lado a lado com os camaradas que tanto admiramos através de suas gloriosas ações e aos quais nos acostumamos a amar como se fossem nossos irmãos de sangue, os yankees.

O quinto exército americano era o exército dos brasileiros. Cada palmo de terreno que um conquistasse, seria, também uma conquista do outro. Irmãos, iriam partir por aquilo que a Terra inteira lutava mas que nas Américas sempre foi lema desde sua descoberta: Liberdade e direito de pensar. Respeito ao direito de viver do modo que melhor achar. E frente a eles estava justamente, a barreira a esses ideais.

Os dias foram cruentos e as noites apreensivas. As madrugadas, seguindo os planos traçados pelos



CARLOS D'ÊÇA, foi um dos heróis brasileiros na luta contra os nazistas. Ferido, continuou a luta até que no momento em que os bravos da FEB davam o último assalto ao Monte Castelo, em 23 de Fevereiro, caiu gravemente ferido por um estilhaço de granada. Levado para o hospital americano de emergência foi submetido a delicada intervenção cirúrgica. Lá esteve ele três dias e pôde ver como são amigos os americanos a quem somente podemos chamar de irmãos. Este jovem é um dos milhares de cidadãos pacatos que vingaram os assassinatos em águas brasileiras e salvaguardaram a Liberdade. Antes da guerra estudava direito e representava no cinema tendo aparecido em "24 horas de sonho", "Pureza" "O dia é nosso" e "Romance proibido".

Vencedor que foi do Concurso Cinédia, tinha um contrato para melhores papéis que lhe serão dados em breve, quando o Clarim souu. Agora ele está entre nós, outra vez. Seu retrato, nesta página, pode bem lembrar o semblante de todos os queridos patriotas que também lutaram pois que não temos espaço para publicar tantos heróis.

comandantes aliados, eles atacavam. Companheiros caíam feridos, granadas sibilavam sobre as cabeças os canhões ribombavam impetuosamente e os aviões despe-

javam suas cargas mortíferas. Nada os atemorizava. Eles queriam Liberdade e por ela emprestavam a vida. A custa de sacri-

(Continúa na Pág. 66)

26.7.1945

JORNAL DAS MOÇAS

- 51 - E -

O Soldado Carlos D'êça é o exemplar brasileiro escolhido pelo *Jornal das Moças*, em destaque, é chamado de herói na campanha vitoriosa da FEB no assalto ao Monte Castelo, na Itália. Seu heroísmo advém da sua dita perseverança em permanecer no *front*, mesmo depois de ter sido ferido por estilhaços de uma granada em combate. Porém, muitos outros relatos semelhantes podem ser colhidos em depoimentos, entrevistas e diários de guerra, nos quais se pode enxergar diversas narrativas de parecido conteúdo.

Porque então a escolha desse praça em específico? O jornal alerta: “ não temos espaço para publicar tantos heróis”, estando ali o rosto de D'êça para rememorar o semblante de “todos os queridos patriotas que também lutaram”. Ora, a proposta de síntese das faces do soldados brasileiros que estavam em luta é o rosto de um herói de campanha, repleto de notáveis valores caros à virilidade: a resistência ao sofrimento do ferimento, o empenho e a tenacidade do quedar em batalha mesmo em condições físicas adversas, a coragem de enfrentar o perigo do inimigo nazista.

A feição do soldado da FEB é a fisionomia do estudante de direito D'êça, e o mais importante para o jornal, carrega os traços de quem “representava no cinema” uma promessa de jovem ator que “tinha um contrato para melhores papéis que lhe serão dados em breve, quando o Clarim soou”. O modelo do soldado brasileiro se confunde com o do astro do cinema, representações que se manifestam imbricadas no tecido da construção imagética de heróis e figuras a quem seguir e desejar.

Assim sendo, a imagem militarizada apresenta uma dupla inserção no mundo do cinema expressa pelas fontes, faz-se valer dessa mídia para a construção de personagens militares embebidos de valores viris heroicos interpretados por famosos atores, e o apelo e associação do semblante de reais soldados anônimos com a pessoa de um jovem ator e sua interrompida carreira para a obrigação de defesa nacional. Aqui, o soldado é também aquele que desperta a admiração de um astro, transpondo além dos aspectos viris que conferem heroísmo para aqueles que protegem e são merecedores do suporte de uma mulher forte, adquirindo *status* visual dos mais desejados constructos viris enquanto imagem para a época, associados aos galãs das telas.

3 POR ENTRE UNIFORMES E TERNOS: MASCULINIDADES VESTIDAS DE DISCIPLINA E ESFORÇO

3.1 O REVESTIMENTO VIRIL PARA A BATALHA: O UNIFORME

Os trajes se inscrevem e se confundem com a identidade visual criada em conjunto nas relações que estabelecem com os corpos.

A vestimenta, percebida como extensão do corpo, ou seja, como uma segunda pele, atua como um elemento de diferenciação e definição do sujeito a partir de um sistema não verbal de comunicação, constituindo uma das principais formas de expressão da personalidade. Entendida de forma ampla, possibilita a concretização de subjetividades e, no imbricamento com o corpo, arquiteta regimes de presença, de interações e de visibilidades. (ASSUNÇÃO, 2016, p. 194).

Os homens, vestindo uniformes, estabeleciam-se como comunicações visuais de pertencimento dos soldados a uma Força Nacional. Na narrativa do soldado, o sangue e o corpo transformado pelas disciplinas militares se configuram em marcação simbólica sobre os corpos vestidos que faziam circular representações sobre “[...] uniformidade, unidade, regra, hierarquia, *status* e papéis.” (CRAICK, 2003, p. 5).

Durante os anos da participação do Brasil na Segunda Mundial (1942-1945) a moda masculina foi instrumentalizada pelo governo Vargas como política dos e para os homens. No período, a necessidade de mobilizar e de preparar as Forças Armadas - do exército, da marinha e da aeronáutica – constituídas por homens paramentados com uniformes e que fossem fortes, corajosos e valentes para representar e lutar pela nação no campo de batalha, fez com que a moda masculina fosse incorporada pelas políticas de Vargas.

A transformação dos soldados em símbolo do patriotismo viril, desenhado para os homens da nação, fez parte das estratégias político-militares de Vargas e da moda masculina que, como esferas disciplinares dos corpos, das aparências, dos comportamentos, das sensibilidades e subjetividades, alteraram as relações deles consigo mesmos, entre eles e com a sociedade.

Portanto, o olhar aqui empregado se volta para os processos que marcaram a união entre a disciplina militar e da moda masculina patriótica na transformação objetiva e subjetiva dos homens. “As roupas e os estilos da moda são ‘portadores’ de uma gama de significados ideológicos, ou ‘pautas sociais’.” (CRANE, 2006, p. 63). No *Jornal das Moças*, como

periódico direcionado para os segmentos femininos das camadas médias e da elite da população, nas imagens e notícias sobre os soldados são encontradas as pistas das operações ideológicas de sentido que movimentaram a moda masculina e feminina, delineando atuações e papéis sociais e políticos para homens e mulheres.

Nas linhas e entrelinhas do *Jornal das Moças* é visível como a guerra aproximou a história militar e da moda, alterando as maneiras de vestir, de sentir, de agir e até mesmo as formas de as mulheres e os homens se apreciarem mutuamente como masculinos e femininos. Portanto, na linha da história dos uniformes e de seus usos pelas instituições escolares e militares, os homens, ao vestirem indumentárias emblemáticas do exército, da marinha e da aeronáutica, com cores, cortes e acessórios que diferenciavam os grupamentos e identificavam os soldados como pertencentes a grupos ou como elementos dos batalhões das forças masculinas na Segunda Guerra Mundial, evidenciavam que outras disciplinas se associavam àquelas do serviço militar.

Importa destacar ainda que em Roche (2007), a história dos uniformes, como prática de vestir dos soldados, deve ser entendida como intrínseco às transformações sociais dos exércitos no século XVII. O uso do uniforme ocorre a partir de várias mudanças na sociedade do Antigo Regime, “[...] como a consolidação da monarquia absoluta, o desenvolvimento de um exército permanente, a generalização das armas de fogo na infantaria e o nascimento da moderna artilharia, o início da separação entre as sociedades civil e militar.” (ROCHE, 2007, p. 231).

O princípio comum que orienta o uso dos uniformes é a disciplina, em que “[...] a necessidade de formar corpos e mentes encontra no uniforme um subsídio valioso: um treinamento, um recurso na educação da força individual controlada.” Logo, “[...] o propósito fundamental por trás da padronização do traje militar não é tanto o objetivo tático de tornar as tropas reconhecíveis em ação, mas o preparo e o treinamento dos corpos para o combate.” (ROCHE, 2007, p. 234).

Dessa forma, é de se perguntar sobre o papel dos uniformes nas disciplinas do corpo dos soldados brasileiros na segunda Guerra mundial. Faz-se pertinente, assim, entender os aspectos que dão coesão para um grupo militar. A compreensão de si enquanto díspar e superior frente aos grupos civis ou perante o inimigo, fundada na homogeneidade de seus membros, moral e fisicamente, figura como perspectiva central. Há na ideia do militarismo uma impressão de distanciamento de outros grupos pela sua conceituação subjetiva transposta objetivamente por intermédio de práticas e condutas compartilhadas pelos seus membros, ou

seja, o militar se constrói enquanto tal a partir de uma disciplinarização do corpo ajustada ao código militar (CASTRO, 2004).

Foucault (2014) coloca que em inícios do século XVII, a figura ideal de um soldado era aquela a qual se poderia reconhecer já à distância, carregando naturalmente as características desejadas, como força, vigor, coragem, valentia, tendo em seu corpo o brasão disso tudo, alcançando-o mediante da vida honrada. Há, porém, após meados do século XVIII, transformações nessa concepção tornando o soldado em algo que se fabrica, saindo de um corpo inapto, sem forma, até uma máquina da qual se necessita, assenhoriando-se desse corpo, dando “fisionomia de soldado” para um até então civil.

Para Huntington (1996), em finais do século XIX tem-se o desenvolvimento da ideia relacional entre Forças Armadas e Nação, surgindo enquanto fenômeno mundial a partir da Prússia. Nacionalidades emergentes se valeram dessa associação findando o alcance do caráter unitário populacional, pois em muito, a imagem de um livre ingresso na causa de proteção da Pátria e sua honra, pelo amor nutrido por ela, serve como aliado nesse intento.

Comentando Huntington, Nascimento (2010, p. 75) aponta que, atrelado a isso, constitui-se por meio dessa conjuntura a profissionalização das instituições militares, tendo já em inícios do século XX, na maioria das sociedades ocidentais, a presença do militar profissional, ou seja, do oficialato. Huntington aponta três características que são necessárias para o estabelecimento do profissionalismo em uma instituição militar: especialização, responsabilidade e corporatividade.

A especialização se refere ao conjunto de normas e de técnicas que agem na sua distinção para com leigos: por meios educacionais e da experiência se tem a garantia da especialização de um indivíduo. Já a responsabilidade está na ordem de moralidades que envolvem o papel do profissional militar no seio da sociedade. Corporatividade, por fim, configura-se na representação de conjunto, homogeneizando e unindo aqueles que desempenham a mesma função, em um corpo comum a todos eles, protegendo interesses comuns. Desse modo, pode-se dizer que essa forma de organização das Forças Armadas é feita pela junção de tropas constituídas de civis e um corpo oficial permanente, exigindo “[...] uma dedicação permanente, remunerada, acompanhada de estudos físicos e intelectuais e regras burocráticas codificadas.” (NASCIMENTO, 2010, p. 75).

Como ainda conta Nascimento (2010, p. 77), as questões de profissionalismo e modernização adentraram também nas perspectivas dos militares brasileiros, principalmente após os eventos ocorridos durante o início do período republicano, como o conflito de

Canudos²⁷, que tiveram a intervenção das Forças Armadas. Sentiu-se a necessidade de mudança rumo ao caráter profissional, promovendo reformas, tendo o ensino militar no cerne da adequação às novas realidades que exigiam a defesa tanto externa quanto interna do Brasil.

É dito que:

Já em decreto de 1919, o Alto Comando do Exército definia novas perspectivas para a formação do oficial, a partir de cinco pontos básicos que deveriam ser cumpridos: a conclusão do Curso de Armas na Escola Militar do Realengo; o curso de aperfeiçoamento na Escola de Aperfeiçoamento de Armas (futuramente designada EsAO – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais) os cursos técnicos de Artilharia e Engenharia para os oficiais destas armas; o curso de Estado Maior na Escola de Estado-Maior e o curso de revisão, destinado a manter os oficiais atualizados nas últimas alterações das doutrinas de guerra (NASCIMENTO, 2010, p. 77).

Assim, faz-se claro o compromisso dos militares brasileiros do período com um projeto de nação e de avaliação da própria função dos mesmos na sociedade. Junto disso, precisa-se também de um projeto de homem, o nascimento de um novo tipo, com o qual os segmentos militares brasileiros parecem à época se engajarem na modelagem.

Ecoss deste concurso militar na modernização patriótica nacional são vistos até nos círculos intelectuais. O poeta Olavo Bilac, a partir de 1915, realiza alguns discursos que vão diretamente de encontro com uma ideia de construção de um homem patriótico, que atrelado ao Exército e seu poder de civismo, conduziria até mesmos as camadas mais incultas ao patriotismo, suscitando a coesão nacional propiciada pela democracia que a obrigatoriedade do serviço militar proporcionava. O amorfismo nacional é relacionado com a falta de consciência, desocupação, vadiagem em antinomia com a ordem, hombridade e distinção ajustada ao quartel.

O que é o serviço militar generalizado? É o triunfo completo da democracia, o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a educação cívica obrigatória; [...] as cidades estão cheias de ociosos [...] para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação. A caserna é um filtro admirável em que os homens se depuram e apuram; dela saíam conscientes, dignos, brasileiros esses infelizes sem consciência, sem dignidade, sem pátria que constituem a massa amorfa e triste de nossa multidão (BILAC, 1917, p. 7 *apud* NASCIMENTO, 2010, p. 89).

²⁷ Conflito armado entre os exércitos governistas e os sertanejos liderados pelo líder religioso Antônio Conselheiro, na comunidade baiana Arraial de Canudos, em 1897. O movimento social que deu origem ao arraial e o confronto com desfecho trágico, tendo a destruição de Canudos, foram narrados e tornados célebres pela obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902 (MELLO, 2007).

Introduz-se nas armas brasileiras um sentido mais diretamente ligado aos exércitos profissionais, nos quais a disciplina militar é referente à espontânea submissão em uma gama hierárquica. Logo, a obediência, a ordem e a subordinação são aspectos amiúde trabalhados nessa lógica. Hierarquia e disciplina são, dentro desse código, bases fundamentais para a construção dos sujeitos militares. Tais ideias podem ser encontradas em discussão também por Foucault (2014), que postula:

Exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos “à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina”. Para que, todos, se pareçam (FOUCAULT, 2014, p. 179).

Para tal, mediante um conjunto de estratégias de socialização, visa-se a domesticação dos novos membros, agindo de maneira que se adequem ao grupo, introduzindo valores possibilitando a “docilização” dos corpos, os tornando úteis (BRITO; PEREIRA, 1996).

Consegue-se, dessa maneira, um corpo com utilidade, submetido e dócil, ou seja, aquele corpo “que pode ser utilizado, que pode ser transformado, e aperfeiçoado”. O trabalho de adestramento é feito ao nível do detalhe e da mecânica, e tudo, desde gestos até atitudes, são minuciosamente pensados objetivando a eficácia e a economia dos movimentos.

Esses métodos que impõem as relações entre docilidade e utilidade, como diz Foucault (2014), podem ser chamadas de “disciplinas”. Tais processos diferem de outros como as relações unilaterais e de constante domínio da domesticação, baseadas na vontade singular de quem coage, das violentas e custosas relações de escravidão, das submissões que caracterizam as vassalidades, donas de uma complexa rede de códigos, marcadas mais pela obediência do que pela ação no corpo ou dos ideais ascéticos, que visam mais o controle de si próprio do que um aumento de utilidade. A chave para o entendimento das disciplinas figura na postulação de seu caráter de tornar o corpo “mais obediente quanto é mais útil, e inversamente”, pois não se domina mais o corpo de outro apenas para que ele faça, mas também faça a partir das técnicas, cadência e efetividade desejada.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos

individuais (...). A disciplina fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 2014, p. 167).

O General Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército durante boa parte da década de 1930, figura de proeminência no íterim da fundamentação do Estado Novo, como da participação brasileira em campo de batalha na Europa em 1944, postula que a força hierárquica assegura a eficiência da disciplina. Nascimento (2010, p. 130) aponta trechos do boletim de 1931 submetido por Góes Monteiro, “A Hierarquia Militar e a Disciplina”, publicados na edição de maio de 1931 na revista *A Defesa Nacional*²⁸, em que o militar aponta a necessidade de força hierárquica para assegurar-se a disciplina. Para isso, a competência seria atributo essencial para a ocupação de cargos de comando, deixando de lado personalismos, só dessa maneira alcançando-se o profissionalismo, seleção de pessoal como chave nesse processo. As ideias de hierarquia e disciplina encontravam respaldo tanto nas Forças Armadas como também em projetos de sociedade que se visava construir.

Como em Latfalla (2011), o papel de Góes Monteiro nesse sentido vai além, pois, fora um dos principais negociadores da modernização efetiva do Exército Brasileiro frente aos Estados Unidos na preparação do Brasil para a entrada na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados. Afora as atribuições pedagógicas das quais o Exército era imbuído, sua real participação em conflitos figurava um horizonte da própria existência da instituição, a efetividade das instâncias disciplinares e hierárquicas são testadas na prática, em ação.

A aparelhagem das fileiras para o exercício em terras europeias exigiu a transformação de diversos aspectos do Exército, durante a formação da Força Expedicionária Brasileira após 1942. Os uniformes não escaparam a isso, já que teriam que atuar em condições climáticas diferentes da já experienciadas pelos brasileiros, além de não escaparam das demarcações dos ideários do período, ou seja, estão carregados de múltiplas significações, incluso disciplinas e hierarquias.

A ideologia do Estado Novo enfatizava ideais militares, povo em marcha, disciplina, bravura e lealdade, destreza e resistência muscular, desbravamento e coragem, organização e vigilância, sacrifício e união. [...] Para um regime que pretendia construir um Estado Novo, a guerra – que poderia mobilizar a população e uni-la em torno das Forças Armadas e de ideais cívicos nacionalistas – era o momento oportuno para tornar todos os soldados a serviço da pátria, tendo como ideais escoteiros e enfermeiras (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 19).

²⁸ Revista voltada para assuntos militares publicada pela Biblioteca do Exército (BibliEx) desde 1913, na atualidade sendo publicadas *on-line*. Disponível em: <http://www.bibliex.ensino.eb.br/>

Pela inserção desta pesquisa em uma cultura na qual as atribuições dadas à imagem são de grande monta, tendo-se em vista as Forças Armadas, o uniforme representa o primeiro elemento que espelha valores ligados com a instituição e a sociedade civil. Essa aparência revela o que a instituição deseja transmitir, mas que tacitamente também nos traz à tona outros indicadores como as condições hierárquicas e “diferentes padrões de consumo das diferentes patentes” (MORAIS-ALEXANDRE, 1991, p. 170).

As roupas tem papel fundamental na viabilização de um sistema hierárquico, evidenciando patamares, tarefas e responsabilidades dentro da estrutura.

A disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando (...). Havia sido aperfeiçoado na Escola Militar um sistema complexo de hierarquização “honorífica”, em que as roupas traduziam essa classificação aos olhos de todos, e castigos mais ou menos nobres ou vergonhosos estavam ligados, como marca de privilégio ou de infâmia, às categorias assim distribuídas. Essa repartição classificatória e penal se efetua a intervalos próximos por relatórios que os oficiais, os professores, seus adjuntos fazem, sem consideração de idade ou de posto, sobre “as qualidades morais dos alunos” e sobre “seu comportamento universalmente reconhecido” (FOUCAULT, 2014, p. 178).

Portanto, indo ao encontro com essas acepções, os uniformes das baixas hierarquias da Força Expedicionária Brasileira, ou seja, soldados que compunham os baixos escalões das forças que partiram para o Teatro de Operações do Mediterrâneo em 1944²⁹, fornecem os indícios do poder disciplinar exercido sobre eles, a fim de organizarem-se como um grupo militar coeso e apto a lutar, revestindo seus corpos de significados e valores que lhes relegariam caráter guerreiro, deixando no Brasil suas faces paisanas.

3.2 MANEIRAS DE VESTIR: IMPASSES ACERCA DO UNIFORME

Na esteira do entendimento dos uniformes na qualidade de disciplinadores e marcadores visuais e simbólicos, capazes de agregar sentido para um corpo, além de hierarquizá-lo, vê-se importante a trajetória das mudanças de composições dentro da tradição militar brasileira do século XX.

Como conta Barros de Araujo (2014), os eventos em inícios do período republicano, ao final do século XIX e início do XX, fizeram também com que os uniformes do Exército

²⁹ Frente de batalha em que o Eixo e os Aliados disputaram a hegemonia militar no Mar Mediterrâneo e nos países ao redor, do Norte da África às regiões europeias próximas, como a Itália e os países da Península Balcânica (HOBSBAWM, 1995).

Brasileiro conhecessem modificações no que tange principalmente às cores, tecidos e cortes. Adota-se, ao invés de cores mais chamativas e vibrantes como o azul e o vermelho, comum em épocas anteriores, cores em tons mais sóbrios como o cáqui e o verde-oliva, dificultadores do comando em batalha, mas em outra via, mais seguros com a proteção da camuflagem. Essas mudanças tiveram lugar e padrão mediante os regulamentos específicos do Exército.

Em exemplo disso foi o Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército, o RUPE³⁰, na primeira metade do século XX, um documento normativo que objetivava a padronização dos uniformes e dos usos que deles deveriam ser feitos. Fora aprovado em 10 de agosto de 1942, pelo Decreto 10.205, e regulamentava as variedades de tecidos e as peças que compunham os uniformes, atrelados aos modelos efetivos no Estabelecimento Central de Material de Intendência. Porém, o que mais interessa aqui é o regimento para os diversos uniformes usados por oficiais, cadetes ou praças.

Os uniformes previstos pelo RUPE, a princípio, seriam os que o Exército Brasileiro usaria em caso de declaração de guerra, elencava do 1º ao 7º uniforme e a sua distribuição se dava entre dois grupos. O primeiro, oficiais, cadetes e alunos, utilizariam todos os números de uniformes previstos pelos regimentos, enquanto o segundo grupo, o de praças, subdividido entre subtenentes e sargentos, cabos e soldados, fariam uso apenas do 2º ao 7º número.

Contudo, a aparência dos uniformes contidos no RUPE diferia dos padrões adotados pelos estadunidenses, aproximando-se mais aos moldes europeus, em especial ao alemão, o que conferia um problema, já que o alinhamento brasileiro se deu, a partir de 22 de agosto de 1942, com a declaração de guerra aos países do Eixo, de forma especial, ao lado dos Estados Unidos. Nasceram assim o Plano de Uniformes da FEB e o Caderno de Encargos de Material de Intendência³¹, ambos padronizados com os estadunidenses. Surgidos do decreto 15.100 de 20 de março de 1944, foi o início da preparação dos equipamentos a serem usados de fato no campo de batalha.

Previa-se, por esse plano, que os uniformes teriam simplicidade, não modificando radicalmente o que já vinha sendo utilizado pelo regulamento anterior, abolindo ou tolerando, além de adicionar novos itens visando um melhor desempenho. Nota-se que nenhuma peça fora do estipulado ou de condições poderia ser encaminhada até o Teatro de Operações, seja

³⁰ Regulamento aprovado pelo Decreto 10.205 de 10 de agosto de 1942, que ordenava peças e tecidos dos uniformes. Esse regulamento elencava sete números de uniforme que variavam quanto a finalidade, que poderiam ser de serviços externos ou internos, atividades físicas ou momentos de solenidade. Além disso, previa as distinções de patente por meio da simbologia e distintivos atrelados aos trajes (BARROS DE ARAUJO, 2014).

³¹ Planos e regulamentos do Exército Brasileiro com a finalidade de padronizar as vestimentas militares ao sistema estadunidense (BARROS DE ARAUJO, 2014)

por praças ou oficiais, tendo as seguintes constituições: uniformes de oficiais de passeio e de combate, uniformes de praças de passeio e de combate e uniformes de cabos e soldados de passeio e de combate.

Atendo o exame apenas na constatação do que diz o Plano de Uniformes da FEB, seria tentador inferir a homogeneidade e a distinção hierárquica que as indumentárias da FEB conferiam. Mas como essas determinações foram realmente adotadas, consumidas? Era esse poder disciplinador forte o suficiente para alcançar esse grau de coesão durante o conflito ou nos viabiliza a constatação da abertura de brechas para o múltiplo, o diverso, ainda que organizado?

Entendeu-se o corpo e o uniforme, a aparência do soldado, como um território no qual se circunscrevem noções de ordem exterior ao próprio corpo, aqui transformado em objeto, sustentadas pelo Estado Novo Brasileiro, dando materialidade para essas proposições que preconizam uma realidade de uso mais próxima do desígnio inicial para o qual foram pensados, como já dito, eficiência e operacionalidade em campo. Morais-Alexandre (1991, p.169) concebe que, pelo motivo acima apontado, os uniformes militares poderiam estar diametralmente opostos aos intentos da moda, de celebrar o efêmero, minar o perene, mas que, entretanto, não é o que se confere historicamente, pois em muito existem modas influenciadas pelos trajes militares e muitos dos mesmos são influenciados por modas correntes em seus períodos. Como aponta Castillo (2004), a moda também tem o poder de modelar o corpo mediante sua linguagem e dar significados novos e diversos a esse corpo, apropriando-se dele, exercendo as transformações necessárias para tal.

Em vista disso, o olhar para as pequenas subversões e resistências que ocorrem ao nível do consumo é importante, assim como em Certeau (1998). Complementarmente às ideias de Foucault, entende-se que ainda que os corpos permitam enxergar as forças das disciplinarizações, há a possibilidade de movimentos nem sempre passivos de consumo dessas relações. Desse modo, a pesquisa se ocupa dos desvios das práticas postas pelo regimento de uniformes, fazendo dos soldados personagens ativos e produtores do que representaram suas próprias indumentárias, preocupando-se com os procedimentos táticos da rotina no *front* ou em tempos de inexistência de conflito, no que se refere ao uso do uniforme.

As “maneiras” de vestir encontradas durante a participação das tropas brasileiras no Teatro de Operações do Mediterrâneo criam combinações de utilização da ordem imposta pelo seu lugar militar, estabelecendo pluralidades, dando margem ao criativo. Uma inferência que pode ser feita que corrobore com as afirmações anteriores, reside no fato da exposição das tropas da FEB à novas formas organizacionais, muito no que tange ao estilo dos uniformes,

que até antes do conflito mundial se aproximavam muito mais de modelos europeus, com maior presença da influência francesa por conta da Missão Militar Francesa, que esteve no Brasil a partir de 1919, objetivando a modernização das fileiras, mas que após a declaração de guerra ao Eixo, em 1942, teve seu alinhamento claramente deslocado para a órbita dos Estados Unidos e com isso trazendo ideias e produtos que não faziam parte das experiências bélicas brasileiras.

A Missão Militar Americana desde meados da década de 1930 alcançara diversos resultados positivos nas áreas de auxílio na defesa costeira brasileira, tendo aos poucos suplantado o pensamento doutrinário francês, se consolidando ao longo da Segunda Guerra Mundial. Vê-se, portanto, no contato com diferentes lugares, como a tradição militar estadunidense promoveu um favorecimento das subversões:

Essas operações de emprego - ou melhor, de reemprego - se multiplicam com a extensão dos fenômenos de aculturação, ou seja, com os deslocamentos que substituem maneiras ou “métodos” de transitar pela identificação com o lugar (...). Gosto de dar-lhes o nome de *usos*, embora a palavra designe geralmente procedimentos estereotipados recebidos e reproduzidos por um grupo, seus “usos e costumes”. O problema está na ambiguidade da palavra pois, nesses “usos”, trata-se precisamente de reconhecer “ações” (no sentido militar da palavra) que são a sua formalidade e sua inventividade próprias e que organizam em surdina o trabalho de formigas do consumo (CERTEAU, 1998, p. 93).

Como o faz Certeau (1998), exemplificando com o ato de falar, em que o sujeito se serve de um “capital” linguístico, o idioma propriamente dito, mas que só se faz real na palavra, na operação de consumo que se faz desse arcabouço, na fala, no modo de dizer, permeando as nuances do contexto no qual tem de ser empregada, sendo produto, mas também a produzindo.

Isto posto, contudo, não faz com que sejam precisas as relações de poder envolvidas nas determinações hierárquicas dos uniformes. Ações que em aparência são carentes de sentido, sem coerência com as determinações do lugar pré-fabricado de onde advêm, esboçam as astúcias, diferentes necessidades e desejos, em suma, táticas de sobrevivência.

Escapa muitas vezes aos sistemas organizacionais, o que é feito com eles, os modos de recebimento. Surge assim o campo de batalha que tem como seus atores a norma e a operação dela, ou estratégias e táticas:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser

isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (...). Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro (...). Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência do próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha (CERTEAU, 1998, p. 99-100).

Logo, a estratégia é o artifício de se constituir enquanto apropriado e, o seu outro, o desapropriado. Nessa proposta, construir-se enquanto grupo militar, utilizando-se das roupas nesse processo, caracteriza-se como uma estratégia. O regulamento de uniformes evidencia isso, postula as adequações, as hierarquizações, necessárias à coesão interna e frente ao inimigo.

As táticas, “arte do fraco”, toma lugar no outro, no inapropriado, dá golpes nas estratégias quando da ausência de poder, na ótica foucaultiana, na falha da vigilância. Retomando Barros de Araujo (2014, p. 73), vê-se que enquanto as tropas brasileiras estiveram em combate na Itália, os soldados, ainda que cientes das proibições no que diz respeito ao uso de peças diferentes ou mistura de roupas civis ao uniforme militar, prescritas no regulamento, subverteram a estratégia inicial, fosse por motivações logísticas ou de adversidades da campanha na Europa, configurando tais atividades como táticas.

De maneira geral, tanto o RUPE quanto o Plano de Uniformes da FEB não traziam mudanças significativas no que consta ao uso dos uniformes em combate durante o inverno europeu. Não se configurou com regularidade aspectos como: “manutenção da integridade física dos soldados em relação ao frio, durabilidade dos tecidos e costuras, secagem rápida, conforto, tingimento adequado, proteção para os pés proporcionados por meias e calçados apropriados” (BARROS DE ARAUJO, 2014, p. 70-71).

Botas de combate pesadas e não resistentes ao frio, bem como as roupas de lã, que além de tudo traziam problemas em suas tonalidades, que dependendo da origem, estadunidense ou brasileira, podiam apresentar tons mais próximos aos alemães que aos norte-americanos. Os uniformes verdes-oliva confeccionados em lã, por exemplo, tinham uma tonalidade mais acinzentada, levando até mesmo a erros de identificação no campo de batalha, sem relatos de apresentação de soluções, ao menos documentalmente.

Barros de Araujo (2014, p. 73-74) cita, então, que quase a totalidade dos soldados da FEB fazia uso de composições diversificadas, em operações e momentos de descanso, expondo assim a multiplicidade de modos de ser possibilitados por esse grupo. Em apenas

três tamanhos, pequeno, médio e grande, distribuídos, nem sempre os uniformes se ajustavam perfeitamente ao corpo, muitas vezes desconfortáveis. Soluções como o apelo para costureiras italianas, que recortavam, adaptavam os tamanhos, reforçavam costuras, inseriam bolsos, chegando até a autorização pela troca do distintivo brasileiro pelo da cobra fumando, aludindo ao bordão muito usado pelos praças “a cobra vai fumar”, referente a famosa frase de Getúlio Vargas de que era “mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na Guerra”. Diante desse cenário, originalidade e multiplicidade são inevitáveis.

De um lado, então, os regulamentos e as hierarquias bem definidas, de outro, as questões práticas do recebimento desses poderes. Estratégias e táticas se movem pelos campos de batalha na Europa conflituosa e pelos próprios campos de luta internos compostos pelos grupos atores do contexto. O uso dos uniformes e suas correspondências com as masculinidades, portanto, não é tão claro como a princípio se poderia pensar. Suas dimensões atingem desde a esfera de suas razões sociais até a formação e interpretação mais individualizada de seu consumo.

Uniformes têm vidas públicas e privadas, e são as relações entre essas duas dimensões o assunto deste artigo. Quer dizer, há uma profunda diferença entre a definição padrão de uniformes que está em um dicionário (não muda em forma ou caráter; invariável; de acordo com o mesmo padrão ou regra; roupa usada por membros de um mesmo corpo, por exemplo, soldados, marinheiros, policiais) e os atributos associados a eles (CRAIK, 2003, p. 6).

Ainda em Craik (2003), há uma distância considerável entre os significados e identidade disciplinar, hierárquica, unitária, e a experiência dos uniformes; é frequente casos em que há abandono ou descontínuo dos códigos regulamentares, interpretações individuais e diferenciação em identidade. Configuram-se assim as mensagens subliminares de duplo sentido que os uniformes manifestam. Tais mensagens de duplo sentido são uma combinação de “não” manifestações e de transgressões. Deixar de usar certo acessório, incorporar algum outro ou usar de maneira não prevista em regulamento, pode, por exemplo, gerar punições (como a repetição da prática uniforme até que se aprendesse corretamente; a queda de privilégios e hierarquias entre outros), revelando, dessa maneira, outras formas comunicativas dos uniformes, nos âmbitos da subversão, vergonha, punição, em contraponto às manifestações de coesão e uniformidade.

De modo geral, esses impasses na constituição dos uniformes utilizados pelos soldados brasileiros em combate na Europa vão em direção à constatação da comunicação não apenas de disciplinas e hierarquias bem dispostas e claras. A experiência dos uniformes e composição

visual dos integrantes da FEB de maneira alguma pode ser associada somente com o que se deve evitar, limitar, coibir; mas que grandemente se relacionam com a exposição de valores e vicissitudes do contexto em que se encontravam, muitos dos quais diretamente ligados a constituição dos masculinos.

Comunicam-se aspectos de uma experiência masculina mais distanciados dos ideais de performance que têm a disciplina como ponto chave. Vêm à tona masculinidades negociantes entre o homogêneo proposto pelo uniforme e a ‘desordem’ dos imprevistos necessários durante o conflito com o inimigo.

As representações de uniformes que foram encontradas ao longo da análise da fonte contemplam apenas as faces da coesão que o uniforme concede. Vê-se que é ausente qualquer proposta de diversidade nas indumentárias militares, ou que remeta para uma desorganização nas Figuras 2 e 9 em que se representa um soldado uniformizado, seja retratando efetivamente expedicionários da FEB ou peças publicitárias contendo militares genéricos.

3.3 TERNO: O UNIFORME CIVIL MASCULINO DA DIPLOMACIA

No artigo 136 da Constituição de 1937³², dos então Estados Unidos do Brasil, reserva-se espaço para a feição em que a questão do trabalho tomaria no ínterim do Estado Novo de Vargas. O trabalho e os trabalhadores se configuraram em importantes alicerces das ações e políticas varguistas, sendo o trabalho entendido enquanto um dever social, tendo no direito de subsistir a partir dele uma garantia que deveria ser dada pelo Estado na concessão de condições favoráveis a tal.

A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial contemplou essa valorização do esforço, como mostra a publicidade voltada para a representação de cidadãos úteis, prestativos e fisicamente arranjados para o empenho nos projetos da Nação. Os setores mobilizados para o combate, o suporte ou a defesa do território, em suas representações e práticas, convergiam com o discurso prestigioso ao trabalho duro.

Aliado a isso, de um modo geral e hegemônico, as subjetividades masculinas nas décadas de 1930 e 1940, em muito, relacionavam-se diretamente com o mundo do trabalho, como já posto anteriormente, grande parte do se formar e ser um homem à época se dá no preparo e exercício do trabalho. Segundo Cytrynowicz (2000, p. 180), cria-se uma mística de

³² Artigo que versa sobre o direito do cidadão de subsistir pelo fruto de seu próprio trabalho. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10614104/artigo-136-da-constituicao-federal-de-10-de-novembro-de-1937>>.

‘doador’ da legislação trabalhista envolta do chefe de Estado, que expunha o valor do trabalho e do trabalhador na construção do Brasil, mais fortemente após 1942.

Mesmo com a existência de tipos masculinos contestadores do culto ao trabalho, como o malandro avesso ao batente cantado nas letras dos sambas da década de 1930 por nomes como Noel Rosa, Wilson Batista e Geraldo Pereira, negociações são sempre encontradas com os domínios da labuta. Até mesmo a imagem esquiva ao labor característico da malandragem é afligida pelo discurso trabalhista estado-novista, seja em seus traquejos comportamentais ou em seu estilo (MATOS, 1982).

Possivelmente o maior foco de controle do DIP sobre a música popular incidia sobre a ideia de malandragem. Em 1937, quando Vargas instituiu uma ideologia de culto ao trabalho, que se estabelecia simultaneamente ao paternalismo na legislação e ao atrelamento dos sindicatos ao estado, surgiu a figura do malandro regenerado. A relação de Getúlio Vargas com os sambistas combinou repressão e controle com paternalismo e leis de proteção, que normatizavam, mas também abriam novos espaços aos sambistas. Apesar da repressão e da censura (em 1940, por exemplo, a censura vetou 373 letras de música), Getúlio Vargas, o Gegê, continuava a ser uma figura prezada pelos sambistas. (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 190-191)

A incorporação do terno no visual do malandro sublinha seu enquadramento no mundo do trabalho e da formalidade, mesmo que uma inserção cheia de fissuras e brechas, que ao mesmo tempo que problematiza o discurso trabalhista, seja em comportamento ou nas narrativas presentes nos sambas, negocia com esse próprio mundo do expediente, propondo-se assim evitar ou adiar a agonizante morte dessa figura pelos ideais varguistas.

O uso de um visual mais colorido, mais ligado com as raízes africanas e indígenas, poderia ser um ponto de exploração da negociação malandra com o trabalho. Mesmo que se vista com o terno, nega-se por vezes o visual escuro proposto pelo preto, mais alinhado a apresentação sóbria da moda masculina das potências europeias e dos Estados Unidos, modelos do ideal branco ansiado pelo Estado Novo (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 187).

Tal conformidade de paletós e casacas com a formalidade já é tendência em terras brasileiras ao menos desde meados do Século XIX. Rodrigues (2010), aponta para a descrição do vestuário masculino protocolar dos jovens da elite fluminense e um traço da importância desse traje na política nacional, contida na obra *Memórias da Rua do Ouvidor*, escrita em 1878 por Joaquim Manuel de Macedo.

Em 1839 ainda era de ordinário e comum a casaca; o reinado do paletó começou depois; muitos estudantes iam às aulas de casaca, e não havia senador nem deputado que se apresentasse descasacado nas respectivas Câmaras: o paletó tornou-se eminentemente parlamentar de 1845 em diante (RODRIGUES, 2010, p. 39, *apud* MACEDO, 1963).

O terno e o paletó, portanto, são elementos do vestuário que evocam e remetem ao trabalho e, assim, uma distinção no ser homem da época varguista. A influência nos estilos iam dos cortes utilizados por astros de Hollywood como Clark Gable e Gary Cooper, até os usados pelos astros do rádio nacional, mídia com grande peso para o período (BRAGA; PRADO, 2011). Entretanto, não a qualquer trabalho era a referência aludida por essa indumentária, mas sim àqueles associados a maior estima e preponderância, às exercidas pelos estratos de maior capital político e simbólico (por vezes também econômico) da sociedade brasileira.

É desse modo que nos assuntos internos e externos de guerra, o terno usado pelos representantes da diplomacia brasileira nos comunica bem mais que apenas uma intenção visual de formalidade. Nessa indumentária estão inscritos valores que vão além de simples impressões de naturalidade do vestir para o exercício diplomático. Ela está imbuída de significados que se associam imediatamente às bases representativas que dão coesão para a própria necessidade da mediação e permuta política de um Brasil beligerante, ou seja, o terno o é, e ao mesmo tempo manifesta, símbolos de um enunciado e um projeto característico do Estado Novo de Getúlio Vargas que contribuiu para a declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo em 1942: um Brasil moderno e grande em nível mundial, ativo nas mais importantes ações políticas ao redor do globo, talhado pelo esforço dos trabalhadores.

As parecem figurar em meio à essas balizas. O *Jornal das Moças* lança mão de uma reverência à personalidade maior do Estado Novo, o presidente Getúlio Vargas. Além de conter uma imagem de Vargas em busto que preenche toda a página, vem acompanhado um texto de título “Getúlio Vargas, um dos maiores estadistas do mundo”, que diz:

PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS, fundador do Estado Novo, que colocou o Brasil no comando da América do Sul, graças à sua grande sabedoria política e ao seu invejável descortínio quanto aos problemas que falam de perto à Nação e ao povo, do qual se pode dizer com o máximo acerto que é S. Excia. o amigo número 1. A sua obra de solidificação do regime, a da política de boa vizinhança, como a de restauração econômico-financeira do Brasil, tornando-o um País forte e respeitado, como ainda a de amparo e proteção aos trabalhadores põem, sem dúvida, o Presidente Getúlio Vargas entre os maiores estadistas do mundo atual. JORNAL DAS MOÇAS, nesta edição comemorativa do aniversário de JORNAL DA MULHER rende

aqui uma espontânea homenagem ao preclaro guia de nossa nacionalidade (JORNAL DAS MOÇAS, 03 ago. 1944, p. 10).

Vargas personifica os atributos viris do trabalho e liderança, da ação e da clareza desses atos e planos, que visam conduzir o Brasil ao papel de proeminência no cenário político mundial. No contexto de guerra, as atividades diplomáticas representaram grande parte de seu envolvimento e foram evidenciadas por intermédio de documentação visual e posterior divulgação, flagrantes das ações ditas de solidificação política e fortalecimento nacional, em visitas à instituições de interesse estratégico para o momento, como também em encontros com representantes aliados dos assuntos referentes à guerra na Europa.

O uso do terno é recorrente nessas ocasiões, tornando-se o uniforme da prática governamental quando se trata das políticas diplomáticas, que têm no envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial o ponto alto de suas ocupações. A prática em que a utilização do terno toma lugar é espaço da objetivação de ideias tanto sobre um projeto nacional, quanto de uma masculinidade que o acompanha, sendo uma materialização que comunica visualmente o caráter de liderança e incansável labor que as muitas aparições no exercício diplomático de Vargas denotam.

Tomemos como exemplo a edição de 7 de Setembro de 1944 do *Jornal das Moças*, notadamente data simbólica de comemoração da Independência do Brasil. Getúlio Vargas é retratado por ocasião de uma visita à Escola Militar de Resende no Rio de Janeiro, hoje chamada por Academia Militar das Agulhas Negras, na qual é relatado pelo jornal que o presidente cumprira com a função de palestrar para senhoritas da sociedade local e se encontrar com personagens de influência na campanha brasileira na Segunda Guerra Mundial, como Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra à época.

A visualidade composta pela indumentária do terno perpassa todas as atividades realizadas por Vargas. Na Figura 9, estão bem representados os setores atuantes na participação brasileira no conflito mundial na década de 1940, reservando visibilidade para o lugar feminino no trabalho interno, e o masculino, sublinhado pelas esferas do combate e estratégia militar na figura dos soldados e do alto comando, como também o diplomático na figura de Vargas.

O terno, assim, torna-se um instrumento aliado na mediação com os meios femininos, realizando seu papel de comunicador de uma postura formal e de guia perante as mulheres. Em meio às senhoritas, Getúlio Vargas cumpre suas atribuições de liderança, educando-as através de palestras, pontuando ainda mais sensivelmente a presença do líder masculino forte,

sugerida pela organização e disposição dos personagens na foto, em que a assistência viril é necessária para a coesão do papel feminino, indicado pela fonte como fruto do carisma do presidente, mostrando o seu “característico sorriso”.

Os uniformes alinhados e o terno preto apumado de Vargas em meio aos demais representantes do governo como o diretor geral do DIP, Amilcar Dutra de Menezes, na grande maioria igualmente vestidos assim, manifesta seu vínculo com uma sobriedade visual ajustada ao trabalho, partes importantes da exterioridade para uma performatividade adequada do masculino ideal proposto pelo *Jornal das Moças*.

Na relação com os meios masculinos, o terno cumpre papel de demarcação de espaço dentro do campo de regulação de performance masculina, postulando posturas e lugares de inserção de quem o veste dentro das hierarquias das masculinidades que o contexto de mobilização de homens para o combate na guerra propiciou.

O visual de Vargas funciona na imagem como registro do papel estratégico e diplomático em face aos uniformizados soldados e o seu respectivo comando. As páginas do *Jornal das Moças* constroem e orientam a um modo de ser homem em que a disciplina corpórea e a do vestir são valorizadas e simbolizadas pelas representações daqueles mobilizados ao suporte e ao combate nos *fronts* internos, bem como daqueles que agiram diretamente em solo europeu. Com todos alinhados em suas vestes, é delimitado e comunicado por suas indumentárias a posição e função no íntimo da performance para o trabalho de que se reclamava necessária pela revista no período.

Figura 9 – Getúlio Vargas em Rezende



4 MASCULINIDADES NAS FRONTEIRAS COM AS FEMINILIDADES: ESTILOS GUERREIROS, MAS FEMININOS

4.1 EDUCAÇÃO PARA O SUPORTE

O ato de falar de uma adequação feminina como um complemento e suporte para as ações masculinas dá luz para um aspecto da performance do masculino que a fonte desta pesquisa carrega. Expressar, emitir opiniões e propósitos para as mulheres é também parte constitutiva de uma performance masculina contida no *Jornal das Moças*, prática difundida nas entrelinhas dos discursos do periódico, que ao enunciar por ‘vozes’ masculinas muitas definições para as mulheres, acaba por delimitar o ‘outro’ (ELIAS; SCOTSON, 2004) exterior ao masculino, reforçando continuamente também a própria noção de masculinidade apropriada.

A imagem usual da mulher representada pelo *Jornal das Moças* revela feições da masculinidade normativa que vão de encontro com as asserções de liderança e ação das questões ‘públicas’, do ativo, ao mesmo tempo em que posiciona esses homens como passíveis e carentes de cuidado pelas mães e esposas, sejam elas enfermeiras, assistentes ou mesmo no simbolismo abstrato da mãe-pátria.

Portanto, a estrutura familiar tradicional nuclear é constantemente posta às vistas nas páginas do periódico, em complemento dos deveres domésticos atribuídos às mulheres, que tutelam a casa por dentro, mantendo seu funcionamento e ajudando a sustentar a base fundante desse lar, o casamento. Desse modo, agregam-se enunciados governamentais e suas políticas públicas em confluência com o discurso religioso traçado pela moral cristã, tencionando educar mulheres e jovens moças ao exercício de suas ‘funções próprias’, ditadas por enunciadores sociais compostos predominantemente por um corpo de homens, como as funções políticas e pastorais católicas.

É necessário educar então essas mulheres para o papel que ‘lhes é reservado’. Na data de comemoração do centenário do Colégio Pedro II, Cytrynowicz (2000) cita o pronunciamento do Ministro da Educação do estado Novo, Gustavo Capanema:

[...] A educação feminina terá outra finalidade [que a masculina] que é o preparo para a vida do lar. A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social e por isto colocada sob a proteção especial do Estado. Ora, é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao estado, pois, compete, na

educação que lhe ministra prepará-la conscientemente para esta grave missão. (SCHARWITZMAN, 2000, p. 123)

Formalmente e mediante o projeto de Gustavo Capanema, no Plano Nacional de Educação de 1937, o ensino doméstico seria concedido às meninas entre 12 e 18 anos, com conteúdos práticos e técnicos considerados pertinentes para a vida cotidiana, divididos em ciclos que aprontavam tais meninas para a vida no lar e, posteriormente, preparavam também para docência nas questões pedagógicas desse sistema de educação voltada à casa, assim, trabalhos domésticos, português, matemática, moral familiar e puericultura dariam a tônica do sistema.

O que o *Jornal das Moças* veicula sobre o papel feminino, no contexto de guerra, remete usualmente para derivações e extensões das rotinas de cuidados, característicos dos afazeres domésticos e de características tidas como “inatas das mulheres”, como a delicadeza, a meiguice, a resignação, dentre outras. Os focos constatados são a composição do corpo de enfermeiras, o suporte por meio de assistência social e moral durante a partida e os combates na Europa.

É papel feminino cuidar dos entes que compõem a família, zelar por eles, como também é papel das feminilidades engajadas na participação brasileira fazer o mesmo com aqueles direta e indiretamente envolvidos, amparando-os na retaguarda.

Figura 10 – Família nuclear patriarcal como modelo



**O CASAMENTO É A VERDADEIRA
ESTRUTURA DA SOCIEDADE**

É na família que se baseia todo o esplendor de um povo sadio de moral!

Os adolescentes de boa índole levam o seu primeiro sonho com o casamento. Homens ou mulheres imaginam desde logo com o seu lar, seus filhos, sua vida feliz sob um teto que avirá a consagração suprema de sua felicidade.

Para auxiliar os cônjugos que tentam a seu pensamento no dever de bem servir a Pátria dentro das normas da Lei, "Jornal das Moças" publica todos os anos um número

Dedicado às noivas

O deste ano sairá no dia
18 de Outubro
repleto de modelos para todas as horas.

Riscos para guarnecer toalhas de diel, toalhas de jantar, lençóis, fronhas, cambiaisões, coifas, camisas de dormir, "preguinhas", porta-camisas, tricô, croché, etc.

Um enxoval completo
com ensinamentos detalhados para entrar na igreja, modo de se colocar ao lado de noiva, como fica a madrinha, como deve ir vestido o noivo, etc.

A sair em 18 de Outubro
Preço único em todo o Brasil
Cr\$3,00

1-10-1944

JORNAL DAS MOÇAS

- 7 -

Fonte: Jornal das Moças, 5.10.1944, p. 7

O jornal age, nesse sentido, cumprindo seu papel pedagógico, não somente dizendo onde se deve estar, mas, algumas vezes, incitando as posições que não se deve ocupar pelas mulheres. A seção “Troças & Traços”, presente em todos os números analisados, é um segmento de tom cômico das publicações, que tem por objetivo fazer graça das situações enfrentadas no cotidiano em *cartoons* com rápidas piadas de forma redigida na parte inferior da imagem.

As imagens e as frases jogam juntas na formação da piada e que, por vezes, como as troças “Na Europa” e “Hierarquia” sugerem, recorrem à zombaria da situação em que se atribui a posição de chefe conjugal para a mulher. O jornal passa a ideia de que, ao serem rompidas as balizas dos lugares hegemônicos de inserção dos gêneros, recai-se em situação jocosa. Ao mesmo tempo em que se suscita as possibilidades e táticas que a mulher eventualmente tem nos jogos de poder do ambiente familiar, inclina-se fortemente para o desestímulo a apropriação do papel de chefe nesse jogo, poi, tais situações são passíveis de troças pelos outros, algo nada desejável.

Figura 11 – *Cartoon Na Europa*



Fonte: Jornal das Moças, 11.01.1945, p. 17

Figura 12 - *Cartoon Hierarquia*Fonte: *Jornal das Moças*, 01.02.1945, p.10

Tais interpretações são corroboradas pela perspectiva de Pinsky (1993) em sua análise acerca do *Jornal das Moças* no período entre 1945 a 1964, na qual se sobressaem as receitas veiculadas no periódico cujas lições sugerem às mulheres melhores formas de lidar com os homens.

Com a noção de “jeitinho feminino”, a revista procura transmitir a ideia de que os homens não são os verdadeiros e poderosos senhores, e sim as mulheres, que conseguem, com suas artimanhas, levá-los para onde bem quiserem. As receitas de sedução são sempre preferidas em detrimento das discussões - conforme *Jornal das Moças* - mas também em detrimento do diálogo franco e aberto entre iguais - conforme se constata a partir de uma leitura crítica da revista (PINSKY, 1993, p. 132).

O lugar das mulheres enquanto ativas e de liderança nos assuntos de guerra não é visto com entusiasmo, a mulher é educada para servir às necessidades das chefias, elas masculinas, apelando-se para referências militares ao se fazer chacota com a situação das feminilidades em posição de enfrentamento com as masculinidades; os postos que se educam as mulheres para ocuparem no Brasil em guerra são aqueles de auxílio e socorro, não o de comandar e combater.

Um desses lugares reservados às mulheres teve atuação direta no *front* em que as tropas brasileiras atuaram: o grupo de enfermeiras, composto, no momento da partida para a Europa, por 73 mulheres. Como indica Simili (2010, p. 81) “[...] algumas medidas emergenciais foram adotadas para arregimentar e fornecer cursos preparatórios para a formação de enfermeiras de guerra.”, que têm nas propagandas um meio no qual se chamar a atenção e divulgar as necessidades, requisitos e os cursos oferecidos propriamente ditos.

Para Cytrynowicz (2000, p. 100), o emprego da imagem da enfermeira pelo governo de Vargas incitou significativa parte da mobilização feminina durante a segunda Guerra Mundial. A extensão dos cuidados maternos que a pátria mãe despendia aos seus filhos enviados ao *front* de guerra se personificava no ofício da enfermagem, intentando a instituição de um sentimento coletivo na experiência de guerra, que abarcasse as masculinidades e feminilidades no contexto de conflagração, relacionando-se o serviço à pátria com a doação para com o outro, tendo, na imagem do masculino, esse outro notadamente mais carecido de cuidados.

O autor enfatiza as dimensões da performatividade militarizada representada pelo expedicionário enquanto alguém que recebe os cuidados femininos. Usando o exemplo de um samba da época, a masculinidade do soldado, que é encontrada até mesmo associada à

sensualidade e beleza dos astros de cinema, é simbolizada como um aspecto que há de ser amado e zelado pelas mulheres.

A mobilização para a guerra não apelava às mulheres apenas como enfermeiras. Cabia à mulher transformar seu amor pelo homem-soldado, que partia para a guerra, em patriotismo, conforme o samba *A Pátria está chamando*, de Grande Otelo, gravado em julho de 1943 – quando foi aberto o voluntariado para integrar a FEB – por Linda Batista: “Adeus meu grande amor / Mas há de voltar se Deus quiser / Eu sentirei tua falta / Mas tenho meu valor de mulher / Sei que partirás sorrindo / e eu não ficarei chorando / Mateus meu grande amor / A Pátria está te chamando. / Na tua mochila já tem / Uma blusa de lã / e cigarros também / Lá em casa São Jorge Guerreiro/ será iluminado o dia inteiro / Todas as noites ao deitar / Por ti meu amor, vou rezar”. A música [...], apresenta os elementos ‘femininos’ mobilizados pelo Estado Novo para a guerra: enfatiza o amor de mulher mas igualmente os cuidados de mãe (a blusa de lã na mochila), destaca uma certa condição de mulher ciosa dos próprios direitos e deveres cívicos (“tenho meu valor de mulher”), o engajamento patriótico (“eu não ficarei chorando” e o título [...]) (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 106-107).

A publicidade contida no *Jornal das Moças* proporciona alguns vestígios que vêm ao encontro das proposições feitas até aqui, já que por meio da publicidade é possível enxergar diversas dimensões do mundo social. A mobilização inicial, o despertar do interesse é tratado pelo jornal ainda em junho de 1944, momento posterior à intensificação dos cursos de enfermagem em 1942 e 1943, pela Cruz Vermelha Brasileira e a Legião Brasileira de Assistência, a LBA (SIMILI, 2010).

O texto atribuído a Leonan Espíndola, intitulado “Enfermeiras do Brasil” discorre acerca do dever se cumprir o papel de enfermeira e, mais do que isso, incutir na juventude da época, que aos olhos do autor está alheia aos grandes assuntos da nação, preocupando-se apenas com socializações frívolas, a consciência da importância desses postos. O exemplo dado, segundo Espíndola, pelos atores estadunidenses que estariam combatendo de maneira efetiva nas fileiras militares, é o que deveria ser seguido, não apenas copiados em aparência e comportamento vistos cinematograficamente. O diálogo entre os meios de comunicação é sentido nas propostas pedagógicas ligadas aos assuntos de guerra, cinema e periódicos agindo em função do recrutamento das enfermeiras.

Eu não escreveria essa crônica, ligeira e despreziosa, não fora ela dirigida a punhado de brasileiros, de brasileiros que eu conheço, de brasileiros “dandys”, elegantes e perfumados, de cabelos untados de brilhantina, de calçados de sola tripla, que se vestem na última moda e perambulam, desocupados, pelas calçadas da Cinelândia, no seu esporte favorito de

galanteios insossos às candidatas à “vamps” cinematográficas, moçoilas fúteis que discutem samba e futebol! Moços elegantes que fumam “Chesterfield” e “Camell”, por serem cigarros estrangeiros e caros; que frequentam as praias de banho, não porque conhecem os benefícios medicinais do sol e do mar, mas para ficarem queimados, morenos à força, em uma palavra: para ficarem “bonitos”, quase um Tyrone, semelhantes a um Taylor ou a um Bable!! Mas esquecem-se esses jovens de que o que eles procuram imitar os “astros” da tela, estes estão dando um admirável exemplo a todos, combatendo heroica e não cinematograficamente, nas forças armadas de Tio Sam! (JORNAL DAS MOÇAS, 08 jun. 1944, p. 11).

Ainda no mesmo texto, é perceptível, por meio das estratégias utilizadas para cativar o interesse no engajamento das enfermeiras, a atribuição de predicados que tais mulheres carregavam, orientados para a direção de complementos da performatividade masculina ideal, que busca a ação e a liderança. As orgulhosas enfermeiras consolam e se doam, representam, em alguns momentos, a uma posição maternal, angelical e caridosa, mas que, conjuntamente, apresenta-se enquanto corajosa, dando suporte nos bastidores para a ação dos heróis soldados, com suas qualidades de resignação e sacrifício que, junto à palavra “mulher”, ganham destaque no corpo do texto ao serem escritas com a inicial maiúscula.

[...] Tinham o olhar tranquilo e sereno, dessa serenidade que possuem as almas bem, dessa tranquilidade que só o dever cumprido proporciona! [...] Elas bem sabem as pesadas horas que as aguardam, elas não ignoram o mundo de sacrifícios e de sofrimentos que as esperam. Não vão a um piquenique, não vão fazer uma excursão. Essas moças, oh! elegantes e camuflados “days” vão tentar amenizar os momentos de dor de seus patrícios em terras estranhas, vão falar na mesma língua, palavras de coragem e de fé, numa missão grandiosa e sublime! Anjos que semearão o bem, que consolarão, [...] serão como que uma presença da Mulher brasileira, onde os heróis destinados à glória, vislumbrarão, no rosto amigo, aquele que ficou na Pátria distante: os pais, a esposa, os irmãos, a noiva. [...] Enfermeiras do Brasil! Anjos de paz e caridade! O espírito de Ana Nery será a chama viva que vos guiará no caminho da honra e do dever. E a benção de Deus entronizará a vossa Resignação, Coragem e Sacrifício. (JORNAL DAS MOÇAS, 08 jun. 1944, p. 11).

Não obstante, nem só para a atuação objetiva educava-se, as posições reservadas às mulheres poderiam assumir também outras formas. O público alvo e, provavelmente, a maioria das leitoras do jornal, não consistia parte efetiva de algum *front*, seja ele atuante na Europa ou de defesa interno. Contudo, nem por isso não poderiam contribuir de alguma maneira, o que se constata em algumas declarações. O zelo moral e espiritual é demonstrado em diversas oportunidades ao longo dos números lançados entre os anos de 1944 e 1945 do

Jornal das Moças. Assinado por Botica Camorim, o texto que abre a edição de 05 de outubro de 1944, de nome “Liberdade”, fala sobre a função de abrigo espiritual das mulheres brasileiras.

Há um desejo íntimo de cooperar, de fazer algo também pela vitória. Nosso pensamento volve constante para os brasileiros que lutam, e a lembrança de milhares de homens se resume num só homem – o soldado brasileiro! A ele, nossa devoção, nossa prece. A mulher brasileira confirma sua tradição de heroísmo e coragem. (JORNAL DAS MOÇAS, 05 out. 1944, p.4).

O chamado para a contribuição religiosa é incitado ao se propor a devoção e a inclusão dos soldados nas preces e orações. O aspecto espiritual parece ter conformado em algum grau as práticas e preocupações no cuidado aos soldados; ainda que à distância o que importa é a estima com que são considerados os expedicionários brasileiros.

Os soldados que vão atrás de resgatar os ideais ameaçados pelo inimigo, são aqueles que despertam saudade, são queridos, e por esses motivos devem ser tratados enquanto tais, povoar o pensamento feminino ao receber a dedicação das preces daqueles que aqui permaneceram, à espera do sucesso da empreitada contra os “opositores da liberdade”. Mães, esposas diligentes ou qualquer papel feminino, devem se ocupar das aflições que despertam homens e seus assuntos, tido como natural da condição das mulheres.

Se a mobilização geral do exército e a entrada do Brasil na guerra causou, a princípio, ansiedade e dor no coração de mães e esposas, não passou de ligeiro desfalecimento, muito natural no coração amoroso da mulher brasileira, mas a alma intrépida e valente de seus antepassados pôs logo um dique às lágrimas e, hoje, é com orgulho que ela lembra o ente querido e distante, porque compreende a missão que lhe coube. A alta missão de cooperar na restauração do mundo, na luta pela liberdade dos povos oprimidos, na luta pel[o] ideal mais caro que a imaginação pode conceber nesse mundo: a LIBERDADE! (JORNAL DAS MOÇAS, 05 out. 1944, p.4).

Figura 13 – A prece da mãe brasileira

PRECE DA MÃE BRASILEIRA

Carmilina Amaral

SILENCIOSAMENTE, as sombras descem, acobertando a natureza num místico sudário...

Nas torres esguias dos templos solitários, a voz plangente dos sinos ecoa como um brado triste, como um grito de angústia!

Lágrimas desprendem-se dos olhos, num rolar evocador de infinita melancolia...

São lágrimas de amarga e pungente saudade...

São lágrimas da velhinha abandonada... do órfão ao desamparo... do prisioneiro esquecido... do enfermo que sofre em solitário...

E, dentre essas lágrimas sentidas, brotam as mais sincéras, as mais puras, as mais balsâmicas que a criatura humana já pôde derramar: as lágrimas de Mãe!...

... e chora a mãe brasileira, nesse momento sagrado de elevação espiritual...

Soluga de joelhos dobrados perante o altar da Virgem Santíssima, tendo nos lábios uma prece fervorosa, e nas mãos o retrato do filho idolatrado que partiu para longe e para sempre!...

Alma em contrição, contemplando a imagem da Mater Dolorosa, ela sente o punhal da dor trespassar-lhe também o coração!...

**TODA ESTA FACILIDADE NA ADAPTAÇÃO DAS CORTINAS
GRAÇAS A ARMAÇÃO E SUPORTE AJUSTÁVEIS
"UTILAR" PATENTE 28.527**



**A VENDA
NAS
CASAS
DO
RAMO**

FABRICA RUA ANA NERÍ, 1111 - FONE 3-7044 - S. PAULO

Mas, si a Mãe Brasileira chora de saudade, na ausencia da criatura amada, que seguiu em defesa da terra que a viu nascer, terra que é o seu berço dourado de sonho e de esperança, sente-se confortada pelo dever cumprido, na hora em que a Pátria, ferida, pediu o seu auxílio.

Si ela chora, recordando um ser querido e uns olhinhos maternos tristes, tem o doce consolo de pensar que cedeu, no momento preciso, o filho extremoso, a quem veio a sono, quando pequenino, a que guiou os passos na infancia, a que ministrou os ensinamentos do fiô sob a divisa santificada de: Deus, Pátria e Lar!...

Pranto a flux, joelhos em terra, coração palpitante de saudade, sinalizada está, nesse instante maravilhoso do Angelus, a Mãe Brasileira invocando o nome da Virgem Imaculada, implorando paz para o mundo, em prantos que a linguagem humana não traduz!

"Ó Senhora Maria, aos vossos pés, deixai que eu também depositte o meu filial amor, hafejado pelo sópro divino de vossas maternidades virtuosas: Quero unir, ó Maria Santíssima, a minha fraqueza e humildade ao quanto sublime da natureza, pnesta hora honta do entardecer, saáda a majestade do Angelus! Se permiti que, no êxtase da minha alma, vos diga e repita: ó Maria, Mãe de Jesus, o Mestre amado! Ó Maria, mãe da inteira humanidade que sofre e que luta! Ó Maria, de cuja glória são repletos os séculos eternos!... Deixai que eu vos procure Rainha do coração das mães brasileiras! Chamar-vos-ei estrela do ar com os navegantes, socorro dos miseráveis com os desamparados, que sópra como a brisa nos pavilhões dos párvos amantes da paz! Invocai-vos-ei ao nascer do sol e ao mure do dia, nas horas de solidão e de saudade, como esta em que, chorando evoco a lembrança do meu filho distante! Soberana Senhora, em vós depositamos as nossas esperanças e dias melhores para o mundo inteiro! Sim, nós, as mães brasileiras, que vos suplicamos ouvir os nossos rugidos de pranto e de saudade! Estendei o vosso manto alcançador, bordado de estrelas, e agasalhai os que sofrem, os que choram e os que lutam, abençoando todos os que protegem todas as criancinhas, enchendo de fé e de coragem todos os corações!

Ave Maria, cheia de graça...

PILULAS VIRTUOSAS

Pilulas de Papaina e Pepsophina. Empregadas com successo nas molestias do estomago, fígado, intestinos, dispepsias, dores de cabeça e prisão do ventre. A venda em todas as farmácias e drogarias. — Vidro Cx\$ 3,00. Depositario: João Fonseca. R. Acre, 38 — Rio de Janeiro

A LBA, de algumas maneiras, representou a indicação das feminilidades como aquelas que dão o suporte e, os masculinos, inscritos pelos soldados, como aqueles que protegem, mas devem receber cuidados, combinando os campos de desempenho material e do fortalecimento moral. Essa instituição foi criada concomitantemente à declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo em agosto de 1942 pela primeira-dama Darcy Vargas, mobilizou mulheres em todo o país, com sua sede situada no Rio de Janeiro e filiais espalhadas por outras cidades brasileiras, com a finalidade de apoiar a defesa interna do território, os combatentes e suas famílias. Foi conduzida e administrada pelas primeiras-damas e teve atuação incisiva nos projetos de assistência governamentais no período da Segunda Guerra Mundial, distribuídas em diversas campanhas, em uma sorte de frentes.

Devido a essa pluralidade de campos de atuação, a LBA direcionou para a formação de seus quadros projetos de abrangência nacionais e locais. No desempenho das funções de defesa interna, destacam-se as especialidades nas quais eram divididas as tarefas. Desde os postos de trabalho voltados à área de arquivamento e secretariado, aos assuntos de comunicação e suas ramificações em telefonistas, messageiras, censora, dentre outras, até os ofícios ligados à saúde e pronto socorro em caso de ataques aéreos, educação popular que tratava da instrução para os afazeres domésticos, como cozinhar, lavar, passar, ou o emprego nos cargos ocupados com o departamento de materiais e a confecção de tricô e crochê, observa-se correspondência muito grande com as especificações que regem a naturalidade no caráter de cuidadoras das mulheres. As características requisitadas para o ingresso nesses espaços de atuação feminina em tempos de guerra e os perfis de atividades andam juntos ao comprometimento com as causas da assistência e ajuda de feridos e doentes, crianças, combatentes e respectivos familiares.

É destacado o trabalho nas questões materiais, na produção e arrecadação de gênero e matérias-primas para a produção bélica, como no auxílio dos familiares dos soldados pela doação e confecção de roupas, e no envio ao *front* de itens como cigarros, peças de vestuário e até de cartas dos que ficaram destinadas à seus entes em campos de batalha ou com o intuito de amparo moral pela troca de correspondência com os expedicionários, na campanha das “madrinhas dos combatentes”, unindo o atenuar das demandas materiais e de estado de espírito dos soldados (SIMILI, 2008b).

O *Jornal das Moças* veiculou, ao menos dois momentos no ano de 1945, referências diretas aos trabalhos da LBA, chamando atenção para a importância que o projeto tinha para “mostrar o valor da mulher brasileira”. É o que vemos na letra da música Madrinha do Combatente, de Edgard Cardoso, publicada como homenagem ao “Jornal da Mulher”:

Deixa o pandeiro e a cuíca roncar
 Deixa essa gente maluca sambar,
 Mas lembra de nossa sagrada bandeira
 E mostra o valor da mulher brasileira.
 Umas, são enfermeiras,
 Outras, são da Legião,
 São tão grandes brasileiras
 Que orgulham a Nação!
 Outras foram se alistar
 Para ter um afilhado,
 Todas devem procurar
 Ser madrinha do soldado.
 (JORNAL DAS MOÇAS, 11 jan. 1945, p. 60).

Descrito como um samba pelo jornal, a letra se remete diretamente aos postos de enfermagem e da LBA, como já mencionado, campos de atuação femininos com relevância no esforço de guerra brasileiro. As “grandes brasileiras” “orgulham a Nação” alistando-se a terem afilhados combatentes, participarem da campanha das Madrinhas dos Combatentes. O uso da estratégia musical denota a variedade de expedientes direcionados para o arregimento e formação das frentes de defesa e de suporte. Ser madrinha, enfermeira, cuidar dos soldados, portanto, consiste em tarefa valorosa, dignificante e que orgulha o país; até mesmo no âmbito musical o expedicionário é retratado como alguém a ser zelado.

No ar, abutres de aço enchendo o espaço. Há um momento de trégua. Neva. E o soldado ajeita na cabeça o capuz de lã que as mãozinhas amigas das suas patrícias teceram com cuidado e lhe enviaram como presente de festas (JORNAL DAS MOÇAS, 19 abr. 1945, p. 65-66).

O texto assinado por Campomizzi Filho versa sobre as realizações da LBA no envio de materiais ao *front* para os expedicionários brasileiros. A preocupação com o frio das terras italianas é evidenciado no fragmento de “Cartas para combatentes”, ainda mais, como será tratado melhor em outro momento, pela deficiência do Exército na provisão de equipamentos condizentes com as situações exigidas ao adentrarem nas linhas inimigas do velho continente, ou seja, a adaptação ao clima mais gelado e montanhoso que se encontrou, diferente da geografia encontrada no Brasil.

As contribuições das patrícias para os soldados em combate parecem ter conhecido sensíveis intensificações em épocas festivas de finais de ano, como indicia a passagem. O apoio ao moral das fileiras brasileiras se ajusta às necessidades de cada temporalidade, visando amenizar os sofrimentos e saudades da terra natal de acordo com as deixas que o cenário oferece, variantes ao longo do calendário.

Verde, é mais um pouco de recordação do seu Brasil grande, que ele tem no coração e que representa a sua própria felicidade, desde o borbórinho insano das grandes metrópoles ao bucolismo encantador dos campos e das aldeias. Sonha. Os estalidos das metralhas e o deflagrar das granadas pouco significam, de vez que as evocações da pátria falam alto ao coração, passando pela sua retina as grandezas da terra e as maravilhas da natureza (JORNAL DAS MOÇAS, 19 abr. 1945, p. 65-66).

Tais lembranças que afagam a alma dos soldados, por muitas vezes, chegavam via cartas, grande quantidade delas escritas ou mediadas pelo envio das madrinhas. O que vemos é uma tônica de troca de gentilezas e notícias de bem-aventurança, no rechaço ao desânimo, pela esperança do soldado de que é benquisto pelos seus compatriotas, necessitados de sua proteção. As tropas são aqueles por quem se nutre lembranças, personagens que não devem ser esquecidos.

Quando chega um avião, trazendo mensagens de amor e de entusiasmo em milhares de cartas, ele também vai, pressuroso, ao encontro das letrinhas encantadoras que lhe trazem as notícias de seu torrão. Uma carta é como um bálsamo para as suas recordações, trazendo um reconstituente para as suas forças, na certeza de que ele tem, nas terras distantes onde nasceu, alguém que lhe acompanha os passos e segue, com carinho e desvelo, as suas conquistas, as suas vitórias. [...] O soldado está ali alegre, empunhando as suas armas, porque, na retaguarda, no outro lado do Atlântico, ficou alguém que não se esquece dele e manda-lhe as boas notícias em cartas meigas. É essa a missão da madrinha de combatente, escreve cartas aos seus irmãos de sangue, aos defensores do lar, encorajando-os com suas palavras, animando-os com as boas notícias. As cartas são remédios para a alma... (JORNAL DAS MOÇAS, 19 abr. 1945, p. 66).

Os soldados têm seu lugar como aqueles dignos de lembrança durante, e mesmo, na volta da guerra. O enfoque pedagógico voltado à atenção aos soldados, visualizados no *Jornal das Moças*, ainda contempla outros ângulos que ultrapassam as carências da preparação e exercício da violência no campo de batalha. O momento do regresso após a campanha, vitoriosa no caso dos expedicionários, também é digno de solicitude por parte das mulheres, pensadas enquanto anfitriãs, motivadas a desempenhar a função de acolher os heróis que arriscaram suas vidas na luta contra o inimigo nazista.

O retorno das tropas brasileiras já foi pauta de várias interpretações pela historiografia, muitas vezes tratando de um primeiro instante de euforia e celebração dos militares que retornavam ao país, mas que, na maioria das vezes, em pouco tempo posterior a desmobilização das fileiras ainda em 1945, caíram em desamparo estatal e esquecimento social, não logrando direitos e benefícios prometidos quando da mobilização.

Todavia, não é o objetivo aqui adentrar mais profundamente a essa discussão, mas sim, considerar de que modo estão presentes na pedagogia do ser feminino, difundida pelas fontes, os lugares que as masculinidades inscritas nos soldados brasileiros ocupam. Assim sendo, o papel de anfitriã desses combatentes se torna necessário para que se cumpram as funções das mulheres como aquelas que ensejam cuidados.

Expedicionários brasileiros! Sede bem-vindos! Já antes dos mais, o Cristo do Corcovado vos espera de braços abertos; de braços abertos vos esperam todos, as vossas famílias, os vossos irmãos de nacionalidade, a Vossa Pátria. Mocidade gloriosa! Muito tereis para o porvir, que vos aponta um nono horizonte, diferente do que até então observastes. Tereis para sempre a admiração das turbas, a confiança própria – e o que de melhor podeis herdar – o coração inteirinho da Pátria vitoriosa e reconhecida. (JORNAL DAS MOÇAS, 26 jul. 1945, p. 11).

O fragmento acima é o parágrafo final do texto que abre a edição da referida data. As boas-vindas aos expedicionários é tópico de destaque durante praticamente todos os números do periódico, próximos em questão de semanas do regresso, tendo sido abordado em diversas oportunidades ao longo das publicações. Verifica-se a relevância do assunto já que, nas páginas seguintes a abertura de saudação ao retorno dos militares, há um conto intitulado “O Regresso”, que mesmo sem menção direta ao caso brasileiro, relata a estória de um veterano de guerra que, ao seu retorno do *front*, desfigurado por sequelas e feridas no rosto, não é reconhecido pela amada que deixou ao partir para guerra.

Sua voz mudara, vitimado como fora, em campanha; mudaram-se-lhe as feições e a boca se deformara; uma queimadura infame desfigurara-lhe o rosto. [...] Que dor cruel sentiu William ao vê-la! Fugiu, fugiu para bem longe daquela que adorava. William já não era um homem e sim um monstro... Silenciou, então, por um momento, cabisbaixo. (JORNAL DAS MOÇAS, 26 jul. 1945, p. 13).

Essas narrativas suscitam possibilidades que de fato poderiam ser esbarradas no reencontro com os soldados. Exemplos como a personagem do conto acima citado, que mesmo não tendo sido reconhecido pelas deformações em seu rosto e evitado qualquer contato com a personagem feminina por tal motivo, é alguém que foi lembrado e teve alguém à sua espera, tal qual sugerido.

Como em outros momentos, a publicação de letras musicais é uma das marcas do jornal, tendo em dois casos exemplos do que já foi exposto aqui. As boas-vindas são

desejadas, festeja-se o retorno à convivência entre os pares na letra “A Volta do Expedicionário”, de Fidelcina C. Silva:

Voltar ao lar, depois de longa ausência,
 De dias tão penosos, sempre iguais...
 Voltar à doce e terna convivência
 Dos amigos, irmãos, filhos e pais...
 Ver a alegria pura da inocência
 Dos pequeninos corações, leais,
 Esperando a fremir de impaciência
 Pelos beijos e doces dos papais...
 Voltar ao lar, rever a terra amada
 Empunhando a Bandeira abençoada
 Que se cobriu de louros e de glória!...
 Voltar trazendo o coração cantando,
 A alma de alegria transbordando,
 No delírio supremo da Vitória!...
 (JORNAL DAS MOÇAS, 26 ago. 1945, p. 51).

Porém, é na letra “Os Heróis”, de José Oscar Lopes, que se encontra a maior expressão da espera ansiosa das mulheres pela volta dos soldados. Sejam elas mães, esposas ou irmãs, ocupam-se de aguardar o ansiado regresso, na expectativa de bem receber os heróis, mesmo que não se tenha laços de parentesco diretos com eles, já que se ganha esses valorosos semelhantes de Pátria.

[...] A velha mãe, que ali espera ansiosa,
 Murmura, num abraço, lacrimosa:
 - Meu filho! – linda prece.
 E ali, também, a esposa abre seu manto,
 Os lábios em sorrisos, lábios em pranto,
 E o sofrimento esquece.
 E a virgem noiva, que viveu de sustos,
 Que via, em sonho, do seu noivo, o busto,
 Cheio de sangue e lama,
 Que lhe velou, na prece, a luta heroica,
 Espera incrédula, com ar de estóica,
 E o coração em chama.
 [...] Mas não chores, oh! tu, mulher feliz,
 Que um mártir deste a Deus e a teu País!
 [...] Sabe também que, se perdeste o esposo,
 O noivo, o irmão, o filho, o pai glorioso,
 Ganhaste, em recompensa,
 Todos esses heróis que voltam à Terra,
 Em cujos corações viris se encerra
 A gratidão imensa
 (JORNAL DAS MOÇAS, 02 ago. 1945, p.56).

Para cada homem, sua mulher. Para cada combatente em além-mar, sua contraparte feminina o dando suporte. É essa a educação para ser mulher veiculada no *Jornal das Moças*, educa-se para que se preocupem, cuidem-se, recebam ao regresso esperado, atendam às necessidades masculinas, muitas vezes valendo-se da imagem do soldado como emergência de uma figura viril significativa. O trabalho que cabe às mulheres no suporte aos soldados não muito se difere das atribuições já próprias para a vida de uma mulher caracterizada pelo periódico. Os combatentes, assim como os demais homens, devem ter o suporte de uma mulher companheira, forte e prestativa.

4.2 O APELO PARA A SAÚDE

As representações de uma masculinidade adequada perpassam também caminhos marginais em relação ao que é ditado como norma. Halberstam (2008, p. 23) questiona se a masculinidade seria a expressão social, cultural e política do comportamento viril, reduzida ao corpo do homem.

Ajusta-se aqui o entendimento ao conceito de que práticas normativas aventadas pelo *Jornal das Moças* acerca de uma masculinidade desejável são baseadas em um processo de marginalização de masculinidades consideradas alternativas, na mesma medida em que se afirmam. Como anteriormente trabalhado, nota-se que dentro das páginas do jornal existem ausências no que tange às representações de masculinidades que fugiam de um ideal pautado no trabalho e no respeito à disciplina, que poderiam ter sido trazidas à luz pelas imagens masculinas do malandro ou da concreta experiência dos soldados brasileiros com os uniformes de combate durante a Segunda Guerra Mundial.

Alternativas ao dominante, como a vida errática e sem compromisso com a coletividade proposta pela alegoria do malandro, ou a exposição de imagens de soldados contrastantes com o padrão disciplinar que o uso indicado do uniforme sugere, são silenciados pelos enunciados que foram analisados, denotando assim, nesse trajeto, faces do ideal regulatório que incute, para o momento de conflito, valores incompatíveis com a ociosidade e a indisciplina.

Contudo, os mecanismos para promover modelos masculinos não se configuram apenas silenciando as margens de uma performance masculina apropriada, irrompendo até às representações, quadros que, guardadas as possibilidades que a década de 1940 no Brasil permitia, confundem-se por entre as fronteiras do ideal e do marginal. A representação de aspectos relacionados ao masculino por corpos de mulheres pelo *Jornal das Moças* não é

incomum ao longo dos anos 1944 e 1945, valendo-se assim também de figuras que escapam, mesmo que ligeiramente, à forma mais largamente apresentada de um corpo de mulher feminilizado.

Falando sobre a beleza da mulher que trabalha fora do lar a partir da década de 1930, Vigarello (2006, p. 147) cita às mesmas: “[...] leve uma vida de homem, mas permaneça mulher.”. Consta marca sensível à convergência dos discursos acerca do papel e aparência do feminino com as práticas educativas dos corpos, a inscrição dos enunciados no manejo e a disciplina corpórea. Quando se fala em educação, aqui entendida enquanto recurso que atende à reprodução de uma determinada ordem, não só é competência atentar para suas faces discursivas, mas ainda de que modo se apresenta na qualidade objetiva, como interfere nas práticas.

A disciplina dos corpos, que se dispõe ao trabalho de contribuir para a maior eficácia desses, se arranja em meio às considerações sobre a saúde e a higiene, tendo no condicionamento e controle de ciclos biológicos e também no vigor físico os pontos de destaque em anúncios do *Jornal das Moças*. O ofício da enfermagem, pensada para a guerra, aparece nesse quadro, sendo a saúde conquistada mediante a disciplina do corpo, centro para a aptidão em se tornar enfermeira. “Sua saúde lhe permitirá atender a este apelo?”, “o Brasil precisa de enfermeiras”, é o que se lê na imagem abaixo. Um texto acompanha o anúncio do qual tal imagem faz parte, um anúncio do produto Vinho Reconstituente Silva Araújo, no qual é dito que, pela sua composição à base de nutrientes essenciais para o sangue como cálcio, extrato de carne, quina e fósforo, ajudará na conquista de uma “saúde a prova de todas as vicissitudes”, para que se possa cumprir o chamado da pátria. Como é sugerido, é “dever ser forte e ter saúde” para que se possa de maneira efetiva, atuar na amenização do sofrimento, mitiga-los, salvar vidas, caso o Brasil necessite desses préstimos.

Ao serem comparadas as figura 14 e a 3, a questão da saúde corporal e o combate à fraqueza aparece como ponto convergente para a representação corporal de homens e mulheres. Tipos femininos mostram-se robustos, em posturas sérias, na linha de frente do recrutamento de seus pares e ocupando posições que, ainda para o momento histórico, não eram tão comum às mulheres, como manejar um veículo.

Figura 14 – O apelo para a saúde

O BRASIL PRECISA DE ENFERMEIRAS

SUA SAÚDE LHE PERMITIRÁ ATENDER A ESTE APÊLO?

Quanto bem poderá a Sra. fazer, quantos sofrimentos mitigar e, talvez, quantas vidas preciosas salvar, se, em caso de necessidade, a Pátria precisar de seus préstimos! Mais, talvez, do que em qualquer outro serviço, a sua benigna atividade sob o símbolo universal da Cruz Vermelha, requererá uma saúde à prova de todas as vicissitudes! Se a Sra. sente agora fraqueza, nervosismo, memória fraca, falta de apetite e perda de peso, note que estas podem ser os sintomas comuns da desnutrição do sangue. Não fêcil! Recorra imediatamente ao fortificante poderoso e eficaz: Vinho Reconstituinte Silva Araujo - o único sempre recomendado pelos nossos mais eminentes médicos nos fracos e esgotados. Contendo os elementos essenciais à nutrição do sangue - cálcio, extra-

to de carne, quina e fósforo - o Vinho Reconstituinte Silva Araujo levanta as forças, abre o apetite, tonifica os músculos e revigora os nervos. Tome-o e em pouco tempo notará a diferença no seu bem estar e em sua saúde.

É SEU DEVER SER FORTE E TER SAÚDE

Todos os dias, durante um mês, tome ao almoço e ao jantar um cálice do Vinho Reconstituinte SILVA ARAUJO para nutrir o sangue, abrir o apetite, revigorar o cérebro e os músculos. Se depois de um mês não sentir melhoras decisivas, não hesite um instante: Procure, sem demora, o seu médico, pois o seu mal certamente é outro e requer os cuidados de um clínico.

VINHO RECONSTITUINTE
SILVA ARAUJO
O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

DEFENDA A SUA SAÚDE PARA MELHOR DEFENDER A PÁTRIA!

CUIDADO
com as imitações!
Faça-o sempre
pelo nome!

1-1944 JORNAL DAS MOÇAS — 9 —

Figura 15 – O tônico: a saúde é um dever

a Senhora

TERIA SAÚDE BASTANTE PARA OCUPAR ÊSTE LUGAR
Se a Pátria a chamasse?

Na hora decisiva, a vida de muitos poderá depender do esforço com que a Sra. puder contribuir para a defesa da Pátria. Como motorista de ambulância, por exemplo, a Sra. precisará ter uma saúde perfeita, à prova de esforços inauditos. Agora é a época propícia para preparar-se. Se a Sra. se sente abatida e cansada, nervosa, fraca, com falta de apetite, note bem: êsses podem ser os sintomas do empobrecimento ou desnutrição do sangue. Recorra, sem demora, ao fortificante comprovadamente enérgico: Vinho Reconstituente Silva Araujo, que contém os 4 elementos indispensáveis à nutrição do sangue: cálcio, quina, extrato de carne e fósforo. Comece, hoje mesmo, a tomar, às refeições, um cálice do Vinho Reconstituente Silva Araujo — o tônico sempre recomendado pelos nossos mais eminentes médicos aos magros, esgotados e convalescentes.

É SEU DEVER SER FORTE E TER SAÚDE!

Fortaleça-se seguindo este conselho: Todos os dias, durante um mês, tome ao almoço e ao jantar um cálice do

Vinho Reconstituente SILVA ARAUJO

para nutrir o sangue, abrir o apetite, revigorar o cérebro e os músculos. Se depois de um mês não sentir melhoras decisivas, não hesite um instante: Procure, sem demora, o seu médico, pois o seu mal certamente é outro e requer os cuidados de um clínico.

CUIDADO
 com as Imitações!
 Peça-o sempre pelo nome!

VINHO RECONSTITUENTE SILVA ARAUJO
 O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

DEFENDA A SUA SAÚDE PARA MELHOR DEFENDER A PÁTRIA!

9-3-1944

JORNAL DAS MOÇAS

— 13 —




Vê-se ainda um forte enredar entre as propriedades que preconizam o preparo para a enfermagem com os lugares reservados às mulheres feminilizadas pelas representações. Expectativas e práticas rondam as esferas da doação, da caridade, do cuidado, mas que necessitam de um corpo preparado para isso e para quaisquer sofrimentos e percalços que venham a enfrentar pelo caminho. São encontrados no periódico, relativo às enfermeiras, anseios e predicados que se esperam de mulheres no trato do lar, do privado e suas extensões, mas que não se deslocam totalmente das questões mais ativas dos assuntos da guerra, sendo pontos de apoio e amparo em que também se sustentam o heroísmo, o combate ao inimigo e à busca de ideais, designados pelas normas como atributo masculino.

Outras questões físicas têm ocasião e aparecem como empecilhos para um pleno exercício e gozo do vigor físico. Vende-se a regulação do organismo, disciplinando-o em razão do tempo, racionalizando seu uso para uma eficiência maior ou “para melhor servir o Brasil”. Exibido pela imagem de mulheres, diversos elementos corporais relacionados ao masculino aparecem, como a robustez e força física, tendo, a preocupação com a saúde e disciplina da estrutura física, lugar no talhe feminino.

Em exemplo, existem anúncios de um produto cuja promessa é a de melhorar as dores que decorram do ciclo menstrual. É insistente a aparição desse anunciante nos volumes da publicação no decorrer ao menos dos anos de 1944 e 1945, bem como o tamanho que essas propagandas ocupam nas páginas do jornal, via de regra, preenchendo metade de uma lauda, denotando ser um parceiro comercial que deva ser levado em conta no mínimo enquanto considerável para o fomento do periódico.

A imagem se vale de apelo ao cenário de guerra para afirmar sua eficiência e pertinência. Em destaque a frase “Livre-se da semana pesada para melhor servir o Brasil”, com o trecho “semana pesada” sublinhado em referência ao período menstrual, as duas mulheres parecem estabelecer um diálogo com um tom de aconselhamento, para que se vejam livres dos supostos empecilhos das dores para um mês produtivo por completo, tudo graças ao “regulador perfeito”.

Livrando-se da “semana pesada” que a condição de mulher e seus ciclos biológicos impõem, racionaliza-se o uso do corpo feminino, deixando-se para trás ditos empecilhos que a feminilização do corpo traria para o serviço à pátria, representado pela efígie de duas mulheres trajadas em uma visualidade militarizada, com elementos masculinos como a gravata.

Figura 16 – Regular-se para melhor servir à Pátria



“Livre-se da semana pesada
para melhor servir
ao Brasil”

Não passe vários dias por mês, curtindo dores, sofrendo, completamente impossibilitada de trabalhar ou divertir-se. Livre-se desses dias que constituem um peso morto na sua vida, usando Eugynol o regulador de fórmula científica que não só acalma as dores como combate as causas dos distúrbios tonificando os órgãos internos e evitando inflamações. Tratando-se com Eugynol a senhora poderá aproveitar melhor o seu tempo, tornando-se, assim, mais útil a si e ao país.

EUGYNOL

— o regulador perfeito!

JORNAL DAS MOÇAS

O caráter de doação remetido às mulheres é aqui também presente, pois, como há de se servir o Brasil da melhor maneira possível, faz-se alusão clara ao serviço vinculado às necessidades de guerra, como notamos na representação das personagens do anúncio em vestimentas com características militares. Não se aproveita melhor o seu tempo apenas para si, mas também ao chamado da nação, assim como sugere a propaganda.

4.3 SINTONIA DO *FRONT* COM A INDUMENTÁRIA CIVIL

As roupas femininas e todos os processos que envolvem sua produção e consumo não escaparam às contingências determinadas pela ocasião do conflito mundial. O fabrico de tecidos, o desenvolvimento de modelos e a confecção de peças foram prejudicados durante os anos em que se guerreava em solo europeu, pois voltavam-se as melhores matérias-primas como o couro e a seda para o uso em uniformes, botas e/ou paraquedas para os soldados. Exemplo disso se dá no fato do fechamento ou mesmo transferência das *maisons*³³ de Paris para outras localidades durante a ocupação alemã. Veillon (2014) narra os desafios da produção de moda na França em guerra, da escassez de materiais às soluções criativas, tanto quanto provocativas, dos remanescentes no ofício da moda em solo francês.

No Brasil, porém, que vivia situação material diferente das nações europeias, as questões relacionadas com a produção de vestimentas civis tomaram outros contornos. O contexto brasileiro trilhou caminhos que foram em direção ao aquecimento da indústria têxtil, mesmo que ainda incipiente, e uma maior valorização dos tecidos nacionais pela escassez dos produtos importados da França, por exemplo (BRAGA; PRADO, 2011).

Contudo, não apenas de discrepâncias e particularidades se fez o Brasil da época. A realidade brasileira construiu circunstâncias em que se aproxima das vistas em um contexto mais global, diretamente relacionado ao quadro das nações participantes do conflito, o que de fato era. Signos militares e elementos associados ao masculino compuseram os guarda-roupas civis de modo a veicularem ideias e propósitos concatenados aos desígnios de um Estado que se pretendia e demandava de seus cidadãos força, avidez e presteza.

A inclusão de peças comumente usada por homens, dentre as quais diversos exemplares militares, ao vestuário de mulheres, age no sentido de evidenciar uma militarização da mulher, indo de possibilidades mais ou menos masculinizadas. Assim como em Halberstam (2008), o corpo de mulheres também carrega a viabilidade de performar traços frequentemente associados à corporeidade de homens, encontrando no *Jornal das Moças*

³³ Casas de alta costura surgidas na França no século XIX. (VEILLON, 2004)

lugar para a representação de traços masculinos militarizados por meio de tendências da moda.

Os “corpos vestidos” atuam de forma a imprimir características diversas no masculino e no feminino a partir do destaque distinto de algumas regiões corporais e da utilização diferenciada de adornos, acessórios, tecidos e cores. O corpo e a moda vestimentar carregam, então, as marcas de gênero, as quais são produzidas cultural e historicamente (ASSUNÇÃO, 2016, p. 194).

Figura 17 – Que Marinha alucinante...



Fonte: Jornal das Moças 06.01.1944, p 5

Para o apoio às causas do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial, a exemplo dos países mais profundamente integrados à guerra, a incorporação de aspectos e detalhes militares nas roupas civis contribuíram para um sentimento de união, um elo que ligava os compatriotas aos soldados, que em campo de batalha lutavam pela proteção deles e seus ideais.

“Que marinha alucinante...” diz a chamada. A presença de garotas vestidas com indumentárias em clara alusão aos combatentes representa bem a incorporação de signos militares conectando-os com os civis. Há o apelo para a elegância e a beleza na construção de uma estética que valoriza os aspectos guerreiros, até para os setores femininos, que não apenas deveriam contemplar essa aparência nos homens, mas também integrar e vestir-se dentro dessa feição, aqui com a Marinha dos Estados Unidos como modelo.

O visual marcial é descrito como “moderníssimo” e “chic”, já que ele é utilizado pela “armada mais linda que há”, retratada pelas sobrinhas do “Tio Sam” presentes na foto, e que estão lá para servirem de padrão para as leitoras do jornal copiarem, convergindo com a ideia de estreitar os laços entre as fileiras e os compatriotas por meio de signos e de uma estética combatente.

O conflito se mostra com as mais horrendas faces nos campos de batalha, mas cativa e com entusiástica beleza e encanto nas páginas do *Jornal das Moças*. Adaptam-se os trajes projetados e constituídos para as mais difíceis condições, impregnados com símbolos viris da disciplina e docilidade física, da violência espalhada pelos teatros de operações nas paisagens, nas expressões e corpos dos envolvidos, para um caminho que trilha a graça e a formosura nos modelos que desse cenário se desenham.

Componentes comuns em uniformes de guerra, como os cintos usados na marcação da cintura por cima de casacos e jaquetões, aparecem enquanto sugestões na composição de um visual ideal para momentos de leveza. Os utensílios de guerra se traduzem, por exemplo, em bolsas-tiracolo, orientadas em forma semelhante às ostentadas por soldados no *front* para guardarem seus apetrechos, como o cantil, e análogos a uma cartucheira.

Na reportagem ilustrada da Figura 18, toda a ressignificação de elementos componentes e remetidos a um quadro de barbárie, capitaneados pelos valores da virilidade, se sintetizam e se apresentam. Desde a postura da modelo, que posa para a foto com um ar despreocupado e ameno, parecendo alheia do conflito o suficiente para assim estar, mas ainda atrelada ao campo de batalha pelos marcas militares que carrega em sua roupa. Como a passagem que acompanha as imagens versa: “é este um traje ideal para veraneio”; ideal no

sentido de favorecer o passeio, como também no de veicular e substanciar uma releitura feita da estética do soldado.

Figura 18 – Inspirações diretas do *front*

A guerra tem inspirado nos modistas as mais variadas gestões e extravagantes criações. É ela — horrorosa em seu tempo de batalha — que dá origem ao conteúdo dessa página. Phalpe Associações é o responsável por esta série de camisas, com tiras, bem combinada com as meias escuras e o casaco de lã. O estilo é de estilo medieval, largo, de cor, e a bolsa aferrada, na cintura, lembra as antigas marchadeiras. É este um traje ideal para veraneio.




A bolsa-sacola e o cinto da mesma foto são, também, uma criação de Phalpe Associações de São Paulo. O cinto é de um estilo medieval, lã-tiracolo, apertado, na forma da insignia do colar, segundo da arteficial e é feita por uma trilha bem vistosa. Encomendado a Jornal das Moças, por intermédio de Gypsa.

PANSEXOL - Feminino (EM DRÁGEAS)
 científica faz rejuvenescer e equilibrar a função vital da mulher.
 Fórmula do professor Austregésilo.
 Produtos PANVITAL — Rua da Estrela n. 6 — Rio de Janeiro

JORNAL DAS MOÇAS

Homenageia-se as provações as quais as tropas tem de passar ao enfrentar as linhas inimigas. Enquanto “os comboios para leste formarão na história uma página das mais gloriosas” ao marcharem para dentro das defesas nazi-fascistas na Europa, são idealizados chapéus que visam proteger da chuva, e capotes que têm por função acalentar o frio do inverno, a exemplo dos utilizados em combate, que enfrentaram situações de “terríveis temporais e bombardeios”. A originalidade e graciosidade são trazidas à tona, pois se para soldados em plena luta seria perigoso usar algo demasiado esiloso, em momentos de distração (comparados com “vãos de reconhecimento”) os chapéus mostrados na Figura 18 caem muito bem, segundo a publicação.

Como em Veillon (2004), os chapéus, no período da ocupação alemã na França³⁴, são usadas pelas francesas como peças funcionais para comunicarem visualmente suas aspirações, em tempos de escassez e restrição ao acesso de materiais e austeridade no vestir.

Com a implantação das primeiras medidas em relação ao vestuário, que restringem seriamente a diversidade de seu guarda-roupa, as mulheres buscam em torno de si uma compensação para sua docilidade forçada e se voltam para suas modistas, que se tornam cúmplices de seu desejo. Muitas delas, de fato, apostaram nas criadoras para dar um toquee graça e fantasia à sua indumentária. O que importa se o *tailleur* ou o sapato do ano passado estão um pouco surrados? Nesse mundo onde reina a escassez, cabe ao chapéu – que, em todas as épocas, mesmo a mais difícil, simbolizou a arte da criação – imprimir a nota do momento (VEILLON, 2004, p. 114).

É pelo chapéu que muitas francesas têm a única possibilidade material de demonstrar elegância, sendo veículos muito importantes de incorporação de signos de resistência e protestos contra as tropas de ocupação alemãs, desfilados muitas vezes com tamanhos e formas exageradas.

O chapéu consola uma época sem sorrisos, quando não, ao se optar por uma farsa, por ser um jeito de zombar do ocupante, uma espécie de provocação no nariz e na cara do mundo: “o senhor do momento” é ele. Muitas opiniões são unânimes: “as mulheres muito bonitas parecem troçar dos alemães com suas toaletes vaporosas” cujo insturmento número um é o chapéu (VEILLON, 2004, p. 119).

A moda para os chapéus e a visualidade militar são encontrados em consonância nos modelos sugeridos pela seção “Jornal da Mulher”. Como nas coleções de inverno francesas a

³⁴ Período em que as forças nazistas ocuparam a porção Norte do território francês de 1940 até 1944, durante a segunda Guerra Mundial (HOBSBAWM, 1995).

partir de 1940, também no *Jornal das Moças*, “[...] o chapéu de feltro reina por toda parte: marrom, vermelho, preto, verde-garrafa e com copa cônica ou pontuda.” (VEILLON, 2004, p. 112). As disposições da elegância feminina associada com elementos militares e masculinos, aparecem na forma de moldes de chapéus como nas figuras 19 e 20.

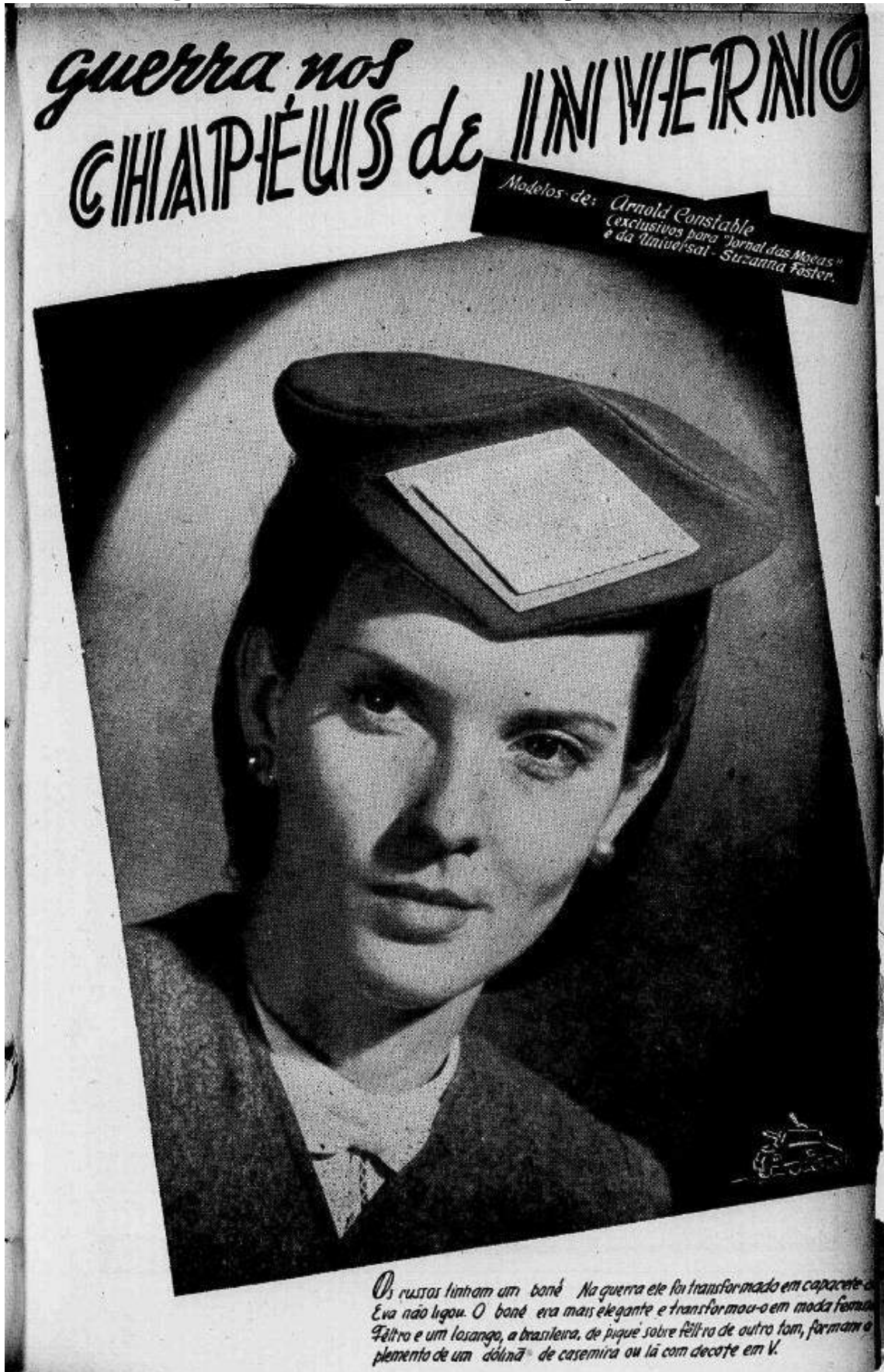
De maneira geral, os componentes das indumentárias de guerra dos países que lutavam como “liberadores” ao lado dos aliados, serviram como base para as incorporações e ressignificações presentes no *Jornal das Moças*. Até mesmo bonés de origem soviéticos transformados por seus soldados em capacetes para guerra aparecem como inspirações para modelos, carregando ainda uma brasilidade, porposta na composição feita com um losango na frente do chapéu, em muito se assemelhando a estrutura presente na bandeira nacional.

Figura 19 – Influências da Guerra nos chapéus de inverno



Fonte: *Jornal das Moças* 12.07.1945, p.19b

Figura 20 – Influências da Guerra nos chapéus de inverno 2



Mesmo sendo uma publicação voltada essencialmente ao público feminino, o *Jornal das Moças*, em diversas ocasiões, acionava para a moda masculina direta ou indiretamente, pois em muito seu mote compreendia justamente a relação da qual seu público-alvo deveria manter com seus maridos, filhos ou pretendentes amorosos, assim, mesmo que não escritas propriamente para leitores masculinos, tinham muitas vezes a visão masculina de como deveria se portar uma mulher desejável aos olhos masculinos, pois, produzidas em sua maioria por homens, os artigos tratavam de como coser e cuidar dos trajes masculinos.

É notável durante todos os números analisados, impressos ao longo dos anos entre 1944 e 1945, a persistência também de moldes para roupas a serem confeccionados para homens, não com um caderno especial dentro da publicação como o “Jornal da Mulher”, editado por uma mulher, mas espalhados pelas páginas sem um padrão específico, encontrando-os em qualquer altura, seja em início, meados, ou ao fim dos números do jornal.

Figura 21 – Jaqueta para homem: inspiração militar



Fonte: Jornal das Moças 12.07.1945, p. 10

Os elementos do vestuário masculino são alvo de empréstimos para o guarda-roupa feminino. As traduções das indumentárias ajustadas ao masculino não se reduzem somente no que tange aos trajes propriamente de combate, mas da mesma forma, àquelas de que se fazem uso no jogo político da diplomacia e da negociação.

Partindo do entendimento do traje como instrumento que, em conjunto ao corpo, tem uma capacidade ressignificante e de alteração da forma corporal, materializando diferentes traços e feitos de sentido e identidade, concebe-se que:

[...] as formas de ser e viver a masculinidade e a feminilidade são ensinadas e estão sujeitas ao uso de determinados códigos que identificam o que é permitido e o que é proibido em cada contexto cultural. Ao ser utilizado por um corpo, o vestuário faz parte dos recursos de adequação às normas, empregados pelos sujeitos, podendo servir também como um mecanismo de subversão, quando desvia das regras estabelecidas (ASSUNÇÃO, 2016, p. 5).

Figura 22 – Estilos guerreiros mas... femininos



Entretanto, a introdução de peças de trajes masculinos por imagens de mulheres é manifestada no *Jornal das Moças* em um sentido ambíguo. Comporta-se a sugestão de linhas masculinizadas por mulheres, significando seus corpos com signos associados ao militarismo, por exemplo, mas que, contudo, aparece com ressalvas, assim como o anúncio da Figura 22 revela: ‘Estilos guerreiros mas...femininos’. A chamada permite que se pretenda aparentar guerreira, mas sem perder de vista a feminilidade tradicional, oposta aos sentidos mais agressivos de um estilo militar.

Esse contato estabelecido entre as fronteiras do masculino e do feminino do ‘corpo vestido’³⁵, aproximando a silhueta feminina a uma forma mais masculinizada, é percebida em tendências internacionais, das quais o *Jornal das Moças* se fundamentava para reproduzir modelos e visuais em seus cadernos de moda (ALMEIDA, 2008)

A criadora de moda Coco Chanel³⁶ é tomada como exemplo:

As vestes podem denunciar inconformidades questionando conceitos e normas, criando novas linguagens e tornando visíveis outros modos de viver que fogem do padrão. Coco Chanel, neste sentido, ao longo da sua vida procurou construir o seu próprio modo de vestir, reflexo da sua história, de suas crenças e do seu tempo. A estilista construiu a sua moda em um espaço ambíguo, em que as representações de masculino e feminino conviviam (ASSUNÇÃO, 2016, p. 197).

Chanel, ao longo da primeira metade do século XX, constrói uma silhueta que atravessa adornos e vestimentas para o período, confusas entre os gêneros, centrada na ambiguidade da apropriação por uma imagem feminina da moda masculina, estranhada em um primeiro momento pela sociedade, mas que se consagra posteriormente como um paradigma de visualidade feminina.

Pelos biógrafos, Chanel é descrita com traços de ambiguidade⁵, pois transgredia as fronteiras de gênero movida por seu desejo de igualdade entre homens e mulheres. O seu “corpo vestido” desafiava as normas estabelecidas de comportamento e aparência a partir de uma pluralidade instigante que desestabilizava a ordem binária e classificatória, sobretudo da primeira metade do século XX, período em que criou a sua moda e adquiriu prestígio. (ASSUNÇÃO, 2016, p. 199).

³⁵ Termo utilizado para designar o entendimento do corpo enquanto produto social e cultural que adquire novos significados por meio da utilização de trajes. (ASSUNÇÃO, 2016).

³⁶ Criadora de moda e estilista francesa que viveu de 1883 à 1971 e se notabilizou mundialmente por suas criações para mulheres que dialogavam entre o guarda-roupas masculino e feminino (VEILLON, 2004).

Figura 23 – Traços masculinos



Figura 24 – Traços masculinos 2



Os traços masculinos podem ser vistos na textualidade e na imagética. Compõem-se visuais que conduzem peças como gravatas e jaquetas, tradicionalmente alinhados ao vestuário masculino e ocasiões formais (como a gravata) à órbita das possibilidades da visualidade do guarda-roupas das mulheres. O cinto que marca a cintura, a estampa em risca de giz, saias-calças e a utilização de pregas macho para a confecção dos modelos afirmam ainda mais os aspectos de masculinização do guarda-roupa civil feminino.

Peças emprestadas da órbita viril vertem através dos poros das fronteiras entre o masculino e o feminino, comunicando na forma de vestuário determinações que seguem a linha da significação do corpo feminino com traços da masculinidade, alimentando-se de imagens advindas das disciplinas e estéticas presentes nos campos de batalha e conferências diplomáticas da Segunda Guerra Mundial.

O formato dos ombros dos modelos é diretamente relacionado aos uniformes militares. O período de guerra trouxe consigo formas retas de ombros mais quadrados, com cortes inspirados nas fardas, militarizando modelos como das figuras número 23 e 24 (PEREZ; CURCINO, 2014).

Por entre as aparências constituídas conjuntamente pelos trajes e pela materialidade dos corpos, averígua-se, correspondentemente com a órbita de influência cultural dos Aliados, ao qual o Brasil se alinhou durante a Segunda Guerra Mundial, a incorporação de signos masculinos representados pela figura de mulheres também foi sensível. O *Jornal das Moças* não fugiu desse cenário, veiculando representações que perpassam o uso de vestidos, chapéus e adornos, estabelecendo um diálogo constante, mesmo que sutil, entre as fronteiras da moda masculina e feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez a mais sensata consideração acerca do trabalho realizado seria a pluralidade de possíveis perspectivas e interpretações que ao objeto cabem. Pelo caráter multifacetado do *Jornal das Moças*, atuante em inúmeras frentes jornalísticas e culturais, da moda ao comportamento, da literatura ao cinema, que, como se vê, é perfil constante nas publicações direcionadas ao público femininas, e ainda pela complexidade do tempo histórico dos anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), abrem-se as mais diversas possibilidades de análises e visões.

Um ponto, porém, é indubitavelmente perceptível: os horizontes de observação que se desenham para os estudos de gênero são abundantes. Não por acaso, o *Jornal das Moças* já foi tema de várias abordagens referentes às feminilidades, como atesta a própria bibliografia utilizada como apoio para a feitura desse texto.

Para as masculinidades, mesmo que em menor volume em relação às possibilidades acerca do feminino, tanto o tema, a fonte, como a abordagem, mostraram-se profícuos, captando representações visuais e comportamentais de propostas adequadas para as masculinidades, como a conduta e aparência militar, assim como, lançando-se pelas entrelinhas em meio ao silenciamento, alternativas para esse discurso, como a figura do malandro.

Pode-se assim postular que, por meio dessa perspectiva, foi possível apreender que os periódicos femininos, condensados nos exemplares do *Jornal das Moças* durante os anos de 1944 e 1945, veicularam representações de masculinidades, mesmo que por propósito primeiro e diretamente não o intentasse fazê-lo. Os discursos engendrados na relação entre femininos e masculinos no periódico durante a Segunda Guerra Mundial, disseminaram modelos de masculinidade fortemente ligados à emergência de uma estética militar cara ao contexto beligerante da época.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de, *et al.* **Dicionário histórico- biográfico brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.
- ALBUQUERQUE, Dálete C. S. Heitor de. O discurso estabelecido na revista *Jornal das Moças*. **Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural** – Escrita, circulação, leituras e recepções. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Dalete%20C%20S%20Heitor%20de%20Albuquerque.pdf>>. Acesso em: jan. 2017.
- ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das Moças: Leitura, civilidade, e educação femininas (1932-1945)**. Tese de Doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.
- ASSUNÇÃO, Leticia Formoso. “Corpos vestidos”: a silhueta feminina [re]significada de Coco Chanel. **Revista Dobras**. São Paulo, v. 9, n. 20, 2016, pp. 192-202. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/484/434>>. Acesso em: jan. 2017.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade**. v.3. A virilidade em crise? São Paulo: Editora Vozes. 2013.
- BARROS DE ARAUJO, Ivan Christie. **Os uniformes de combate da Força Expedicionária Brasileira: Contribuições para atuais e futuras demandas logísticas do Exército Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Ciências Militares). Rio de Janeiro: Escola Marechal Castello Branco, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2014.
- PINSKY, Carla Bassanezi. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal. De trajetórias e sentimentos. In: **Cadernos Pagu**, nº 1. Campinas, UNICAMP, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BRAGA, João; PRADO, Luís Andre. **História da moda no Brasil: Das influências às autorreferências**. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.
- BRITO, Mozar José de; PEREIRA, Valéria da Glória. Socialização organizacional: a iniciação na cultura militar. In: **Revista de Administração Pública**, 30(4), 138-165, 1996.
- BURGOS DÍAZ, Elvira. **Qué cuenta como una vida: La pregunta por la libertad en Judith Butler**. Madrid: Antonio Machado Libros, 2008.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida N. (Orgs). **O Brasil republicano 2: o tempo no nacional estatismo**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.

- CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: SENAC, 2008.
- CASTILHO, Katia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a escrita do tempo**. Belo Horizonte – MG: Autentica Editora, 2009.
- CONNELL, Raewyn W. **Masculinities: Knowledge, power and social change**. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.
- CRAICK, Jennifer. A política cultural do uniforme. In: **Fashion Theory**, v.2, n.2, p.5-26, jun. 2003.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: SENAC, 2006.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra**. A mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial Universidade de São Paulo, 2000.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.
- GOELLNER, Silvana. **Bela, Feminina e Maternal: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad femenina**. Madrid: Egales Editorial, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNTINGTON, Samuel P. **O Soldado e o Estado**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1996.
- KUSTER, Eliana. Desejo de cinema, desejo de modernidade. **Revista Tempo Social**, São Paulo, n. 31, v. 27, 2015, pp. 217-237. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/103363/101816>>. Acesso em: jan. 2017.

- LATFALLA, Giovanni. **O General Góes Monteiro e as negociações militares Brasil/Estados Unidos – 1938 - 1945**. Dissertação de Mestrado. Vassouras – RJ: Universidade Severino Sombra, 2011.
- LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MARTINI, Nelson Minello. Masculinidades: um concepto em construcción. **Nueva Antropología**, Cidade do México, v. 18, n. 61, set. 2002, pp. 11-30. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15906101>>. Acesso em: jan. 2017.
- MATOS, Cláudia. **Acertei no milhar: Samba e Malandragem no tempo de Getúlio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MELLO, Frederico Pernambuco de. **A guerra total de Canudos**. São Paulo: A Girafa, 2007.
- MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.
- MORAIS-ALEXANDRE, Paulo. **A moda e o traje militar no século XVII**. In: II Colóquio de História Militar, 1991, Lisboa. p. 169-174.
- NASCIMENTO, Fernanda de Santos. **A revista A Defesa Nacional e o projeto de modernização do Exército Brasileiro (1931-1937)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida N. (Orgs). **O Brasil republicano 2: o tempo no nacional estatismo**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.
- PASCUAL, Rosario Otegui. La construcción social de las masculinidades. In: **Política y Sociedad**, Madrid, n. 32, 1999, pp. 151-160. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/viewFile/POSO9999330151A/24698>>. Acesso em: jan. 2017.
- PEREIRA, Caetana de Andrade Martins. Heterossexualidade compulsória: uma análise de modos de sublaternização na revista *Jornal das Moças*. **História, histórias**. Brasília, v. 1, n. 5, 2015, pp. 151-163. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/viewFile/14849/12270>>. Acesso em: jan. 2017.
- PEREZ, Leonardo; CURCINO, Luzmara. Construindo ombros fortes: a roupa ressignificando o corpo feminino. In: **RUA [online]**, n. 20, v. 1, 2014, pp. 19-34. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/lerArtigo.rua?pdf=1&id=213>>. Acesso em: jan. 2017.
- PIRES, Herculanum Ghirello. **Mulheres e roupas: as feministas da Federação Brasileira pelo Progresso feminino (1922-1936)**. Dissertação de Mestrado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2016.

PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII – XVIII)**. São Paulo: SENAC, 2007.

RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e Mocinhas: Moda na Literatura Brasileira do Século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SALUN, Alfredo Oscar. Notícias sobre o Brasil na guerra e a criação da FEB. In: OLIVEIRA, Dennison de; ROSTY, Cláudio Skora. **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial: estudos e pesquisas**. Rio de Janeiro: DECEEx, 2012.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O imperativo da beleza no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M. B.; COSTA, Vanda M. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SIMILI, Ivana G. **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas**. SP: Edunesp, 2008a.

_____. Educação e produção de moda na Segunda Guerra Mundial: as voluntárias da Legião Brasileira de Assistência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, jul./dez. 2008b. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200019>>. Acesso em: mar. 2016.

_____. Educação e Moda: Uniformes de Enfermagem na Segunda Guerra Mundial. **Moda Palavra E-periódico**, Florianópolis, Ano 3, n. 6, jul.-dez. 2010, pp. 80-102. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7942/5489>>. Acesso em: mar. 2016.

VEILLON, Dominique. **Moda & guerra: um retrato da França ocupada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FONTES

JORNAL DAS MOÇAS, janeiro de 1944, nº 1490. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, janeiro de 1944, nº 1493. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, fevereiro de 1944, nº 1494. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, março de 1944, nº 1499. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, abril de 1944, nº 1506. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, junho de 1944, nº 1512. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, junho de 1944, nº 1513. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, julho de 1944, nº 1516. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, julho de 1944, nº 1517. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, julho de 1944, nº 1519. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, agosto de 1944, nº 1520. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, agosto de 1944, nº 1521. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, setembro de 1944, nº 1525. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, setembro de 1944, nº 1526. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, outubro de 1944, nº 1529. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, outubro de 1944, nº 1530. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, janeiro de 1945, nº 1543. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, fevereiro de 1945, nº 1546. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, abril de 1945, nº 1557. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, julho de 1945, nº 1569. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, julho de 1945, nº 1571. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, agosto de 1945, nº 1572. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, agosto de 1945, nº 1573. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, agosto de 1945, nº 1574. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, agosto de 1945, nº 1575. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.